



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO PROGRAMA**  
**DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO E MEIO**  
**AMBIENTE**

**CAMILLA BARROSO SALES**

**ECOVILA E PERMACULTURA: UMA NOVA FORMA DE VIVER**

**FORTALEZA**

**2017**

CAMILLA BARROSO SALES

ECOVILA E PERMACULTURA: UMA NOVA FORMA DE VIVER

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente do Centro de Ciências, da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Gema Galgani  
Silveira Leite Esmeraldo.

Co-Orientador: Prof. Dr. Marcondes  
Araujo Lima.

FORTALEZA

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

- S155e Sales, Camilla Barroso.  
Ecovila e Permacultura : Uma Nova Forma de Viver / Camilla Barroso Sales. – 2017.  
146 f. : il. color.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação,  
Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente, Fortaleza, 2017.  
Orientação: Prof. Dr. Gema Galgani Silveira Leite Esmeraldo.  
Coorientação: Prof. Dr. Marcondes Araujo Lima.
1. Sustentabilidade. 2. Ecovila. 3. Permacultura. I. Título.

CDD 333.7

---

CAMILLA BARROSO SALES

ECOVILA E PERMACULTURA: UMA NOVA FORMA DE VIVER

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente do Centro de Ciências, da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Gema Galgani Silveira Leite Esmeraldo.

Aprovada em \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Gema Galgani Silveira Leite Esmeraldo (Orientadora)

Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof. Dr. Marcondes Araújo Lima (Co-orientador)

Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Kelma Socorro Lopes de Matos

Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr. Amando Candeira Costa Filho

Universidade de Fortaleza (UNIFOR)

À todas as pessoas que sonham com um mundo melhor.

## AGRADECIMENTOS

A Deus e a todas as hierarquias do Bem por terem me proporcionado essa rica experiência, que tanto me fortaleceu e tanto me proporcionou aprendizados para a vida toda. Gratidão especial aos meus pais Fernando e Jaqueline pelo amor incondicional, por acreditarem em mim e por me darem todo apoio necessário para que essa pesquisa fosse realizada.

À minha irmã e melhor amiga Fernanda Rocha pela linda pintura em aquarela da capa, por me ajudar na arte gráfica, nos mapas, nos detalhes, nas ideias! Obrigada pela dedicação. À minha vizinha, Juvelina, por todo o afeto.

À Inkiri Piracanga pela colaboração na pesquisa e por todos os aprendizados que me abriram percepções e sensações nunca antes alcançadas.

Gratidão à Angelina, Maíra, Bruno, Juli, Paulina, Andrey, Raphaela, Diego, Vanessa, Carlos, Pedro, Zaida, Analu e todos da Comunidade Inkiri, pela disponibilidade de contribuir para a pesquisa e pelo acolhimento e carinho.

Aos amigos da Casa Floresta, participantes da Imersão em Permacultura e Vida Comunitária, realizada em setembro de 2016, pelos momentos de contemplação e alegria e pela amizade sincera.

Gratidão à minha querida orientadora, professora Gema Galgani Esmeraldo, que me inspira por sua leveza e sabedoria. Obrigada por ter acreditado na força desse estudo e pela orientação que transcendeu o âmbito da pesquisa acadêmica.

Ao Núcleo de Estudos, Experiências e Pesquisas em Agroecologia (NEEPA) por ter me proporcionado ricas experiências junto aos agricultores e agricultoras do interior do Ceará e em Recife.

Agradeço, de coração, ao meu co-orientador, professor, Marcondes Araújo - permacultor de longas datas -, que me ajudou a idealizar o trabalho desde o início e sempre me incentivou. Grata pela dedicação, generosidade e pela força em seguir com o movimento permacultural na Academia.

À professora Kelma Matos pela participação no meu exame de qualificação e na banca. Gratidão, também, pelas vivências em sala de aula, que mudaram a forma de me relacionar comigo mesma e com meus familiares.

Ao professor Amando por ter aceitado o convite para fazer parte da banca.

Muito obrigada!

Aos colegas do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente – ProdeMa pela amizade e incentivo.

Finalmente, ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela concessão da bolsa de mestrado, por tornar viável financeiramente a pesquisa

Devemos, de agora em diante, investir toda a nossa energia na construção de nossas condições (TAVARES, 1985).

## RESUMO

O objetivo geral dessa pesquisa é analisar as relações das atividades da Inkiri Piracanga com os princípios e as atividades permaculturais praticadas nessa comunidade ecológica. O objeto de estudo escolhido é a Ecovila de Piracanga, especificamente a Inkiri Piracanga, localizada em Maraú, no litoral sul da Bahia. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, com estudo de caso, no qual foram realizadas entrevistas semi-estruturadas e observações diretas das atividades da Inkiri Piracanga e das relações ser humano-natureza, em visitas de campo, realizadas em outubro de 2015 e setembro de 2016. Comunidade Inkiri constitui a “comunidade núcleo” e Inkiri Piracanga corresponde às dimensões onde ela atua dentro da Ecovila. Foram analisadas as dimensões social, ambiental, econômica e espiritual/cultural da Inkiri Piracanga, seguindo os aspectos da Global Ecovillages Network (GEN). A vida em Piracanga implica vivenciar rotinas e hábitos não convencionais, o que sugere reconsiderações e até desconstruções de padrões (insustentáveis) de vida. A Permacultura é considerada um estilo de vida, um meio de alcançar o crescimento espiritual através dos cuidados com a natureza. Inkiri Piracanga propõe um estilo de vida de baixo impacto ambiental que impulsiona uma nova forma de viver com a natureza e com as pessoas.

**Palavras-chave:** Sustentabilidade. Ecovila. Permacultura.

## ABSTRACT

The general objective of this research is to analyze the relations of Inkiri Piracanga activities with the principles and the permaculture activities practiced in the ecological community. The object of study chosen is Ecovila de Piracanga, specifically the Inkiri Piracanga, located in Maráu, on the southern coast of Bahia. This is a qualitative research, with a case study, in which semi-structured interviews and direct observations of the activities of Inkiri Piracanga and of man-nature relations were carried out during field visits in October 2015 and September 2016. Inkiri Community constitutes the "core community" and Inkiri Piracanga corresponds to the dimensions where it operates within the Ecovila. The social, environmental, economic and spiritual / cultural dimensions of Inkiri Piracanga were analyzed, following the aspects of the Global Ecovillages Network (GEN). Life in Piracanga implies experiencing routines and unconventional habits, which suggests reconsiderations and even deconstruction of (unsustainable) patterns of life. Permaculture is considered a way of life, a means of achieving spiritual growth through caring for nature. Permaculture is considered a way of life, a means of achieving spiritual growth through caring for nature. Inkiri Piracanga proposes a lifestyle of low environmental impact that drives a new way of living with nature and with people.

**Key-words:** Sustainability. Ecovillage. Permaculture.

## LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – Ecovila de Piracanga no Brasil .....	63
Mapa 2 – Localização da Ecovila de Piracanga .....	64

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – O Matrimandir em Auroville .....	50
Figura 2 – O símbolo da Permacultura .....	54
Figura 3 – A “Flor da Permacultura” .....	56
Figura 4 – Componentes para o design permacultural .....	57
Figura 5 – Vista superior de Piracanga .....	62
Figura 6 – Vivência com Crótalo Sésamo em 2011 .....	72
Figura 7 – Parte frontal de Piracanga.....	83
Figura 8 – Oca Moksha durante uma atividade do Projeto Escola da Natureza .....	84
Figura 9 – Oca Templo das Rosas .....	85
Figura 10 – Espaço Açaí em dia de festa .....	86
Figura 11 – Feira livre .....	87
Figura 12 – Recepção .....	87
Figura 13 – Loja Templo das Águas .....	88
Figura 14 – Centro de Permacultura .....	91
Figura 15 – Placas solares em uma das residências da Comunidade Inkiri .....	100
Figura 16 – Banheiro seco com dois compartimentos .....	103
Figura 17 – Corte esquemático do tanque de evapotranspiração.....	104
Figura 18 - Centro de coleta seletiva da Inkiri Piracanga .....	105
Figura 19 – Construção feita de tijolos de garrafas PET .....	106
Figura 20 – Reciclagem em Piracanga .....	107
Figura 21 – Centro de Compostagem .....	110
Figura 22 – Berçário Florestal .....	113
Figura 23 – Banheiro seco construído com taipa e tijolos de PET .....	116
Figura 24 – Construção sendo realizada com taipa. ....	117
Figura 25 – Dança circular nas margens do Rio Piracanga .....	133

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

<b>ABRASCA</b>	Associação Brasileira de Comunidades Alternativas
<b>ABP</b>	Associação Brasileira de Psiquiatria
<b>BET</b>	Bacia de Evapotranspiração
<b>CNPq</b>	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
<b>ENA</b>	Rede de Ecovila das Américas
<b>ENCA</b>	Encontro Nacional das Comunidades Alternativas
<b>GEN</b>	Global Ecovillage Network (Rede Global de Ecovilas)
<b>GEPPE</b>	Grupo de Estudos e Práticas em Permacultura
<b>NEEPA</b>	Núcleo de Estudos, Experiências e Pesquisas em Agroecologia
<b>NEPPSA</b>	Núcleo de Estudos e Práticas Permaculturais do Semiárido
<b>ONG</b>	Organização Não Governamental
<b>ONU</b>	Organização das Nações Unidas
<b>SAF</b>	Sistemas Agroflorestais
<b>PANC's</b>	Plantas Alimentícias não Convencionais
<b>TeVAP</b>	Tanque de Evapotranspiração
<b>UFC</b>	Universidade Federal do Ceará
<b>IPB</b>	Instituto de Permacultura da Bahia
<b>IPC</b>	Instituto de Permacultura e Ecovilas do Ceará
<b>IPEC</b>	Instituto de Permacultura do Cerrado
<b>PDC</b>	Permaculture Design Course (Curso de Design em Permacultura)
<b>UECE</b>	Universidade Estadual do Ceará

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>1.1</b>	<b>Caminhos da pesquisa</b> .....	12
<b>1.2</b>	<b>Percursos Metodológicos</b> .....	16
<b>2</b>	<b>VIVER CONTEMPORÂNEO</b> .....	21
<b>2.1</b>	<b>Vida Insalubre</b> .....	21
<b>2.2</b>	<b>Crise Civilizatória e Habitacional</b> .....	27
<b>3</b>	<b>POR UMA NOVA FORMA DE (CON) VIVER</b> .....	33
<b>3.1</b>	<b>Ressignificando o Ambiente: Novas Formas de Habitar</b> .....	33
<b>3.2</b>	<b>Inconformismos e o surgimento das Ecovilas</b> .....	37
<b>3.3</b>	<b>A Permacultura: uma nova perspectiva de sustentabilidade</b> .....	52
<b>4</b>	<b>UM OLHAR SOBRE A INKIRI PIRACANGA</b> .....	62
<b>4.1</b>	<b>Contexto, Localização e Aspectos físicos</b> .....	62
<b>4.2</b>	<b>Dimensões de uma Ecovila de acordo com a Rede Global de Ecovilas</b> .....	65
<b>4.2.1</b>	<b><i>Dimensão Social</i></b> .....	66
<b>4.2.1.1</b>	<i>Como tudo Começou</i> .....	66
<b>4.2.1.2</b>	<i>A Comunidade Inkiri: da semente à geração dos frutos</i> .....	70
<b>4.2.1.3</b>	<i>A natureza mutável da Comunidade</i> .....	78
<b>4.2.1.4</b>	<i>O “Sonho Inkiri”</i> .....	81
<b>4.2.1.5</b>	<i>O Centro Inkiri: estruturas e projetos</i> .....	82
<b>4.2.2</b>	<b><i>Dimensão Ambiental</i></b> .....	94
<b>4.2.2.1</b>	<i>A Permacultura como Estilo de Vida</i> .....	94
<b>4.2.2.2</b>	<i>Soluções para energia: o sol como principal recurso</i> .....	99
<b>4.2.2.3</b>	<i>Água e Esgoto: incluindo-se nos ciclos naturais</i> .....	101
<b>4.2.2.4</b>	<i>Resíduos Sólidos: reciclar reusar e reduzir</i> .....	104
<b>4.2.2.5</b>	<i>Alimentos: fortalecendo o solo e o desenvolvimento local sustentável</i> .....	110
<b>4.2.2.6</b>	<i>Habitação: a casa que abriga o sonhador</i> .....	114
<b>4.2.3</b>	<b><i>Dimensão Econômica</i></b> .....	118
<b>4.2.3.1</b>	<i>Percursos históricos da economia da Inkiri Piracanga</i> .....	118
<b>4.2.3.2</b>	<i>As relações na economia da Inkiri Piracanga: percepções com o dinheiro e formas de geri-lo</i> .....	122
<b>4.2.3.3</b>	<i>A “nova economia” da Inkiri Piracanga: a natureza como fonte inspiradora</i> ...	126
<b>4.2.4</b>	<b><i>Dimensão Espiritual/Cultural</i></b> .....	129

4.2.4.1	<i>O mergulho na natureza interna: a espiritualidade como o alicerce.....</i>	129
4.2.4.2	<i>A prática da permacultura como um meio de “espiritualizar a matéria”.....</i>	134
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>137</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>141</b>
	<b>APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO .....</b>	<b>149</b>
	<b>APÊNDICE B – UM BREVE PANORAMA DA PERMACULTURA NO CEARÁ.....</b>	<b>152</b>

# 1 INTRODUÇÃO

## 1.1 Caminhos da pesquisa

Este trabalho trata de uma pesquisa que propõe a análise sobre uma forma mais plena de viver sobre a terra. Um viver pautado no Amor consigo mesmo e com o próximo; na potencialização das aptidões instintivas – para o que *realmente* faz feliz; no exercício diário de olhar para dentro de si; no reconhecimento da humanidade, não simplesmente como parte integrante da natureza, mas como natureza, na sua inteireza. As Ecovilas estão sendo formadas como campos experimentais que demonstram algumas possibilidades para se chegar à plenitude do viver<sup>1</sup>. E a Permacultura, que são paisagens projetadas que reproduzem padrões encontrados na natureza, aproxima o indivíduo com o meio natural que o cerca, sendo um instrumento para cada um se perceber dentro dos processos produtivos e interativos naturais.

Ecovila e Permacultura são temas relativamente recentes, com os quais desenvolvi uma íntima relação. Sempre questionadora, desde “pequena” me perguntava sobre o real sentido da vida. A ideia de crescer e me tornar adulta chegaram a ser angustiantes durante uma fase da infância. Imaginava que me tornar adulta era perder a espontaneidade. Qual o sentido de trabalhar o dia inteiro, chegar cansado e ir logo dormir? – perguntava-me. Era como corpos que se permitiam alguns momentos de lazer cronometrados pelo relógio. E eu não queria ser assim “quando crescesse”. Não queria esquecer de mim. Materializei o meu receio e a minha vontade de potência de vida numa coleção de mini Kombis que iniciei nessa época.

A Kombi simboliza a liberdade espiritual, política, social e cultural em muitos países e esse arquétipo veio com os *beatnicks*<sup>2</sup> e, logo depois, com o Movimento *Hippie* nos anos 1960/1970. Os jovens encontravam na Kombi a materialização de seus sonhos de viajar pelo mundo e serem livres. Não foi diferente comigo, talvez porque fui influenciada por filmes como *Hair* e *Jesus Christ Superstar*, os quais embalaram a minha infância/adolescência. Guardo com afeto a coleção nos dias atuais e quando olho para as

---

<sup>1</sup> Refiro-me, com esse termo, à busca pela felicidade de cada indivíduo. Essa busca parte da libertação do nosso verdadeiro potencial de vida, no que diz respeito aos dons e talentos de cada ser, desprendendo-se de amarras causadas por padrões de conduta impostos pela sociedade. Fazendo parte dessa libertação, há a procura do crescimento espiritual como alicerce para o amor com o próximo e consigo mesmo, visando alcançar a sustentabilidade em todos os níveis.

<sup>2</sup> Eram poetas, transgressores das leis vigentes, boêmios e errantes que se inspiravam em escritores como Jack Kerouac, autor do livro *On the road*, e William S. Burroughs, autor de *The naked lunch*. As drogas eram parte integrante das narrativas e quem as lia procurava seguir o estilo de vida proposto pelas obras, que negava os valores capitalistas (CAPELLARI, 2007)

Kombis, lembro de não me entregar totalmente aos valores defendidos por essa sociedade que acredita que o ter é mais do que o ser.

Nasci e fui criada no meio urbano, vivendo com todo o caos da metrópole contemporânea. Apesar de toda a anunciada potencialidade dos grandes centros urbanos e das pessoas que vivem nele, ao andar nas ruas dessa “selva de pedras”, ao circular nos ônibus da cidade, deparo-me diariamente com rostos cansados, tristes e olhares vazios. A falta de sentido toma conta das vidas de muitas pessoas que nos cercam e até de nós mesmos. Por que continuar nessa roda que gira em direção ao vazio? A falta de recursos naturais nas cidades nos sufoca ainda mais e, conseqüentemente, nos desconecta da nossa natureza instintiva, pois nos afasta de nós mesmos. É imprescindível ultrapassar as barreiras do senso comum e da visão uniforme imposta pelo modelo de desenvolvimento hegemônico que limita o ser humano a ser uma “máquina” que consome e gera força de trabalho (mão de obra). É vital retomar as rédeas de nossas vidas de forma sustentável em todos os sentidos.

Na perspectiva de contribuir de alguma forma, com propostas que fazem contraposição ao sistema social vigente, procurei estudar e praticar Permacultura e, logo depois de participar do Encontro Nacional das Comunidades Alternativas (ENCA)<sup>3</sup>, em 2013, me propus a pesquisar, nesse contexto, Ecovilas. No Brasil, estudos sobre esse tema ainda são pioneiros e vem contribuindo com a propagação dos ideais que acredito e que, cada vez mais, estão sendo reconhecidos e adotados ao redor do planeta, onde a academia tem um papel fundamental. A coleção de Kombis, com os ideais libertários e de transcendência da ordem vigente depositadas nela, tem surtido o efeito esperado, ainda que timidamente.

Ecovila é um modelo de assentamento humano no qual as pessoas que ali (con)vivem propõem as práticas mais vitais e ecológicas possíveis, integrando exercícios diários de crescimento espiritual numa vida de baixíssimo impacto ambiental. É um terreno fértil onde as sementes já foram lançadas. A Permacultura é o que firma, na matéria, o alcance da sustentabilidade multifacetada cultivada pelos moradores de uma ecovila, sendo práticas ecológicas que unem o conhecimento agrícola ancestral com as tecnologias de baixo impacto hoje disponíveis.

A prática da observação atenta aos recursos naturais disponíveis que um ambiente oferece, base para o planejamento permacultural de uma ecovila, permite compreender as diversas funções que um único elemento da natureza – como, por exemplo, um morro dentro

---

<sup>3</sup> Encontro anual, organizado pela Associação Brasileira de Comunidades Alternativas (ABRASCA), que reúne pessoas com ideais de vida semelhantes, como o vegetarianismo, a vida em comunidade, o amor, a paz e a união entre os povos

de um terreno - pode exercer em um ambiente (FIGUEIREDO, 2014)<sup>4</sup>. Nas ecovilas, esse olhar atento perpassa por uma compreensão profunda da essência humana, considerando que todos os seres também são natureza<sup>5</sup>. Um exercício de olhar para dentro e para o Outro. Quais as possibilidades de um solo rico em ferro? O que a parte mais elevada de um terreno pode oferecer? Quais as reais potencialidades locais? Enfatizando o entrelaçamento entre as dimensões físicas, ambientais, sociais, espirituais e culturais, Capra (2006) ressalta que uma nova visão da realidade baseia-se na consciência do estado de inter-relação e interdependência de todos os fenômenos físicos e, também, daqueles invisíveis e ocultos.

Essa nova forma de enxergar a vida, a si próprio e a natureza, através da junção de práticas humanizadoras e integradoras que resgatam o que o ser humano tem de melhor, pode ser entendida como uma forma de resistência aos valores e mecanismos que o sistema vigente utiliza para nos tirar autonomia. Não se trata de uma resistência extremista sócio-econômica, mas de uma superação, ou melhor, uma transcendência de valores e práticas que enriquecem o ser humano, perdidos com o tempo (ROYSEN, 2013). O “faça você mesmo” é uma iniciativa que norteia as ecovilas e as práticas permaculturais que tem o potencial de nos reafirmar como seres autônomos.

No Brasil, as Comunidades Alternativas - que anos depois se chamariam Ecovilas - surgiram no Movimento *Hippie*, nos anos 1960/1970, fruto da efervescência do pensamento contracultural, da mesma época. A ideia era a vida em comunidade, baseada em princípios autogestionados, o uso mais livre de drogas ilícitas e a “fuga” dos grandes centros urbanos para áreas rurais. A Permacultura surgiu, no Brasil, cerca de 20 anos depois, com alguns ideais em comum, direcionado à interação produtiva e consciente com a natureza. As comunidades alternativas, conhecidas, hoje, como ecovilas, procuram o desenvolvimento espiritual e a sustentabilidade em todos os níveis, num contexto econômico, social e ecológico diferenciado daquele dos anos 1960/1970.

Estratégias de fuga da cultura do consumo são vistas por muitos como regressão intelectual ou alienação (GABEIRA, 1985). Experiências de sustentabilidade, como a Permacultura praticada nas ecovilas, devem ser vistas como uma oportunidade de se construir um mundo diferente, mais humano, mesmo com suas limitações. Praticar Permacultura numa

---

<sup>4</sup> O texto “Tecnologias Sociais para a Convivência com o Semiárido: Caso do Assentamento Juazeiro, Independência, Ceará” ainda não foi publicado.

<sup>5</sup> Considerar todos os seres como natureza traz um novo paradigma que problematiza o modelo de sociedade na qual vê os recursos naturais como algo que não fazemos parte, ou seja, passível de ser transformado e destruído. Como diz Capra (2006), assim como todas as criaturas vivas, pertencemos à ecossistemas naturais e também formamos os nossos próprios sistemas sociais. Portanto, segundo o mesmo autor, enquanto sociedade, fazemos parte dos processos cíclicos naturais e dependemos deles. Desenvolverei o assunto no decorrer do texto.

ecovila é “nadar a favor da maré”.

A reprodução dos valores propagados pelo pensamento permacultural e pelas ecovilas, mesmo nos grandes centros urbanos, pode sugerir uma utopia para muitos, inclusive para quem tem alguma noção desses princípios, pois ainda são experiências isoladas. Mas, como diz Eduardo Galeano (1994), a utopia é essencial em nossas vidas para que a gente não deixe de ir adiante.

O objetivo geral deste trabalho é analisar as relações das atividades da Inkiri Piracanga, situada na Ecovila de Piracanga, município de Itacaré, estado da Bahia, com os princípios e as atividades permaculturais praticadas na comunidade ecológica.

Os objetivos específicos são: analisar a Inkiri Piracanga enquanto novo espaço sócio ecológico; analisar a Comunidade como importante instrumento de transformação social, econômica, ambiental e cultural/espiritual; identificar e descrever as técnicas permaculturais na Ecovila de Piracanga; e servir como subsídio para o fortalecimento, teórico e crítico, do movimento permacultural e das ecovilas.

Na Ecovila há um grupo reduzido de pessoas, em torno de 44 adultos e 18 crianças, que constitui a Comunidade Inkiri<sup>6</sup>, responsável pela gestão dos projetos e atividades que impulsionam o assentamento<sup>7</sup> em direção à sustentabilidade ambiental, econômica, social e cultural/espiritual. Sendo a “comunidade-núcleo”, ela impulsiona e movimenta grande parte do espaço, além de ser a principal provedora das atividades permaculturais do assentamento. Dessa forma, a presente pesquisa propõe um mergulho nas dimensões que a Comunidade Inkiri atua – denominado **Inkiri Piracanga** - considerando a Permacultura e os cuidados com a natureza (interna e externa) um dos pilares da Comunidade. A Comunidade Inkiri de Piracanga e tudo (e todos) que são influenciados por suas atividades, a Inkiri Piracanga, é, portanto, o meu objeto de estudo.

A presente pesquisa está estruturada em seis capítulos. O primeiro abrange a introdução: os Caminhos da Pesquisa e Percursos Metodológicos. O segundo capítulo retrata o estilo de vida contemporânea e as formas insalubres do viver, da maioria da sociedade. No terceiro capítulo, inicio apresentando novas perspectivas de habitar, e trato dos movimentos contraculturais que, posteriormente, irão dar origem às ecovilas e a permacultura. No quarto capítulo, descreverei os aspectos físicos e localização do objeto de estudo e, sem

---

<sup>6</sup> A Comunidade Inkiri é o sustentáculo da Inkiri Piracanga. Irei conceituar e aprofundar sobre ela no capítulo quatro, no item “A Comunidade Inkiri: da semente à geração dos frutos”.

<sup>7</sup> Na presente pesquisa, a palavra assentamento é usada para designar um lugar onde as pessoas possam viver, não fazendo referência, portanto, a assentamentos de reforma agrária.

seguida,desenvolvo sobre a Inkiri Piracanga nas dimensões ambiental, social, econômica e cultural/espiritual<sup>8</sup>. O quinto capítulo abarca as considerações finais.

## **1.2 Percursos Metodológicos**

A escolha da temática dessa pesquisa se deu pela afinidade com o tema, pelo interesse em tornar cognoscível o que as ecovilas têm proposto – uma em particular – na busca pela sustentabilidade e por uma aspiração a possibilitar que a sociedade perceba e conheça novas formas de viver com os outros, consigo mesmo e com a natureza. É uma oportunidade valiosa de sair do senso comum, que demonstra ser insustentável: o viver contemporâneo- metropolitano.

Durante a minha participação no Encontro Nacional das Comunidades Alternativas (ENCA), em 2013, tive a oportunidade de conhecer diversas pessoas que vivem em comunidades ecológicas. Esse momento me instigou a pesquisar essa realidade que tanto me encanta. Entre um grande número de ecovilas no Brasil, resolvi estudar e vivenciar o cotidiano e as práticas ecológicas da Comunidade Inkiri de Piracanga, situada no estado da Bahia, pois é uma das comunidades ecológicas atualmente mais consolidadas do país, apesar de poucos anos de existência e de estar em processo de expansão (ideológica, ecológica e territorial). O grande número de atividades e projetos existentes na Ecovila, e de pessoas residindo no assentamento me chamou atenção, como pesquisadora, e logo me propus a estudar essa realidade e os seus benefícios para a sociedade contemporânea.

A Ecovila de Piracanga está se tornando conhecida em todo o país e, dessa forma, é importante o fortalecimento de seu plano teórico e crítico. Piracanga está localizada no litoral sul da Bahia, na Península de Maraú, próximo a Itacaré, a, aproximadamente 420 km de Salvador. A região é conhecida pelas belas praias que compartilham suas belezas com a exuberante Mata Atlântica, que ainda resiste.

Para compreender o funcionamento da Inkiri Piracanga foram utilizadas algumas ferramentas para a coleta de dados, obtidos com base na observação direta e sistêmica dos acontecimentos e das atividades da ecovila. Trata-se de uma pesquisa com abordagem qualitativa, a qual, segundo Goldenberg (2009), tem a perspectiva de encarar a subjetividade dos fatos, que vão além de simples dados numéricos, e propõe o aprofundamento da

---

<sup>8</sup> As dimensões cultural e espiritual são aspectos que podem ser trabalhados separadamente, porém, a Rede Global de Ecovilas – instituição na qual a presente pesquisa se baseia – abarca essas dimensões de forma conjunta

compreensão de um grupo social, de uma organização, de uma instituição e de uma trajetória.

Os pesquisadores que utilizam os métodos qualitativos buscam explicar o porquê das coisas, exprimindo o que convém ser feito, mas não quantificam os valores e as trocas simbólicas nem se submetem à prova de fatos, pois os dados analisados são não-métricos (suscitados e de interação) e se valem de diferentes abordagens. [...] Na pesquisa qualitativa, o cientista é ao mesmo tempo o sujeito e o objeto de suas pesquisas (SILVEIRA & CÓRDOVA, 2009, p. 32).

Na perspectiva de um entendimento mais aprofundado da realidade vivida pelos ecovilenses<sup>9</sup>, pelo interesse pessoal pelas práticas espirituais e ecológicas realizadas pela Comunidade Inkiri de Piracanga, optei por seguir a pesquisa qualitativa participante. Nesse tipo de pesquisa, há um processo de inserção na qual o pesquisador procura atenuar a distância que o separa do grupo social a ser estudado, sendo a realidade estudada de dentro do objeto da pesquisa (OLIVEIRA, R. & OLIVEIRA, M., 1984). A pesquisa, portanto, não se limita apenas *sobre* a ecovila e as atividades praticadas nela, e sim *com* os sujeitos integrantes dessa realidade a ser estudada. Como diz Brandão (1999), quando o outro se transforma numa convivência, a relação impõe que o pesquisador vivencie sua cultura e quando o outro me transforma, enquanto pesquisadora, em compromisso, a relação obriga que o pesquisador participe de sua história.

Tendo a Comunidade Inkiri de Piracanga as características adequadas, foi escolhida para a realização do estudo sobre as novas formas de (con)viver. Esta pesquisa configura um estudo de caso, método enquadrado na abordagem qualitativa, onde os elementos da pesquisa podem ser detalhados profundamente. Trata-se de um estudo empírico que investiga um fenômeno contemporâneo num contexto real de vida (YIN, 2002). O mesmo autor diz que o estudo de caso permite investigações holísticas e significativas dos eventos da vida real e contribui para a compreensão de fenômenos individuais, organizacionais, sociais e políticos.

O estudo de caso não é uma técnica específica, mas uma análise holística, a mais completa possível, que considera a unidade social estudada como um todo, seja um indivíduo, uma família, uma instituição, ou uma comunidade, com o objetivo de compreendê-los em seus próprios termos (GOLDENBERG, 2009, p. 31).

A metodologia utilizada foi a observação direta *in loco*, com caráter exploratório, no qual, segundo Gil (2002), envolve levantamento bibliográfico e entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com a questão pesquisada.

---

<sup>9</sup> No decorrer da pesquisa, irei utilizar a palavra “ecovilense”, referindo-me aos moradores da Ecovila que atuam na Inkiri Piracanga (integrantes da Comunidade Inkiri e pessoas que trabalham em seus projetos).

Durante toda a pesquisa, procurei uma bibliografia que permitisse um entendimento maior da vida em comunidade. Muitas leituras utilizadas como base teórica para esta pesquisa foram indicadas pelos ecovilenses e por pessoas que vivem em outras comunidades ecológicas, como, por exemplo, os livros de Leonardo Boff (1996, 2006) que utilizo neste trabalho, assim como os de Fritjof Capra (“O Ponto de Mutação” e “A Teia da Vida”), além do livro de Bill Mollison, *Permaculture: A Designers’ Manual* (MOLLISON, 2002).

Concomitante a realização da primeira etapa da pesquisa de campo, em Piracanga, que se deu do dia 03/10, permanecendo até o dia 16/10/2015, participei de um “Retiro de Permacultura e Bioconstrução”, no qual pude efetuar as práticas ecológicas da comunidade, observar e vivenciar a rotina dos ecovilenses. Foram dias intensos e de muitos aprendizados. Nesse momento, pude perceber que a realidade vivida em Piracanga é melhor relatada com um olhar e uma escrita mais sensível, não esquecendo – e enfatizando - o sentido humano e espiritual da pesquisa, não separando a razão das outras formas de conhecimento (SILVA; GRANDO; ALVES, 2001).

A segunda etapa da pesquisa de campo se deu entre os dias 11/09 e 01/10/2016. Durante esses dias, participei da “Formação Imersiva em Permacultura e Vida Comunitária”, com a finalidade de aprofundar o conhecimento sobre a permacultura vivida e praticada no assentamento. Numa casa comunitária, com 17 pessoas (em sua lotação máxima), praticando e vivenciando a permacultura, a convivência foi intensa, de muitos aprendizados, e o meu entendimento sobre vida em comunidade pôde ser mais concreto.

Visando o conhecimento mais aprofundado do modo de vida dos ecovilenses, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com 13 moradores da Ecovila, a maioria deles integrantes da Comunidade Inkiri. As entrevistas foram gravadas com consentimento dos participantes e, logo depois, transcritas e enviadas, via *e-mail*, para os entrevistados. As entrevistas foram realizadas através de um diálogo aberto, caracterizando a técnica da entrevista livre, na qual se estimula a livre expressão do entrevistado, passando a incluir devaneios, projeções e opiniões do sujeito (OLIVEIRA, R. & OLIVEIRA, M., 1984). Sobre o processo de entrevista na pesquisa participante, Brandão (1999, p. 13), ressalta sua importância no processo de entendimento do cotidiano no objeto de estudo, do *outro*:

O pesquisador descobre com espanto que a maneira espontânea de um entrevistado falar sobre qualquer assunto é através de sua pessoa. Que a maneira natural de uma pessoa explicar alguma coisa diante do gravador, é através de sua “história de vida”, ou através de um fragmento de relações entre a sua vida e aquilo que a responde. Em boa medida descobre que métodos e técnicas de que se arma com cuidado são meios

arbitrários pelos quais o investigador submete à sua, a vontade do outro, o investigado (BRANDÃO, 1999, p. 13).

Na primeira etapa da pesquisa de campo, sete entrevistados permitiram o uso dos nomes reais e um preferiu o uso de nome fictício. Na segunda etapa, entre as 13 pessoas entrevistadas – sendo 3 delas entrevistadas na primeira etapa da pesquisa – uma preferiu o uso de nome fictício e o restante optou pelo nome real.

Para se chegar aos entrevistados, nas duas etapas da pesquisa de campo, observei, em um momento inicial, as pessoas mais ativas da comunidade, que correspondem a facilitadores de cursos e, também, moradores de Piracanga e, em sua maioria, integrantes da Comunidade Inkiri.

Segundo a Global Ecovillage Network – GEN (Rede Global de Ecovilas), rede que vincula centenas de ecovilas e outras experiências de sustentabilidade ao redor do mundo, uma ecovila possui, necessariamente 4 dimensões: ambiental, econômica, social e espiritual/cultural (GEN, 2014). Seguindo essas dimensões, na primeira etapa da pesquisa de campo, as entrevistas foram direcionadas para a análise das dimensões social e ambiental da ecovila. Na segunda etapa, junto com os ecovilenses, procurei estudar as dimensões econômica e espiritual/cultural. No instante inicial da minha chegada à ecovila, nos dois períodos, procurei observar e analisar quais pessoas tinham mais conhecimento e se integravam com mais afinco dentro das dimensões que seriam estudadas. Em outro momento, os entrevistados indicaram algumas pessoas a serem entrevistadas, caracterizando a técnica metodológica *Snowball Sampling* ou Bola de Neve. Conforme WHA et al. (1994 apud BALDIN; MUNHOZ et al., 2011) essa forma de investigação consiste da seguinte forma: os entrevistados iniciais indicam outras pessoas a serem entrevistadas e essas pessoas, por sua vez, indicam outras novas pessoas, e assim sucessivamente. Quando obtive dados suficientes para a realização do estudo e observei que o que estava sendo dito por um entrevistado era repetido por outros, optei por interromper as conversas. Este momento constitui o “ponto de saturação”. Nessa metodologia, foi importante observar que algumas informações que se repetem trazem mais consistência aos dados. Outras se complementam, direcionando a uma compreensão sistêmica dos fatos, dentro de uma cadeia de relações complexas (FIGUEIREDO, 2014).

Esse trabalho se propõe a realizar o entrelaçamento de diferentes olhares e referenciais, procurando articular o mito, expressado, segundo Fleuri (2001), através da oralidade e gestualidade, com a teoria. Na escrita, procuro intercalar as falas e práticas dos ecovilenses com o material lido na bibliografia desta pesquisa, no desafio de pensar a fluidez entre as diferentes lógicas dos fenômenos (FLEURI, 2001). No decorrer da investigação,

procuo enfatizar as falas dos ecovilenses, pois, como diz Paulo Freire, a realidade concreta de certa área estudada consiste, também, na percepção da população envolvida, sendo uma relação dialética entre objetividade e subjetividade (FREIRE, 2006).

Entre as duas visitas de campo, que aconteceram em outubro de 2015 e setembro de 2016, conforme já registrado, muitas mudanças ocorreram na Ecovila de Piracanga e na Comunidade Inkiri. Como diz Mattos (2015), constitui um dos desafios vivenciados nas ecovilas, as mudanças necessárias para se adaptar a uma nova forma de viver, o que demanda tempo, recursos e planejamento. Dessa forma, o estudo realizado na Ecovila de Piracanga, através da Comunidade Inkiri e as atividades realizadas por ela, consistem numa realidade que está em contínuo movimento. O período que a pesquisa foi realizada representa um “recorte” da história da comunidade e pretende demonstrar a dinâmica da Ecovila, tendo sido captado um momento de sua história, que nos desafia a pensar em mudanças necessárias para a nossa sociedade (ROYSEN, 2013).

Os instrumentos utilizados foram: entrevistas livres e semi-estruturadas, utilizando gravador de voz (da marca Sony, modelo PX312) para a coleta de depoimentos e de acontecimentos importantes na comunidade, diário de campo, observações pessoais, anotações, ideias e frases captadas durante o convívio com os moradores, registros fotográficos do local e do funcionamento diário da comunidade, pesquisa bibliográfica e comunicação com os integrantes da Comunidade Inkiri de Piracanga via e-mail e telefone.

## 2 VIVER CONTEMPORÂNEO

“Não é sinal de saúde estar bem adaptado a uma sociedade profundamente doente” (Jiddu Krishnamurti).

### 2.1 Vida Insalubre

A humanidade, especialmente depois da Revolução Industrial, passou a exercer um grande impacto ambiental no seu habitat, tendo o poder de mudá-lo completamente, em pouco tempo, num sentido desfavorável ao equilíbrio natural. As diversas formas de intervenção que estabelece com a natureza e com os outros seres humanos compõem complexas redes de conexões. Toda ação humana, por menor que seja, desencadeia uma série de reações naturais, econômicas e sociais, e vice-versa. Quando se fala em desequilíbrios naturais causados por ações antrópicas, entende-se que ferimos, desequilibramos e destruimos a natureza de formas irreversíveis: a interna e a externa.

Segundo Capello, a crise que enfrentamos é de âmbito social, ambiental, político e econômico e, sobretudo, “uma crise de valores derivada de uma inadequada percepção do ser humano a respeito de si mesmo e de seu lugar na natureza” (CAPELLO, 2013, p. 20).

Segundo Adorno e Horkheimer (1985), no livro intitulado *Dialética do Esclarecimento*, apesar do avanço tecnológico e da explosão demográfica, a humanidade não só alcançou a plenitude do esclarecimento - designada pela perda do encanto e do medo da natureza desconhecida e sua substituição pela racionalização na filosofia e na ciência - como se afundou em um novo estado de selvageria, caracterizado pelo medo, pela dominação na relação entre os seres humanos e pelo desejo da posse e destruição da natureza. A selvageria a que Adorno e Horkheimer se referem, faz alusão ao atual modo de viver, de enxergar a vida e o que nos cerca, nos afastando daquilo que fazemos parte – a natureza – com o intuito de dominá-la. Afastamos-nos, dessa forma, de nós mesmos, dos nossos ideais, dos nossos recursos da biodiversidade, dos antigos conhecimentos, considerando que também somos natureza.

Segundo Dorst (1973), toda a história “mecânica” da humanidade decorreu – e decorre – numa fração de segundos na escala geológica. Nesse curto período de tempo, o ser humano transformou profundamente a face da terra, desfigurando-a de maneira vergonhosa, acumulando catástrofes. Todos os processos e fenômenos do qual o homem participa se desenrolam numa velocidade extremamente acelerada, num ritmo quase incontrolável. Anthony Giddens (2002), em seu livro *Modernidade e Identidade*, diz que uma das

características mais fortes que separa a era moderna de outras anteriores, é o seu dinamismo extremo, sendo considerado um “mundo em disparada”. Além das mudanças extraordinárias na natureza que nos cerca, segundo o autor, ela afeta o ritmo, a amplitude e profundidade das mudanças sociais e modos de comportamentos, além dos aspectos mais íntimos de nossa existência.

A falta de sentido pessoal – a sensação de que a vida não tem nada a oferecer – torna-se um problema psíquico fundamental na modernidade tardia. Devemos entender esse fenômeno em termos de uma repressão de questões morais que a vida cotidiana coloca, mas às quais nega respostas. "Isolamento existencial" não é tanto uma separação do indivíduo dos outros, mas uma separação dos recursos morais necessários para viver uma existência plena e satisfatória (GIDDENS, 2002, p. 16).

Leff (2004) relata que a modernidade traz consigo uma visão mecanicista, unidimensional e simplista, onde a racionalidade tende a banir a natureza, gerando um processo de destruição social, cultural e degradação ambiental que problematiza as próprias bases de produção, pois sem a matéria prima necessária não há mercadoria. Os ecossistemas estão sendo gravemente atingidos e/ou ameaçados por poluições, consequência do desenvolvimento industrial conduzido sem critério, e pelo esgotamento de recursos naturais diversos. A modernidade perversa atinge, também, o meio rural, conhecido historicamente pela elevada concentração de terra nas mãos de grandes proprietários rurais, pela concentração da propriedade dos meios de produção, das máquinas, dos insumos. Consequentemente, a população do campo sente na pele os efeitos do desenvolvimento tecnológico, através dos impactos negativos sobre o nível de renda, de emprego e do meio de produção.

Dorst (1973) ressalta as repercussões do crescimento demográfico sobre os meios de subsistência de cada indivíduo e sobre o “clima moral”, onde o ambiente não tem mais condições satisfatórias. Tudo leva a crer que o crescimento populacional vai manter-se daqui a uns anos, junto com o atual padrão de consumo, que é o verdadeiro causador das maiores catástrofes da atualidade. Com a expansão da sociedade de consumo, claramente influenciada pelo estilo de vida norte-americano, em que a força da propaganda tem total influência na vida das pessoas, consumir transformou-se num vício, causado por uma ansiedade tóxica. Muitas pessoas, claramente influenciadas pelo que a mídia impõe, buscam a plenitude, felicidade e o bem viver nas conquistas materiais, no poder de compra, sem se importarem com as consequências que isto traz para a própria vida e para futuras gerações.

Bauman, diz que os bens materiais de um indivíduo dizem muito sobre ele. Segundo o autor:

A vida organizada em torno do consumo, por outro lado, deve se bastar sem normas: ela é orientada pela sedução, por desejos sempre crescentes e quererem voláteis – não mais por regulação normativa. Nenhum vizinho em particular oferece um ponto de referência para uma vida de sucesso; uma sociedade de consumidores se baseia na comparação universal – e o céu é o único limite (BAUMAN, 2001, p. 90).

A sociedade moderna saiu do âmbito do suprimento das necessidades básicas através da compra, pois consome, sem nenhum controle, produtos supérfluos que são, muitas vezes, descartados ou que não tem utilidade. Compramos quando estamos felizes, tristes, ansiosos, para comemorar algo especial, para “desopilar” do trabalho, para demonstrar afeto. Na realidade, é uma procura incessante de preenchimento de vazios. A vida e o projeto do eu tornam-se mercantilizados, sendo a auto-realização “empacotada e distribuída segundo os critérios do mercado” (GIDDENS, 2002, p. 183). Se repararmos bem nos nossos hábitos diários, quase todas as nossas atividades estão no âmbito do comprar e consumir. Susy Goldstein (2010) ressalta a necessidade de nos perguntarmos o que está por trás do comando de nossas necessidades. Os nossos atos costumam ser mecânicos, resultado de uma falta de questionamento diante de nossas atitudes.

Deixamos de ser considerados cidadãos para sermos considerados consumidores. Há casos de compulsão pelo consumo, o que é considerada uma doença moderna, de acordo com a Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP, 2012). Segundo a fonte, as pessoas que têm esse distúrbio (número que só aumenta com o tempo) sentem um efêmero e patológico prazer em adquirir um produto que, muitas vezes, não é usufruído pelo consumidor compulsivo. Nesses casos, a sensação do ato da compra se iguala ao vício por uma droga. A compra compulsiva é um distúrbio que afeta um número crescente de pessoas (ABP, 2012), sendo considerado cada vez mais comum encontrar pessoas com essa doença.

Bauman (2001) ressalta que a sociedade contemporânea percebe o mundo como um contêiner cheio de objetos descartáveis e, inclusive, seres humanos. Tudo o que não tem mais serventia ou simplesmente é julgado como se não tivesse mais valor, jogamos “fora”. Quanta criatividade desperdiçada ao invalidar um objeto que poderia ser ressignificado - por nós mesmos - ao assumir novas formas e funções! Bauman (2001) diz que o vício de descartar resvala até nas relações humanas, sujeitas aos mesmos critérios de avaliação dos objetos de consumo. Os laços afetivos, assim como as mercadorias, são descartáveis quando perdem a sua “validade”.

É difícil conceber uma cultura indiferente à eternidade e que evita a durabilidade.

Também é difícil conceber a moralidade indiferente às consequências das ações humanas e que evita as responsabilidades pelos efeitos que essas ações podem ter sobre outros. O advento da instantaneidade conduz a cultura e a ética humanas a um território não mapeado e inexplorado, onde a maioria dos hábitos aprendidos para lidar com os afazeres da vida perdeu sua utilidade e sentido (BAUMAN, 2001, p. 149).

A sociedade brasileira começou a conviver diariamente com o lixo na rua, uma consequência da falta de limpeza urbana e da exorbitante produção de resíduos sólidos - não reaproveitados. Nós, moradores dos centros urbanos, desconhecemos o destino final dos resíduos produzidos – e nem sequer há interesse em saber. Esse desinteresse ocorre, também, nas pequenas cidades. O resíduo é como a “nossa sombra”: o que é descartado, o que a gente quer esconder, o que não sabemos lidar. Descartamos e temos convicção que o lixo gerado não é nossa responsabilidade, pois pagamos, através de impostos, empresas que coletam os resíduos por nós. Logo, pensamos: “joguei o lixo no lixo, então fiz a minha parte”. Porém, na sociedade do “jogar fora”, precisamos nos conscientizar que “o fora” não existe. De uma maneira ou de outra, teremos de conviver com a imensa quantidade de lixo gerado por nós nos próximos anos. Já não há mais como escondê-lo.

A criação incessante de necessidades e a acumulação de bens, próprios da modernidade, são sedutoras para alguns, e para outros, que corresponde a maioria da população mundial, resultam na falta de bens de suprimento essencial e falta de qualidade de vida (CAMPANI, 2011). Em síntese, enquanto poucos lucram e consomem tudo que está a sua volta, outros milhares de pessoas não têm as mesmas oportunidades que garantem qualidade de vida e, ainda, são as maiores vítimas da destruição ambiental, social e cultural, resultante da busca incessante pelo poder e dinheiro. O pensamento “se cada um fizer a sua parte, o mundo seria diferente” torna-se violado nessa realidade, na qual milhões de pessoas, representadas pelas empresas, casas, comércios e indústrias, poluem os ambientes naturais de tal forma que não parece possível um único indivíduo recuperar o meio ambiente dessa maneira, em toda a sua existência.

Com o decorrer do tempo, grande parte dos saberes culturais, ancestrais e espirituais foi perdido e deu lugar ao conhecimento tido como científico e tecnológico que, por sinal, em muito contribuiu para solucionar problemas de desintegração social que o modelo de desenvolvimento hegemônico proporcionou. Como exemplo, podemos citar o sistema solar fotovoltaico – que é um sistema totalmente limpo, no qual a energia solar é transformada em energia elétrica, capaz de ser armazenada para que possa ser utilizada posteriormente.

Porém, com esse “avanço”, desenraizamos das nossas origens e perdemos parte dos conhecimentos arraigados, como a sabedoria ancestral de cura de doenças, da agricultura, alimentação, da forma de se fazer arte, culturas locais e até valores éticos. O “desenvolvimento” usurpa direitos e destrói costumes em nome de um estilo de vida que se mostra pouco adequado e desrespeitoso para com o planeta, os seres vivos e nós mesmos (GOLDSTEIN, 2010). A realidade alienante parece nos bombardear com tantas informações que nos perdemos, de tudo e de nós mesmos. Os saberes ancestrais perderam o seu valor diante do conhecimento tecnológico e, hoje, são vistos, por muitos, como algo obsoleto e arcaico. A sociedade moderna não reconhece a cultura que vem dos nossos bisavós. Preferimos curar uma doença com drogas carregadas de substâncias químicas, muitas vezes utilizadas de forma abusiva, do que beneficiar-nos com o que a natureza nos dá – e sem nenhum custo financeiro.

Capra (2006), em seu livro “O Ponto de Mutação”, diz que, assim como a indústria farmacêutica condicionou médicos e pacientes a acreditarem que é necessário o uso contínuo de medicamentos para uma vida saudável, a indústria petroquímica levou os agricultores a acreditarem que a terra precisa de agentes químicos para manter-se produtiva. Segundo o autor, algumas pessoas acreditaram que com o cultivo de uma única cultura rentável, poderiam lucrar muito. O resultado dessas safras, isentas de biodiversidade e com altos teores de veneno, foram cultivos susceptíveis a um único tipo de praga, além da propensão - de quem consome esses alimentos e dos próprios agricultores que manuseiam fertilizantes e pesticidas - a doenças. Hoje, está provado que a Revolução Verde<sup>10</sup> não beneficiou os agricultores, nem a terra, nem os famintos do mundo inteiro (CAPRA, 2006).

Os indivíduos da sociedade contemporânea vivem limitados em seus espaços, no tempo e nas sensações, percebendo-as melhor em programas de televisão e computadores do que na vida real (ROYSEN, 2013). A mesma autora indica que suas preocupações se voltam para o conforto individual, por meio do consumo, trabalho e lazer, sendo este último geralmente ligado ao dispêndio financeiro. Há uma negação dos sentidos humanos de existência quando o indivíduo da sociedade moderna rejeita suas emoções, seus momentos de paz, silêncio, contemplação e lazer, em prol de mais dinheiro e trabalho, resultando em mais consumo e desencadeando um ciclo destrutivo, tanto para o indivíduo quanto para o meio

---

<sup>10</sup> Processo de modernização do sistema agrícola, iniciado na década de 1950, com o objetivo de aumentar a produtividade do solo em níveis máximos. Para atingir esse objetivo, eram introduzidas intensas quantidades de agrotóxicos e pesticidas. Com base em sistemas de monoculturas, grandes áreas foram transformadas em lavouras de cultivo de uma única plantação, o que levou a perdas irreparáveis na biodiversidade desses ambientes.

natural. Giddens (2002), quando discorre sobre a ameaça da falta de sentido na era moderna, diz que as questões existenciais que perturbam os indivíduos são dissolvidas pela natureza controladora das atividades rotineiras. Quando o indivíduo na sociedade moderna desenvolve seu trabalho durante oito (8) horas diárias – ou mais, usa o seu “tempo livre” para ir às compras ou perde horas por dia em transportes públicos ou privados, no trânsito caótico dos centros urbanos. Dificilmente há tempo para as reflexões mais íntimas do ser. Não somos educados para questionarmos as sensibilidades mais sutis. É mais fácil, ou seja, menos perturbadora, a vivência rotineira, neutra, imparcial consigo mesmo e sem grandes questionamentos no âmbito social, ambiental e espiritual.

(...) o domínio substitui a moralidade; ser capaz de controlar as circunstâncias de nossa vida, colonizar o futuro com algum grau de sucesso e viver dentro dos parâmetros dos sistemas internamente referidos pode permitir que o quadro social e natural das coisas pareça uma base segura para as atividades da vida (GIDDENS, 2002, p. 187).

Desde que nascemos, grande parte de nós, somos “programados”, assim como máquinas, a seguir uma forma de viver que intrinca uma visão mais crítica ao nosso redor. Um exemplo disso é a grande parte dos jovens que, desde a infância - com uma educação padronizadora - são programados a estudar até serem aprovados em uma faculdade que possibilite uma carreira “de sucesso”, que muitas vezes acaba sendo sufocante e inibidora dos sonhos do indivíduo. “Fomos contaminados pela autoritária pedagogia do silêncio”, de acordo com FIGUEIREDO (2009, p. 5). Segundo o autor, a sociedade possui instituições disciplinadoras que fazem o papel de conformação social através de um sistema educacional colonializante, subalternizante e opressor.

Para a maioria da sociedade contemporânea, o senso comum, a vida programada - que se resume em estudar para conseguir ingressar numa universidade e, posteriormente, conquistar um emprego “de sucesso”<sup>11</sup> - constitui a felicidade. Harvey (2007), diz que em nome da “liberdade”, o ser humano moderno volta-se contra si mesmo e transforma a busca pela emancipação num sistema de opressão.

Os meios de comunicação de massa contribuem para o afastamento de nossas percepções sutis. Perdemos muito tempo de nossas vidas assistindo a novelas, a programas de televisão, que contam sobre vidas que não são reais para fugir da nossa própria realidade.

---

<sup>11</sup> O uso das aspas objetiva enfatizar que, muitas vezes, um emprego considerado de sucesso pelo alto salário, não corresponde à atividade que o indivíduo realmente se sente feliz e confortável em trabalhar, não sendo condizente com suas aptidões e habilidades.

Bauman (2001) diz que as imagens estabelecem padrões da realidade e tornam mais palatável a realidade vivida. O uso abusivo dos insumos tecnológicos, como as redes sociais, aplicativos de celulares e o próprio uso equivocado da internet inibem os nossos sentidos e tiram a possibilidade de sentir as coisas como elas realmente são, de viver o mundo real. A praticidade dos meios tecnológicos, que nos auxiliam quando usados de maneira adequada, muitas vezes nos roubam momentos de interação concreta com a família e amigos e instantes de contemplação e lazer da vida real.

Por que suportamos esse estado? Bauman (2001) discorre sobre a “possibilidade de que o que se sente como liberdade não seja de fato liberdade” (p. 24), podendo as pessoas estarem satisfeitas com suas vidas, mesmo não sendo, de fato, satisfatórias. Esse pensamento justifica a grande quantidade de pessoas infelizes com suas realidades, numa prisão que se perpetua em meio ao conformismo. Segundo o autor, são “juízes incompetentes da sua própria situação”, pois vivem numa escravidão e se sentem livres e, portanto, não sentem a necessidade de se libertarem. Sentem-se livres porque nunca experimentaram o “sabor do que é ser livre” e, portanto, não sabem discernir entre a prisão e a “vida liberta”.

Nos falta um olhar crítico diante da vida. Um mergulho em nós mesmos, enquanto seres pensantes, partes da teia da vida - e não a parte dela - aguça os sentidos e pode nos levar a um ponto crucial, no qual todos deveríamos questionar: Estamos felizes com essa realidade? Como se desfazer dessa passividade e encarar a vida plena? Essa vida me satisfaz de forma profunda? Onde Eu estou em meio a tantos afazeres e demandas cotidianas? Onde está o Outro?

O meio urbano onde a grande maioria da população mundial, hoje, reside, é um ambiente que não propicia (ao invés disso, dificulta) esse tipo de questionamento que se propõe a um mergulho em si mesmo.

## **2.2 Crise Civilizatória e Habitacional**

É justamente do afastamento entre o indivíduo da sociedade moderna e a natureza que surge o cidadão mecânico e irracional engendrado, principalmente, do caos urbano. Colocar-se em posição de afastamento ao meio natural justifica, no olhar da sociedade metropolitana, uma condição de superioridade. Essa dominação é mais perceptível – porque convivemos com ela diariamente – nos meios urbanos, onde não há quase nenhum espaço para que os recursos naturais possam se desenvolver livremente.

Enrique Leff (2004, p. 287) ressalta que “do fator urbano como gerador de necessidades (estilos de vida urbana) passou-se a um processo acumulador de irracionalidades

(tráfico, violência, insegurança)”. Para o autor:

Nada mais insustentável do que o fator urbano. A cidade converteu-se, pelo capital, em lugar onde se aglomera a produção, se congestiona o consumo, se amontoa a população e se degrada energia. Os processos urbanos se alimentam da superexploração dos recursos naturais, da desestruturação do entorno ecológico, do dessecamento dos lençóis freáticos, da sucção dos recursos hídricos, da saturação do ar e da acumulação de lixo. A urbanização que acompanhou a acumulação de capital e a globalização da economia converteu-se na expressão mais clara do contra-senso da ideologia do progresso. (LEFF, 2004, p. 287).

Ainda de acordo com Leff, a história das cidades, com sua produção crescente de entropia, é a história da razão e suas sem-razões ao expressar um caráter antinatural da racionalidade econômica e tecnológica, que são alguns sintomas da “deseconomia da congestão”, caracterizada pela subvalorização do meio ambiente e da qualidade de vida. É, principalmente, no meio urbano onde se encontram as principais obras de arte, os avanços científicos e tecnológicos, as manifestações culturais e religiosas, as principais universidades, os centros de eventos e esportivos. No entanto, mesmo com todo esse “progresso”, são nas cidades que todo o caos planetário, engendrado pelo atual modelo econômico, se instala, trazendo consigo as maiores catástrofes ambientais e, conseqüentemente, problemas sociais irreversíveis.

O caos urbano transborda para seu entorno, o meio rural, transferindo parte de seus processos entrópicos. Capello (2013), em uma crítica aos aglomerados urbanos, lembra que, como já não há mais espaço para tantos resíduos sólidos nos aterros urbanos, as cidades descarregam lixo e esgoto nas cidades menores que, por sua vez, nos devolvem a falta de gratidão com água limpa e alimentos. Como sugamos tudo o que pudemos aproveitar das grandes cidades, seguimos sendo verdadeiros parasitas das cidades interioranas.

Odum e Barret (2007) denominam “tecnossistemas” os acordos ecológicos inteiramente novos, competitivos e parasitários dos ecossistemas naturais, criados pela sociedade urbano-industrial atual. Segundo os mesmos autores, apesar de fornecer subsídios culturais e econômicos, do ponto de vista ecológico, as cidades têm entrada natural reduzida de energia, apesar da exigência energética ser em torno de 70 vezes superior ao ecossistema natural. A perda acelerada, chegando até a ausência, de biodiversidade instaurada nas grandes cidades, caracterizadas por espaços uniformizados, torna ainda mais susceptível a pragas e doenças. As cidades são comparadas a parasitas do subúrbio de baixa energia, que tendem a “coevoluir para a coexistência”, ou seja, numa perspectiva ecológica, se o parasita - os centros urbanos - toma em excesso seu hospedeiro, ambos morrem em determinado momento (ODUM & BARRET, 2007).

É inegável que a sociedade moderna, representada pelas grandes cidades, convive com problemas ambientais, sociais, espirituais, estruturais - entre outros - de difícil resolução. Apesar dos avanços tecnológicos, a situação se agrava. Na Europa, a partir da década de 1960, o mundo contemporâneo tornou-se objeto de pesquisa de antropólogos e etnólogos, a fim de entender o funcionamento do interior da sociedade e seus processos de distanciamento e transgressões. Com esse propósito, o etnólogo e antropólogo francês Marc Augé (1994), referindo-se a um processo de aceleração dos acontecimentos do mundo e a superabundância de informações, identificou três “figuras de excesso”, assim denominados por ele, caracterizando a supermodernidade.

A primeira figura de excesso é em relação à aceleração, à mudança brusca na nossa percepção e no uso que fazemos do tempo. A aceleração do tempo corresponde a aceleração de acontecimentos - a superabundância fatural - e conseqüente alterações na forma como tratamos os acontecimentos ou até a supressão de seus significados. O assalto ao tempo resulta na dificuldade de compreender o presente e o passado, pois o turbilhão de acontecimentos não nos permite o entendimento do que acontece, em sua essência.

A segunda figura de transformação da supermodernidade refere-se ao espaço. Constitui-se paradoxalmente pelo encolhimento do planeta, proveniente das tecnologias que permitem trocas rápidas de informações, que resultou no excesso de espaço. A consequência dessa demasia é a criação de espaços de circulação acelerada de pessoas e bens ou os não-lugares, que discutiremos posteriormente. “O mundo da supermodernidade não tem as dimensões exatas daquele no qual pensamos viver, pois vivemos num mundo que ainda não aprendemos a olhar. Temos que reaprender a pensar no espaço” (AUGÉ, 1994, p. 38).

A terceira transformação faz referência à figura do indivíduo, o ego, que interpreta os fatos e crenças à maneira que for conveniente para si e individualiza referências. A individualização é necessária, porém, é preocupante quando o indivíduo desaprende, ou não aprende, a pensar coletivamente, como parte integrante do todo, que é da sociedade.

Christopher Lash (1983), citado por Giddens (2002), vai além da individualização da sociedade moderna quando discorre sobre o narcisismo na construção do eu. Segundo o autor, mesmo os riscos de desastres globais tornando-se conhecidos, as pessoas voltam-se para si mesmas, numa “estratégia de sobrevivência” privatizada. As preocupações são puramente pessoais e se voltam para o aperfeiçoamento psíquico e corporal, enquanto os desastres ambientais são um risco iminente e certo. Esse pensamento justifica a nossa omissão, enquanto moradores de centros urbanos, diante da grave seca que ocorre tanto no Nordeste quanto no Sudeste. Enquanto milhões de pessoas convivem com a falta d’água nas

suas cidades, numa situação de miséria, a nossa forma de usar a água quase não muda – caracterizada por desperdícios, impraticáveis em cidades que convivem com a seca. Continuamos desperdiçando, lavando calçadas e carros com água limpa, sendo guiados pelo ego, enquanto milhares de pessoas morrem ou vivem em situações deprimentes em decorrência da falta dessa mesma água limpa.

Marc Augé (1994) sintetiza bem a mentalidade da sociedade moderna, com sua visão unidimensional, simplista e mecanicista que resultou em uma “não-identificação” ou perda da sensibilidade pelas coisas, lugares e pessoas. A perda da ancestralidade, das culturas, dos laços entre as pessoas constituem, segundo Leff (2004) a desterritorialização das identidades que enterra saberes práticos e a cultura de suas referências locais.

Adorno e Horkheimer (1985) relatam um fenômeno denominado “coisificação”, resultado do desencantamento aplicado à natureza como uma coisa inanimada, não deixando escapar nem mesmo o ser humano – e seu habitat. O processo de coisificação transformou o ser humano que domina, num objeto de dominação que, segundo Adorno e Horkheimer, “afeta, sobretudo, a relação do indivíduo com o corpo, seja o seu, seja de outrem”. É evidente que esse processo afeta, entre tantas outras coisas, o modo de habitar, de enxergar o lugar onde se vive, de se relacionar com o próximo e consigo mesmo.

A não identificação do lugar onde vive – seja o lar, o bairro, o entorno, a cidade, o país – desencadeou uma condição de insustentabilidade ambiental, habitacional, emocional e identitária. A civilização acaba por criar novas formas de habitar, caracterizadas por espaços sem sentido, identidade e desprovido de ancestralidade. Não nos vemos nos espaços onde circulamos nas nossas próprias cidades porque eles parecem ser feitos apenas para a passagem de indivíduos e não são arquitetados para uma interação mais aprofundada. São espaços fragmentados que sugerem efemeridade e falta de afetos.

Há certa alienação, desilusão e desânimo no ar das cidades, um gosto pela privacidade que se confunde com solidão, individualismo e insegurança. As pessoas acordam e vão dormir apenas para atender e responder aos estímulos velozes por mais trabalho, dinheiro e consumo, de uma maneira cada vez mais hostil e impessoal – ainda que inconscientemente – e, assim, aumentam o ritmo da roda que gira sem parar em direção a um vazio ainda maior e mais profundo (ROYSEN, 2013, p. 90).

Fazendo referência às habitações, Vasconcelos (2008), considera a casa (habitação unifamiliar) como o produto humano que melhor reflete os valores culturais, econômicos e sociais de um povo, exprimindo até a individualidade de cada proprietário, família ou pessoa nela residente. Lemos (1996 apud VASCONCELOS, 2008) enfatiza que o lugar onde a vida se estabelece, mediante atividades e relações ali ocorridas, é fortemente ligado à cultura dos

seus moradores. Não se pode negar que a crise civilizatória, engendrada pela supermodernidade, também é resultado da atual forma de morar: a falta de vínculo e de raízes fortes com o lugar onde se vive.

Augé (1994) propôs o termo “não-lugares”, referindo-se a lugares prometidos à individualidade solitária, passagem, ao provisório e ao efêmero.

Se um lugar pode se definir como identitário, relacional e histórico, um espaço que não pode se definir nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico definirá um não-lugar. A hipótese aqui defendida é a de que a supermodernidade é produtora de não-lugares, isto é, de espaços que não são em si lugares antropológicos e que, contrariamente, à modernidade baudelairiana, não integram os lugares antigos: estes, repertoriados, classificados e promovidos a “lugares de memória” (AUGÉ, 1994, p.73).

Os “não-lugares” são regidos por movimentos acelerados e indivíduos (aparentemente) sem identidade. Não se sabe o que há por trás da “individualidade solitária” de cada um ou a verdadeira identidade, pois nesses espaços, o que perdura é o que o indivíduo é para a sociedade, apenas. Ou seja, não há um aprofundamento na relação entre o lugar e o indivíduo. Há uma contradição no espaço da supermodernidade: ele só trata com indivíduos (clientes, passageiros, usuários, estudantes, ouvintes), mas eles só são identificados, socializados e localizados na entrada ou na saída. ”O não-lugar é o contrário da utopia: ele existe e não abriga nenhuma sociedade orgânica” (AUGÉ, 1994, p.102).

O “Templo do consumo”, a que Bauman (2001) se refere, também é um espaço vazio de sentido quando se propõe a ser o encontro de consumidores sem nenhuma interação social. Segundo o autor, é um espaço de consumo coletivo que, na verdade, não é nada coletivo. As pessoas vão com o único propósito de consumir e alimentar suas individualidades num espaço que é, geralmente, hermeticamente fechado e seguro, dando uma falsa sensação de liberdade e segurança. Nos templos do consumo estão pessoas com o mesmo objetivo e que, portanto, se entendem mesmo diante da falta de interação. Estar nesses ambientes de passagem produz uma falsa sensação de estar vivendo em comunidade, numa “ilha de ordem, livre de mendigos” (BAUMAN, 2001, p. 114).

É importante enfatizar que nem todos os lugares da cidade são desprovidos de identidade. Augé (1994) aponta que os lugares e os “ritmos antigos” não são apagados pela modernidade, apenas deixados em segundo plano, sendo indicadores do tempo que passa e sobrevive. A sociedade moderna, em sua maioria alienada, esquecendo-se de si mesmo é movida pela ânsia de poder e põe a qualidade de vida em segundo plano. Cientes da perda dos antigos costumes e ritmos que valorizavam o aprofundamento das relações interpessoais e

entre pessoas e lugares (a casa, o bairro, o lugar onde se vive), algumas pessoas resistem aos não-lugares resgatando a essência perdida entre essas relações.

A seguir, na perspectiva da resistência aos não-lugares, apresento novas formas de habitar, o movimento contracultural que originou as comunidades alternativas e, posteriormente, as ecovilas. Abordo ainda a permacultura considerando uma ferramenta de resistência aos valores da sociedade de consumo.

### 3 POR UMA NOVA FORMA DE (CON)VIVER

Eu estou tão sedenta para o maravilhoso que só o maravilhoso tem poder sobre mim. Qualquer coisa que eu não possa transformar em algo maravilhoso, eu deixo ir. Realidade não me impressiona. Eu só acredito em intoxicação, em êxtase, e quando vida ordinária me algemar, eu escapo, de uma maneira ou de outra. Nenhum muro mais (Anais Nin).

#### 3.1 Ressignificando o Ambiente: Novas Formas de Habitar

Augé (1994, p. 51) faz referência ao “lugar antropológico” que, em contraposição aos não-lugares, são espaços fomentadores de relações interpessoais, carregados de sentido para quem o habita e plenos de inteligibilidade para quem os observa. Segundo o autor, esses lugares caracterizam-se por serem identitários, relacionais e históricos. Identitários, pois são lugares próprios, particulares daqueles que o habitam. Carregam toda uma história, encrustada no espaço. São relacionais, pois os elementos contidos nele estão numa relação de coexistência, onde num mesmo lugar podem coincidir elementos distintos e singulares. Por fim, os lugares antropológicos são históricos, pois carregam histórias de seus antepassados, correspondendo a “lugares de memória”. “O habitante do lugar antropológico não faz história, vive na história” (AUGE, 1994, p. 53).

Segundo o mesmo autor, a relação dos lugares antropológicos com quem os habitam é forte o suficiente para os seus moradores sentirem-se como “espectadores de si mesmos”, protagonistas de suas histórias. Essa sensação de pertencimento em relação ao espaço estimula as pessoas que o habitam a voltarem-se para si mesmas, reconhecendo-se enquanto seres carregados de histórias e potencialidades.

Nessa perspectiva, em contraste com uma relação artificial e superficial com o espaço habitado onde “tudo é máquina e a vida íntima foge por todos os lados”, Bachelard (1993, p.

45) defende o aprofundamento da relação do indivíduo com o lar, a casa. Segundo ele, a casa é uma “força” que tem a potencialidade de integrar o pensamento, as lembranças e os sonhos das pessoas. Sem ela, o homem se dispersa no mundo.

Na vida do homem, a casa afasta contingências, multiplica seus conselhos de continuidade. [...]. Ela mantém o homem através das tempestades do céu e das tempestades da vida. É corpo e alma. É o primeiro mundo do ser humano. Antes de ser ‘jogado no mundo’, como professam as metafísicas apressadas, o homem é colocado no berço da casa. E sempre, nos nossos devaneios, ela é um grande berço. Uma metafísica concreta não pode deixar de lado esse fato, esse simples fato, na medida em que ele é um valor, um grande valor ao qual voltamos nossos devaneios.

O ser é imediatamente um valor. A vida começa bem, começa fechada, protegida, agasalhada no regaço da casa (BACHELARD, 1993, p. 26).

Segundo o autor, o espaço habitado transcende o espaço físico, geométrico, sendo considerado “um estado de alma” de quem o habita (BACHELARD, 1993, p. 84). Nesse contexto, a casa transpõe o seu significado, de “simplesmente” abrigar pessoas, em valores humanos. A casa diz muito sobre quem o habita. Segundo o autor, todo espaço habitado traz a essência da noção de casa, contendo nela valores que as pessoas carregam consigo e externalizam nesses ambientes. Harvey (2006) diz que considerar o corpo poroso em relação ao ambiente molda as relações interpessoais e com a natureza. O corpo internaliza o que existe fora e o inverso também é verdadeiro, segundo o autor.

A sociedade contemporânea vive em lugares que são, muitas vezes, desprovidos de qualquer elemento que aguça os sentidos. Voltar a atenção para si, para o corpo e, conseqüentemente, para o espaço onde habitamos, é um meio de oposição a toda uma rede de abstrações políticas, sociais, científicas e econômicas da sociedade moderna que nos fazem negligenciar a natureza externa e interna (HARVEY, 2006). Nessa concepção, o cuidado com o ambiente reflete no indivíduo e vice-versa. Nós, enquanto humanidade, podemos fazer uso das nossas potencialidades para criar e modificar ambientes que fomentem o fluxo das forças criativas de quem o habita, sensibilizem os sentidos humanos em direção a uma reconexão com a natureza que o cerca. Goldstein (2010) relata sua experiência de contemplação do espaço ao caminhar por um sítio em meio à natureza exuberante, que contrasta com o ambiente das grandes cidades:

Nós estávamos nos sentindo em fina sintonia com o lugar. Prazer proporcionado àqueles que cuidam para que os sentidos se agucem, exercitando o ouvir, o olhar ou o cheirar, por exemplo, ao abster de barulhos artificiais, ao procurar andar no escuro, explorando o máximo da visão e do tato, ao abrir as narinas, procurando sentir os mais variados odores, ao tentar distinguir os mais variados sons – com isso, quando retomamos dos período em que passamos na cidade, é clara a percepção de que nossos sentidos ficam embotados e temos que reeducá-lo a cada volta (GOLDSTEIN, 2010, p. 29).

É possível a mudança de ambientes insalubres em direção a espaços que proporcionem uma melhor qualidade de vida. Mas, como sugere Harvey (2006), a mídia consumista molda o nosso contexto imaginativo, sem que praticamente ninguém dê conta, de forma que as possibilidades de mudanças na forma de habitar – e, inclusive mudanças societárias – sejam vistas como inalcançáveis, verdadeiras utopias. O contexto de vida da sociedade contemporânea muitas vezes nos mostra que não há alternativas, nos tornando impotentes diante de alterações que precisam ser feitas no ambiente onde vivemos. Mas,

como indaga Harvey (2006), como e por que nos convencemos que inexistem meios de modificar o espaço visando uma melhor qualidade de vida? Por que nos faltam coragem e perspicácia para propor alternativas libertadoras e buscar pô-las em prática? Resistir ao encrudescimento de uma forma de viver desprovida de sentido e “[...] enfrentar a relação entre o livre fluxo da imaginação e o autoritarismo é a tarefa que tem de estar no cerne de toda política regeneradora que tente ressuscitar ideais utópicos” (HARVEY, 2006, p. 214).

Na perspectiva de pôr em prática alternativas (que mais parecem ser inalcançáveis) que possibilitem melhorias no habitat humano, no começo do século XX, num cenário de crescimento industrial e alterações radicais na conjuntura econômica mundial (OTTONI, 1996), Ebenezer Howard<sup>12</sup> propôs um novo modelo de agrupamento humano denominado “Cidade-Jardim”. O autor diz que a ideia principal é criar um novo sistema industrial e melhores condições de moradia num mesmo assentamento. Nesse modelo, Howard (1996, p.114) sugere a elevação dos padrões de conforto e saúde dos trabalhadores moradores desses assentamentos, numa “combinação saudável, natural e econômica de vida urbana e rural”. Segundo Howard (1996), a “Cidade-Jardim” é projetada de modo que os atrativos encontrados nas cidades - como empregos bem remunerados, efervescência cultural/religiosa, desenvolvimento técnico e científico – e as vantagens encontradas na vida no campo – como a proximidade com os recursos naturais – sejam encontradas em um só lugar. O autor assegura que não há somente duas alternativas para a sociedade: vida urbana ou rural.

O campo é a fonte de toda saúde, de toda riqueza, de todo conhecimento. Mas ao homem não foi revelado conhece-lo na plenitude de sua alegria e sabedoria, e isso nunca poderá ocorrer enquanto perdurar essa infeliz e antinatural separação entre sociedade e natureza. Cidade e campo *devem estar casados*, e dessa feliz união nascerá uma nova esperança, uma nova vida, uma nova civilização (HOWARD, 1996, p. 110, grifo do autor)

Howard (1996) propõe a criação de uma cidade circular que acomoda 30.000 habitantes e ocupa 400 hectares dos 2400 no total. Os 2000 hectares restantes constituem-se terrenos agrícolas (que seria o campo). A cidade é dividida em seis grandes vias arborizadas que irradiam do centro da circunferência até o limite do terreno. No núcleo da circunferência localiza-se um jardim e, ao seu redor, edifícios públicos, teatro, hospital, galeria de arte, biblioteca e museu. A ideia de Ebenezer Howard é que, ao redor dessas “facilidades urbanas”,

<sup>12</sup> Ebenezer Howard, filho de comerciantes, nasceu em Londres e era especialista em etnografia. Apesar de não possuir nenhuma formação em arquitetura ou engenharia, tornou-se conhecido pela publicação do livro “*Tomorrow: A Peaceful Path to Real Reform*”, em 1898, no qual propôs a criação de uma cidade “utópica” que tinha o objetivo de melhorar a qualidade de vida das pessoas (OTTONI, 1996).

qualquer indivíduo da cidade possa, numa caminhada de poucos minutos, desfrutar do ar fresco e da calma encontrada no campo. O assentamento é repleto de praças arborizadas e espaços comunitários que integram os moradores. No anel externo da cidade, localizam-se fábricas, mercados, armazéns e serrarias. A arquitetura da cidade é desenhada para que o tráfego de veículos seja drasticamente reduzido em relação às cidades “convencionais”. O lixo produzido pela população é destinado à fertilização do solo para a agricultura.

A ideia é que todo o assentamento seja patrimônio coletivo dos moradores. Dessa forma, o lucro de algum empresário, dono de estabelecimento, é revertido para a comunidade. Ninguém é proprietário de casa ou comércio. Cada morador paga uma cota mensal que dá direito a usufruir do espaço (comércio, indústria ou casa, por exemplo) por um determinado tempo. Além disso, esse valor é usado para contribuir a amortizar o empréstimo realizado para a compra do terreno, financiar novas construções e a manutenção dos espaços. Uma característica importante da Cidade-Jardim é que há um “governo central” que é responsável pelas leis e tributações, mas a ele não é dado o poder de gerir o assentamento. Segundo Ottoni (1996), Howard não acreditava no poder do Estado inglês e também não contava com o controle do Estado socialista. Sua motivação foi a criação de uma nova forma de governar em ambientes de baixo custo, com uma “alta qualidade ambiental” (OTTONI, 1996, p. 41).

A primeira Cidade-Jardim, até então utópica, foi construída em 1903, alcançando em 1962, 26.000 moradores, como conta Ottoni (1996). Após a Primeira Guerra Mundial, políticas habitacionais de cunho imediatista, sem um maior planejamento, previam a construção de várias Cidades-Jardins, o que descaracterizou a proposta de Howard. Com o tempo, houve queda da qualidade das construções, porém, novas experiências foram efetivadas, evitando os erros cometidos na primeira experiência (OTTONI, 1996).

Apesar da proposta de Howard ser desprovida de uma preocupação contundente em relação a preservação dos recursos naturais, visto que seu projeto estimulava o desenvolvimento de indústrias em meio ao ambiente rural (anseio este que não era característico da época na qual o projeto foi arquitetado)<sup>13</sup> ela demonstra que é possível o uso da criatividade inerente do ser humano para a criação de ambientes humanos mais saudáveis. Como diz Harvey (2006), cada um de nós tem algo a oferecer no sentido de produzir coletivamente projetos que desejamos que sejam nossas cidades, espaços estes referentes às

---

<sup>13</sup> Segundo Silva (2013), a preocupação com a preservação dos recursos naturais só se tornou evidente na segunda metade do século XX, em meio à profundas crises ambientais, consequência do crescimento industrial exacerbado e a total urbanização das cidades.

possibilidades humanas, a quem queremos vir a ser. Enfrentar o utopismo e ressuscitá-lo, a fim de “agir como arquitetos de nosso próprio destino”, está no cerne da criação de um novo sentido societário (HARVEY, 2006, p. 211).

Apesar de David Harvey defender alternativas que propõem uma mudança societária mais radical do que a proposta por Ebenezer Howard, o autor reconhece a importância que esses movimentos têm de empoderar os cidadãos para a construção de uma nova realidade. De acordo com o autor, uma transformação social mais profunda inclui pensar o habitat a partir de mudanças em diversas escalas, como no planejamento urbano, na manutenção da cultura local, conservação de micro-habitats e de qualquer forma de vida. Todos esses aspectos precisam ser unidos e transformados, visando a criação de alternativas político-econômicas a partir das contradições do sistema em que vivemos (HARVEY, 2006).

Propostas de mudanças mais profundas na sociedade, como defende David Harvey, surgiram apenas na segunda metade do século XX e envolveram alternativas que incluíam o cuidado com a natureza interna e externa, preocupações até então quase totalmente negligenciadas. Muitas dessas propostas foram postas em prática, assim como aconteceu no exemplo das Cidades-Jardim, e culminaram no surgimento de comunidades ecológicas. Nesse sentido, o próximo capítulo vai tratar analiticamente sobre movimentos contestatórios que, mais tarde, resultaram no surgimento das ecovilas, como hoje são conhecidas.

### **3.2 Inconformismos e o surgimento das Ecovilas**

Numa sociedade de consumo que adultera a originalidade da vida individual para moldar o comportamento humano segundo padrões empresariais, eliminando a possibilidade da diferença, do que é naturalmente espontâneo, da poesia e de subjetividades livres (BOSCATO, 2006), surgem movimentos que vão na contraposição aos valores propagados pela “ordem vigente”.

Na verdade, quase não parece exagero chamar de “contracultura” aquele fenômeno que estamos vendo surgir entre os jovens. Ou seja, uma cultura tão radicalmente dissociada dos pressupostos básicos de nossa sociedade que muitas pessoas nem sequer a consideram uma cultura, e sim uma invasão bárbara de aspecto alarmante (ROSZAK, 1972, p. 54).

A contracultura surge sob uma ótica libertária, dando impulso a reformulação de valores espirituais, políticos e religiosos, a luta pela criação de uma sociedade com valores comunitários e ecológicos (BOSCATO, 2006). O movimento contracultural instigou,

principalmente, jovens de toda parte do mundo à luta contra a rigidez encravada pela ordem dominante, através da busca por uma redefinição do conceito de liberdade.

Silva (2013) diz que apesar de os *hippies* terem se popularizado nos anos 1960/1970, os pioneiros do movimento surgiram no início do século XIX, entre 1815 e 1848, tendo sido a primeira fase das “contraculturas espaciais”<sup>14</sup>. Esse momento foi marcado por uma séria crise estrutural, marcada pela superprodução industrial articulada com a subprodução de alimentos (SILVA, 2013). Segundo o autor, a segunda fase se deu no final da década de 1960 em meio à crise capitalista, em sua passagem para o neoliberalismo. Tavares (1985), por outro lado, afirma que o movimento contracultural teve início já na década de 1950, mas o seu apogeu se deu nos anos 1960.

Segundo Silva (2013), o movimento contracultural ainda dispõe de uma terceira fase. Sendo a fase contemporânea, considerada uma espécie de continuação da segunda fase das contraculturas, compreende a ascensão do que, hoje, se convencionou chamar de *ecovilas* e os princípios e práticas da *permacultura*, experiências que abarcam esta investigação. Considerando que as duas últimas fases das contraculturas espaciais influenciaram mais diretamente o surgimento e desenvolvimento das experiências e práticas que proponho estudar nesta investigação, desenvolverei sobre elas.

De acordo com Tavares (1985), apesar de outros experimentos de organizações comunitárias baseadas na igualdade e fraternidade, existentes na Idade Média, o movimento contracultural teve início durante a década de 1950, época do surgimento do *rock* e da desobediência da “juventude transviada”<sup>15</sup> em relação aos velhos valores. “O balanço do *rock* contribuiu para a liberação das energias – foram os primeiros ensaios da liberação de corpo e mente” (TAVARES, 1985, p. 15).

Surgem nos anos 1950 os *beatnicks*, o primeiro gesto de desobediência espontaneamente organizada que reunia poetas, escritores transgressores e boêmios que teve origem na frustração do meio intelectual que vivia a Guerra Fria e na tensão da Guerra do Vietnã, ameaçando deflagrar uma guerra nuclear (SILVA, 2013; TAVARES, 1985). Fizeram parte da geração dos *beatnicks* autores, transgressores da “moral e dos bons costumes”, como

---

<sup>14</sup> O autor define contraculturas espaciais como sendo “microexperimentos de produção socioespacial”, geralmente de caráter comunitarista, que nascem como tentativas de subversão à ordem dominante (SILVA, 2013, p. 50).

<sup>15</sup> Eram os jovens que ouviram o rock’n roll na década de 1950. O simples fato de dançar rock era considerado uma arma de agressão contra a moralidade vigente, o que causava reflexão e inconformismos juvenis (TAVARES, 1985).

Jack Kerouack – autor do célebre livro *On the road*<sup>16</sup>, Carl Solomon, Norman Mailer, Allen Ginsberg, entre outros (SILVA, 2013). Inspirados pelos *rock'n roll* e artistas da época como os *Beatles*, que propagavam ideais libertários em suas canções, a juventude influenciada pelos *beatnicks* ansiava viajar pelo mundo nas famosas *kombis*, num ato de desejo intenso por libertação de padrões impostos pela cultura dominante.

Pouco tempo depois surgiram os *hipsters*, jovens politizados que passaram a aprofundar a autoconsciência crítica no período pós-guerra. Tavares (1985) conta que no final da década de 1950 e início de 1960, o movimento *beatnick* desaparece, dando lugar ao Movimento *Hippie*, com as mesmas perspectivas de transformação social dos *hipsters*.

O movimento *hippie* surgiu em meio a uma guerra entre as duas maiores potências capitalistas da época: Estados Unidos e União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), que desencadeou a Guerra do Vietnã, num cenário de crise ecológica - consequência do crescimento industrial e urbanização das cidades -, e corrida armamentista. A conquista da tecnologia nuclear em meio ao cenário político e social conturbado da época era um dos fatores impulsionadores da contracultura. Theodore Roszak (1972) discorre sobre as motivações do movimento contracultural da época:

A contracultura toma posição tendo como plano de fundo esse mal absoluto, um mal que não é definido pelo simples *fato* da bomba, mas pelo *ethos total* da bomba, no qual nossa política, nossa moralidade pública, nossa vida econômica e nosso esforço intelectual acham-se atualmente inseridos com abundância de engenhosa racionalização. Somos uma civilização sepultada num inabalável compromisso com o genocídio, jogando loucamente com o extermínio universal da espécie, e com perversidade violentamos nosso senso de humanidade para simular, mesmo por um dia, que tal horror possa ser aceito como “normal”, como “necessário”! (ROZAK, 1972, p. 58-59, grifo do autor)

A segunda fase das contraculturas espaciais - o Movimento *Hippie* - teve início nos Estados Unidos, mas logo os seus ideais difundiram-se por diversos países do mundo ocidental (SILVA, 2013). “Foram os hippies que fizeram com que a contestação social, a desobediência e a procura por novos valores percorresse terras, espalhando-se tal qual como erva daninha [...]” (TAVARES, 1985, p. 20).

---

<sup>16</sup> O livro, que tem como título traduzido para o português “Pé na estrada”, conta a história de dois amigos que viajam por todo os Estados Unidos, conhecendo diversas pessoas e lugares, numa jornada regada a álcool e outras drogas. Eduardo Bueno (2013), tradutor do livro no Brasil, conta que após a publicação do livro foi um evento histórico que marcou várias gerações. Segundo ele, após a leitura do livro, Jim Morrison fundou a banda *The Doors* (sucesso nos anos 1970), o cantor Bob Dylan e muitos outros jovens fugiram de casa, impulsionados a viajar pelo mundo.

Os *hippies* criticavam a moralidade existente nas famílias, a educação padronizadora, o cientificismo, o papel do Estado - visto como um órgão repressor-, o desenvolvimento da indústria armamentista, em detrimento da valorização do hedonismo, da busca pelo crescimento espiritual, da organização coletivista do espaço, da agricultura em pequena escala (descentralizada), a busca pela autossuficiência econômica, crença no pacifismo (SILVA, 2013). O movimento buscava, também, o desenvolvimento de sensibilidades sutis do ser humano: a concretização dos sonhos pessoais, um maior vínculo com os recursos naturais, aspirações libertárias do corpo e mente e inclinações espontâneas do ser humano (GABEIRA, 1985). Sobre o estilo de vida *hippie*, Capellari (2007) diz:

Sua expectativa era de um novo mundo, uma nova era na qual a liberdade determinaria o fim da atual, configurada pelo uso da força repressiva; uma era marcada pela paz, na qual ficaria marcada pelo fim da animosidade recíproca entre países e homens; uma era, enfim, marcada pelo amor e pelo congraçamento, em oposição ao ódio e à competitividade reinante. Mas, acima de tudo, uma *nova era* de descobertas espirituais, de viagens para além dos muros que estreitam os horizontes da percepção. O termo *viagem* ganhou, a conotação habitual, de deslocamento no espaço, outra, de deslocamento no interior do próprio ser, de abertura das portas da percepção, inaugurando, também no Brasil, a psicodelia, isto é, a “manifestação do espírito” e a mutação psicológica da qual deveria surgir um novo homem (CAPELLARI, 2007, p. 51, grifo do autor).

No Brasil, a rebeldia *hippie* ganhou força no final da década de 1960 e durante a década de 1970, em consequência do AI-5<sup>17</sup>, num cenário de reconfiguração política desencadeada pelo Golpe de 1964<sup>18</sup> (CAPELLARI, 2007; TAVARES, 1985). O inconformismo juvenil, no caso brasileiro, serviu para manifestar a grande recusa ao autoritarismo explicitado pelos militares (BOSCATO, 2006). Em contraposição à rigidez imposta pela ditadura, diversas manifestações artísticas – mesmo que proibidas, surgiram, como o tropicalismo<sup>19</sup>, que “deslocava a rebeldia *hippie* repensando-a e deglutindo-a antropofagicamente para aplicá-la ao Brasil (TAVARES, 1985, p. 25). Gabeira (1985) destacou as particularidades da vida alternativa no Brasil:

---

<sup>17</sup> O Ato Institucional número cinco, decretado em dezembro de 1968 pelo então Presidente militar Costa e Silva, foi considerada a medida mais repressora da ditadura militar brasileira, pois dava poder ao Estado de reprimir qualquer expressão de oposição aos militares, como cassar mandatos eletivos, suspender direitos políticos a qualquer cidadão brasileiro, intervir nos estados e municípios, impor censura aos meios de comunicação, livros, letras de música, peças teatrais e revistas, proibir qualquer manifestação popular de caráter político.

<sup>18</sup> O golpe corresponde ao estabelecimento da ditadura militar no país, em abril de 1964.

<sup>19</sup> Movimento liderado por Caetano Veloso e Gilberto Gil, que “opunha-se à redução da arte a sua função política” (CAPELLARI, 2007, p. 43). Integrado por um grupo de artistas, opositores do regime militar, que movimentaram a cena cultural da época, o movimento foi inspirado em obras artísticas como a de Glauber Rocha em “Terra em Transe”, propostas antropofágicas de Oswald Andrade e na obra “Tropicália” do artista plástico Hélio Oiticica (CAPELLARI, 2007).

Vinte anos de ditadura militar é um dado específico da experiência brasileira. A sobrevivência de algum tipo de vida alternativa, nesse período, foi uma vitória. Esta vitória é a reprodução no Brasil de uma grande qualidade do movimento alternativo em escala mundial: o de criar um meio que recuse as normas da sociedade capitalista, um lugar à margem, num período de recuo político, de contra-revolução (GABEIRA, 1985 p. 14)

No impulso da fuga contra o “sistema repressor”, muitos jovens optaram por formar comunidades onde pudessem vivenciar os ideais libertários defendidos por eles: as *comunidades alternativas*, surgidas, segundo Silva (2013) durante as décadas de 1960 e 1970 e, no Brasil, somente durante os anos 1970. O termo refere-se a jovens que procuravam vivenciar os ideais libertários defendidos pelo movimento *hippie*, adotando um tipo de vida comunitário num espaço onde as decisões eram tomadas de forma coletiva, eram praticadas no interior de comunidades rurais numa agricultura de subsistência – ou pelo menos a tentativa dela<sup>20</sup> - e adotados um modo de vida mais “natural”, sem uso de agrotóxicos e produtos industrializados, numa fuga declarada dos hábitos adquiridos nas metrópoles urbanas (CAPELLARI, 2007). Nessas comunidades, havia abertura para “uma nova percepção da realidade dada pelo uso de drogas lisérgicas e potencialmente alucinógenas”, como conta Araujo (2000, p. 16).

Caravita (2012), Silva (2013) e Tavares (1985) citam algumas comunidades que integraram as primeiras tentativas de desenvolvimento de sociedades igualitárias e fraternais que inspiraram o movimento alternativo das décadas de 1960 e 1970, como os *Kibutzim* israelenses<sup>21</sup>, as comunidades indígenas, os *Diggers*<sup>22</sup>, Canudos e a Colônia Cecília<sup>23</sup>. Algumas comunidades que nasceram do movimento alternativo sobrevivem até os dias atuais. As comunidades alternativas eram formadas nas cidades e, na maior parte das vezes, como

<sup>20</sup> De acordo com Silva (2013), a maioria dos jovens que se dispôs a morar em comunidades alternativas era de classe média, e não tinham nenhum conhecimento prático e teórico de agricultura e nenhuma habilidade de manuseio com a terra.

<sup>21</sup> São comunidades agrícolas localizadas em Israel – as primeiras foram fundadas no início do século XX – onde não havia circulação de dinheiro e todos os bens pertenciam à coletividade (TAVARES, 1985). O autor diz que cada indivíduo recebia os produtos que necessitava e, em troca, trabalhava o quanto era possível. Silva (2013) ressalta que uma vez instrumentalizados para os propósitos do Estado israelense, descaracterizando-os, os *Kibutzim* não são mais considerados dentro do movimento contracultural, apesar de terem influenciado o movimento.

<sup>22</sup> Movimento composto por trabalhadores rurais originado na Inglaterra no século XVII que desejava fundar uma sociedade agrária, anticlerical e socialista. Séculos depois, o movimento *Digger* dá nome a um coletivo político surgido nos Estados Unidos na década de 1960, agora recebendo influências dos *beatnicks* e no contexto na contracultura do período (SILVA, 2013).

<sup>23</sup> De inspiração anarquista, a Comunidade Cecília foi fundada no final do século XIX, no Paraná – Brasil, por um italiano que objetivava formar uma comunidade livre da intervenção no Estado e de autoritarismos. Segundo Tavares (1985), a comunidade foi fundada pelas tropas da ditadura de Floriano Peixoto, poucos anos depois de seu surgimento.

afirma Silva (2013), localizavam-se em lugares remotos, longe do caos dos centros urbanos. Nas comunidades urbanas, Tavares (1985) conta que os jovens invadiam casas desocupadas e passaram a desenvolver suas próprias condições de trabalho e moradia. A forma de subsistência desses jovens era através da venda de artesanatos.

A proposta de fuga da sociedade de consumo foi alvo de críticas por parte de Gabeira (1985). Segundo o autor, grande parte das pessoas que se propuseram à “largar tudo” e viver um modo de vida comunitário, eram jovens de classe média que apesar de criticarem arduamente o estilo de vida das metrópoles urbanas, não se engajavam nas lutas sociais para modificar uma sociedade que consideravam perdida. Essa fuga existiu entre os que eram conscientes da situação política de seus países, mas havia também pessoas que dispensavam um engajamento nas lutas sociais, o que contradiz os ideais libertários desses jovens. O autor ainda ressalta o isolamento das comunidades alternativas, que resultou, em muitos casos, numa “regressão intelectual ou numa fuga a um misticismo alheio aos problemas sociais” (GABEIRA, 1985, p. 7).

Tavares (1985) reconheceu que as comunidades alternativas foram uma fuga. Ao contrário de Fernando Gabeira, o autor não vê como uma limitação o fato dos *hippies* aspirarem ao abandono de um sistema societário exploratório para uma “fraternidade entre irmãos”. “Quem não deseja fugir dessa vida de tensão e correr para a paz necessária?” (TAVARES, 1985, p. 63). O autor exalta a participação política dos “alternativos” em manifestações e passeatas e, também, através da força do exemplo, como quando constroem seus próprios geradores de energia e produzem seus próprios alimentos.

Enquanto o movimento alternativo seguiu com vigor no Brasil, durante os anos 1970, apesar da truculência imposta pelo regime militar e das limitações indicadas por Gabeira, nos Estados Unidos e na Europa, na mesma época, o movimento foi perdendo a qualidade (TAVARES, 1985). Os jovens rebeldes foram tomados pelo sentimento de frustração pela não concretização de suas visões libertárias. O Estado totalitário que restringiu as subjetividades humanas parecia ter preenchido todas as esferas sociais.

No decorrer do tempo, e com a perda da vitalidade do movimento contracultural, muitas comunidades alternativas foram desaparecendo ou perdendo suas características iniciais. A falta de prática com a agricultura, a pouca aptidão com o ritmo do campo, a falta de planejamento estratégico, e até a persistência de “hábitos burgueses” foram, como aponta Silva (2013), alguns dos motivos para muitas comunidades alternativas terem sucumbido com a mesma velocidade de seus surgimentos. A vida em comunidade, principalmente com princípios autogestionados, exigia experiência no manejo da terra, habilidade para a resolução

de conflitos, resiliência para seguir com a visão de mundo e desenvolvimento de forças criativas para lidar com as dificuldades.

Mesmo com todas as limitações e desafios, algumas comunidades surgidas na década de 1960/1970 se desenvolveram e até hoje, com características diferenciadas dos ideais defendidos pelo movimento contracultural, se mantêm operantes e influentes. Prova que o movimento alternativo manteve-se ativo foi o surgimento da Associação Brasileira de Comunidades Alternativas (ABRASCA)<sup>24</sup> em 1978, com sede em São Lourenço, Minas Gerais (SILVA, 2013). Desde o ano de seu surgimento até os dias atuais, a ABRASCA organiza o Encontro Nacional das Comunidades Alternativas (ENCA): encontro anual que tem como propósito reunir pessoas e comunidades que têm um *estilo de vida alternativo*<sup>25</sup> e comunitário.

Dentre as comunidades que conseguiram transpor dificuldades e continuam firmes atualmente, Silva (2013) destaca a comunidade *The Farm*, umas das mais antigas experiências comunitaristas surgidas através do movimento *hippie*, localizada no estado de *Tennessee*, nos Estados Unidos. Surgida em 1971, a comunidade já teve 1400 membros. Até 2013 contava com pouco mais de 250 pessoas, mudança que foi resultado de uma reestruturação e reorientação nas décadas de 1980 e 1990. No Brasil, a cidade de Alto Paraíso, localizada em Goiás, é considerada um dos maiores polos brasileiros da cultura alternativa, originada dos anos 1970. Até hoje comporta diversas *comunidades intencionais*, que na década de 1990 passaram a ser chamadas, além de outras denominações, de *ecovilas*.

O uso do termo comunidade intencional cabe melhor no contexto pós movimento *hippie*, pois as comunidades não tinham mais os mesmos contornos que caracterizavam seus ideais iniciais, não sendo mais consideradas comunidades alternativas – como, por exemplo, a comunidade *The Farm* que foi reestruturada com o tempo – sendo, portanto, inseridas no contexto da nova fase das contraculturas espaciais, segundo Silva (2013).

As comunidades intencionais se caracterizam, como diz Santos Júnior (2006, p. 6), por terem sido criadas a partir de uma revolta ou ressignificação dos laços identitários de

---

<sup>24</sup> Associação que tem como objetivo congrega as comunidades alternativas e grupos com ideais libertários semelhantes, organizar encontros anuais e regionais, promover cursos e palestras com temas de interesse das pessoas que vivem ou são simpatizantes do “estilo de vida alternativo” (TAVARES, 1985). O autor diz que a associação publica o jornal “Comunidade”, com o objetivo de servir como canal de divulgação do movimento.

<sup>25</sup> Com essa expressão, refiro-me à comunidades e pessoas que procuram viver integradas à natureza, fazem uso da medicina alternativa, possuem alimentação natural, sem consumo de alimentos industrializados, geralmente vivem em comunidades, praticam atividades visando o crescimento espiritual, entre outras características que se assemelham aos valores pregados pelos jovens *hippies*.

certos grupos, numa busca por diferenciação dos contextos hegemônicos nos quais esses grupos surgiram, “sustentando-se em visões elevadas ou utópicas”. Ou seja, a comunidade se desenvolve a partir de uma *intenção* ou opção específica. Numa definição retirada do livro “*Definitions from Bill Metcalf: The Findhorn Book of Community Living*”, do próprio autor, Metcalf (2012), conceitua comunidades intencionais como sendo:

Cinco ou mais pessoas, provenientes de mais de uma família ou de um grupo com parentesco, que se reuniram voluntariamente com o propósito de melhorar os problemas sociais e inadequações percebidas. Eles procuram viver além dos limites da sociedade dominante, adotando um modelo conscientemente elaborado e, geralmente, uma bem planejada alternativa social e cultural. Na busca pelos seus objetivos, compartilham aspectos significativos de suas vidas em conjunto. Os participantes são caracterizados por uma "consciência-nós", vendo-se como um grupo contínuo, separado e em muitos aspectos melhor do que a sociedade da qual eles surgiram (METCALF, 2012, p. 21, tradução nossa).<sup>26</sup>

As experiências de comunidades intencionais existentes no mundo são inúmeras, tendo sido registrados diversos casos ao longo de dois milênios e meio, não sendo consideradas, dessa forma, um fenômeno moderno (METCALF, 2012). As comunidades alternativas surgidas através do movimento *hippie* e experiências comunitárias que as influenciaram, como os *diggers*, *kibutzim* israelenses, além das ecovilas e *cohousing* – todas provenientes de uma crítica social/cultural - são, portanto, tipos de comunidades intencionais.

Bill Metcalf diz que grande parte das comunidades intencionais não estão inseridas totalmente fora, tampouco integralmente dentro da cultura dominante, oferecendo pouca ameaça política *direta*. O verdadeiro confronto ao sistema hegemônico proposto por essas comunidades é no contexto cultural e político, segundo o mesmo autor.

Um tipo de comunidade intencional que surge na perspectiva de um “retorno” a uma vida comunitária na qual não há um enfrentamento direto com a cultura hegemônica, são as *cohousing*. Geralmente inseridas no meio urbano, *cohousing* é um tipo de comunidade que possui residências particulares, permitindo que o morador ou a família preserve sua individualidade, ao mesmo tempo em que o sentido de vizinhança é cultivado quando os moradores compartilham algumas instalações do espaço, regras de convivência, reuniões, festas e decisões através de uma gestão comunitária e participativa (HEEKS, 2007; SCOTTHANSON, C. & SCOTTHANSON, K. 2005).

<sup>26</sup> Do original: “Five or more people, drawn from more than one family or kinship group, who have voluntarily come together for the purpose of ameliorating perceived social problems and inadequacies. They seek to live beyond the bounds of mainstream society by adopting a consciously devised and usually well thought-out social and cultural alternative. In the pursuit of their goals, they share significant aspects of their lives together. Participants are characterized by a “we-consciousness,” seeing themselves as a continuing group, separate from and in many ways better than the society from which they emerged”.

Segundo Chris e Kelly Scotthanson (2005), essas comunidades intencionais variam em tamanho, tipo de propriedade, número de moradores, localização, *design*, regras e prioridades, porém, compartilham alguns atributos semelhantes entre si:

- As comunidades são arquitetadas de modo que possuam instalações de uso comum, - como cozinha, sala de estar, biblioteca, lavadeira – no entanto, todos os integrantes da *cohousing* possuem suas próprias casas particulares, podendo conter os mesmos cômodos que existem nas instalações compartilhadas. As áreas comuns são projetadas para uso complementar;
- A estrutura física estimula o sentimento de vida em comunidade, com passagens que ligam as residências particulares a cômodos comunitários e jardins centrais;
- Ao contrário de um condomínio convencional, todos os moradores da *cohousing* gerenciam a comunidade, o que inclui a tomada de decisão conjunta, reuniões comunitárias, demandas comuns;
- Não há estrutura hierárquica entre os membros. Portanto, não há uma liderança nessas comunidades, sendo as decisões tomadas, geralmente, por consenso;
- Não há renda compartilhada entre os moradores. Cada membro da *cohousing* possui seu próprio modo de obtenção de rendimentos.

As primeiras experiências de *cohousing* surgiram na Dinamarca no final da década de 1960 e durante os anos subsequentes centenas delas dispersaram-se pela Escandinávia, Holanda até chegarem na América do Norte (HEEKS, 2007). O mesmo autor diz que nos anos 1980 essas comunidades multiplicaram-se nos Estados Unidos e chegaram até o Reino Unido, onde é uma realidade próspera até os dias atuais. Assim como as *cohousing*, outros tipos de comunidades intencionais perduram na contemporaneidade, e outras tantas são engendradas, afirmando-se como formas de *resistência* ao modelo de desenvolvimento hegemônico.

Na fase contemporânea das contraculturas espaciais, indicadas por Silva (2013), as comunidades intencionais surgem numa adaptação às novas condições políticas, sociais, culturais e ecológicas vivenciados pela humanidade na contemporaneidade: fim da Guerra Fria, globalização, fase neoliberal do sistema capitalista, realização da ECO-92, entre outras (SANTOS JÚNIOR, 2006).

A terceira fase da contracultura surge em meados da década de 1990 “como resultado direto dos problemas e das crises engendrados pelo sistema capitalista” e

caracteriza-se pelo surgimento das ecovilas e das práticas e princípios da *permacultura* (SILVA, 2013, p. 116). Sobre a atual fase, o autor diz que:

A privatização generalizada e a (quase) total mercadificação da vida trazidas com o neoliberalismo, seguidas por todo o tipo de desregulamentações e aventuras especulativas financeiras desencadeadas ao longo das últimas quatro décadas amplificaram, em muito, os problemas socioambientais já existentes desde os albos do capitalismo. Assim, em virtude do recrudescimento do processo de destruição criativa da terra que caracteriza o atual estágio de desenvolvimento do capital, não causa estranhamento que o acento da ecologia esteja muito mais presente agora do que em outros momentos da geografia, história das contraculturas espaciais (mesmo em relação às primeiras experiências surgidas nos anos 1960/1970) (SILVA, 2013, p. 112).

Assim como diz o autor, os processos entrópicos de destruição ganham intensas proporções na terceira fase da contracultura com a fase neoliberal e suas conseqüentes destruições culturais, sociais, ambientais e econômicas. Porém, “espírito contracultural”<sup>27</sup> resiste, numa moldagem que responde a esses novos fatores característicos da contemporaneidade. Nesse cenário, surgem as ecovilas.

Santos Júnior (2006) indica que as ecovilas são comunidades intencionais urbanas ou rurais que receberam influências das práticas comunitárias e dos ideais defendidos pelo movimento *hippie* dos anos 1960/70, porém, enquanto conceito e tipos de experiências vivenciadas, elas surgem somente na década de 1990. Embora comunidades semelhantes já existissem, o termo “ecovila” surgiu quando ativistas alemãs que participavam do movimento anti-nuclear criaram assentamentos baseados em princípios ecológicos nos anos 1980 (DAWSON, s/d). Mais tarde, o termo foi utilizado na revista alemã *Okodorf Informationen* e, posteriormente, na revista Eurotopia. O termo ganhou força em 1991 depois que Robert e Diane Gilman, editores da revista *In Context*, catalogaram diversas experiências de comunidades intencionais através de um relatório encomendado pela ONG dinamarquesa *Gaia Trust*, denominado “*Ecovillages and Sustainable Communities*”. A pesquisa incluiu comunidades tradicionais, *cohousing*, comunidades alternativas urbanas e rurais e atividades permaculturais realizadas nessas comunidades.

No relatório, Diane e Robert Gilman (1991a) definiram ecovilas como sendo assentamentos multifuncionais onde as atividades são inofensivamente integradas à natureza, sem causar nenhum tipo de dano, de forma que haja o desenvolvimento humano saudável e

---

<sup>27</sup> Capellari (2007, p. 212) define o termo como sendo “um tipo específico de rebeldia voltado contra valores e ideias dominantes, considerados opressivos. O autor ressalta que o grau de desajuste em relação à “ordem hegemônica”, intrínseco do espírito contracultural, não segue uma linha específica, tampouco regras e valores semelhantes.

que possa prosseguir com êxito num futuro indefinido. Nas ecovilas, as atividades humanas são integradas aos ciclos naturais de vida - numa cadeia harmônica em que o indivíduo se afirma enquanto natureza – e concomitante a esse reconhecimento, em muitos casos, há a procura pelo “crescimento espiritual”. A ONG Gaia Trust (s/d), define ecovilas como sendo “um assentamento humano sustentável, em harmonia com todos os aspectos da vida, incluindo as dimensões cultural, ecológica e espiritual”.<sup>28</sup>

De acordo com Thaisa Mattos (2015), a partir da publicação das experiências de comunidades intencionais em 1991, os integrantes desses grupos passaram a se reunir com o objetivo de partilhar conhecimentos acerca das ecovilas e buscar estratégias para difundir o movimento. Dawson (s/d) ressalta que a divulgação do movimento das ecovilas foi fortemente auxiliada pelo surgimento da *internet*, possibilitando que experiências semelhantes se propagassem. Em 1995, na comunidade Findhorn - uma das mais antigas comunidades intencionais do mundo - localizada no norte da Escócia, foi realizada uma importante Conferência intitulada “Ecovilas e Comunidades Sustentáveis - Modelos para o Século XXI” que atraiu mais de 400 participantes de todas as partes do mundo (DAWSON, s/d; JACKSON, 2004). A partir dessa Conferência, um grupo de 25 pessoas decidiu criar uma rede chamada “*Global Ecovillage Network*” (GEN), ou Rede Global de Ecovilas, com o objetivo de vincular centenas de experiências sustentáveis existentes no mundo (JACKSON, 2004).

A GEN é uma rede que une diversas experiências de comunidades e iniciativas sustentáveis ao redor do mundo com o objetivo de compartilhar ideias, trocar experiências, desenvolver intercâmbios culturais e educacionais, oferecer boletins informativos, desenvolver e compartilhar tecnologias sustentáveis (GEN, 2014). Como um dos instrumentos mais relevantes de divulgação dessas experiências de sustentabilidade, a GEN formulou uma importante definição de ecovilas:

Ecovila é uma comunidade intencional ou tradicional que utiliza processos participativos locais para integrar holisticamente as dimensões ecológicas, econômicas, sociais e culturais da sustentabilidade, a fim de regenerar os ambientes sociais e naturais (GEN, 2014, tradução nossa)<sup>29</sup>.

Com a intenção de disseminar as experiências vivenciadas nas ecovilas e atentando para as especificidades do movimento nas diferentes regiões do planeta, o trabalho da GEN é subdividido em: GEN – África, GEN – Europa, GENNA – América do Norte, GENOA –

---

<sup>28</sup> Disponível em: <<http://gaia.org/global-ecovillage-network/ecovillage/>> Acesso em 12/03/2017.

<sup>29</sup> Disponível em: <<http://gen.ecovillage.org/en/article/what-ecovillage>>. Acesso em: 12/03/2017

Oceania e Ásia, CASA – América do Sul; GEN – Internacional (representante de todas as redes regionais) e a *NextGEN*, o movimento que une jovens do movimento das ecovilas.

A propagação das práticas desenvolvidas nas ecovilas e o surgimento de novas experiências comunitárias têm chamado a atenção de instituições políticas e organizações que fomentam práticas sustentáveis. Uma das características do movimento é a abertura ao diálogo com o circuito político-administrativo da sociedade hegemônica. Em 1996 a Rede Global de Ecovilas participou do Encontro *Habitat II* – conferência que ofereceu diretrizes para a criação de assentamentos humanos sustentáveis no século XXI - na Turquia, promovido pela Organização das Nações Unidas (ONU) (SANTOS JÚNIOR, 2006). Em 1998, as ecovilas *Cristal Waters*, *Lebensgarten* e *Findhorn* entraram na “Lista das 100 melhores práticas”, consideradas “modelos excelentes de vida sustentável” pela ONU *Habitat* e no ano 2000, a GEN passou a fazer parte do Conselho Consultivo do “Comitê das Organizações Não-Governamentais das Nações Unidas” (ECOSOC) (SANTOS JÚNIOR, 2006; DAWSON, s/d; MATTOS, 2015).

Numa sociedade onde a vinculação entre as pessoas e a natureza está cada vez mais fragilizada, desatada da ideia de comunidade, de reconhecimento enquanto parte dos processos naturais. No coração das ecovilas está o anseio pelo resgate, ou melhor, a reinvenção de uma percepção mais sensível e mais plena de sentido do ser humano a respeito de si, afirmando-se parte de um todo, que é a natureza. O restabelecimento desse vínculo se dá através do desenvolvimento harmônico e equilibrado dos diversos aspectos da vida, como: moradia, obtenção de alimentos, lazer, vida social, desenvolvimento espiritual, educação, cultura, entre outros.

Dawson (2006a) ressalta a natureza heterogênea das ecovilas. Correspondem a experimentos de sustentabilidade que contém uma multiplicidade de influências filosóficas e estruturas físicas e organizacionais diferenciadas cujo nenhum modelo cobre todos os casos que podem ser descritos. Apesar das diferenças, as ecovilas compartilham alguns princípios. O autor reuniu algumas características comuns das ecovilas e desenvolveu cinco pilares existentes nessas comunidades intencionais. Segundo o autor, o primeiro pilar constitui-se como comunidade em resposta às condições impostas pela sociedade moderna, como solidão e alienação. Jackson (1998) expressa bem a ideia de vida em comunidade:

Ecovilas são comunidades nas quais as pessoas se sentem responsáveis por aqueles que os rodeiam. Proporcionam um sentido profundo de pertença a um grupo. Elas são pequenas o suficiente para que todos se sintam capacitados, vistos e ouvidos. As pessoas são, então, capazes de participar na tomada de decisões que afetam suas próprias vidas e a da comunidade numa base transparente (JACKSON, 1998, p. 9,

tradução nossa).<sup>30</sup>

O segundo atributo é o caráter autônomo dessas comunidades intencionais. As atividades desenvolvidas, além da estrutura física e organizacional, são fruto do trabalho dos próprios ecovilenses – e/ou da população do entorno da ecovila como meio de fomentar a economia local<sup>31</sup>. Gilman (1991) destaca que a busca pela autonomia não significa que as ecovilas têm de ser totalmente autossuficientes e isoladas do meio circundante. Porém há o esforço coletivo pela autogestão como forma de resistência a um modo de vida alienante, intrínseco de uma cultura consumista.

Uma comunidade intencional que aspira a tornar-se uma ecovila tenta ter uma população pequena o suficiente para que todos conheçam cada um e possam influenciar no resultado das decisões comunitárias. Espera fornecer alojamento, oportunidades de trabalho e oportunidades sociais e espirituais dentro do local, criando uma comunidade mais auto-suficiente possível. Tipicamente, uma ecovila constrói habitações ecologicamente sustentáveis, planta seus próprios alimentos orgânicos, recicla seus resíduos inofensivamente e, tanto quanto possível, gera sua própria energia fora da rede (CHRISTIAN, 2003, p. 17, tradução nossa)<sup>32</sup>

O terceiro pilar, de acordo com Dawson (2006a), constitui a recuperação, por parte das ecovilas, do controle de seus próprios recursos e destino. “Tomar as rédeas” da própria vida envolve o empoderamento dos ecovilenses em relação ao direito de escolher o que comer, o tipo de casa que desejam morar, o tipo de tratamento de esgoto que desejam utilizar nas suas residências, ter o conhecimento da procedência do alimento que é consumido, para onde vai o resíduo sólido gerado, entre outras maneiras de desviar de uma conjuntura com a qual não concordam (CAPELLO, 2013).

O quarto elemento de uma ecovila corresponde aos valores e propósitos compartilhados pelos seus membros. Apesar das diferentes visões de mundo dos ecovilenses, cada ecovila gira em torno de uma visão comum a todos do grupo. Gilman (1991) nomeia essa “visão comum”, característica das ecovilas, como “cola”, sendo algo que os une com

---

<sup>30</sup> Do original: “*Ecovillages are communities in which people feel supported by and responsible to those around them. They provide a deep sense of belonging to a group. They are small enough that everyone feels empowered, seen and heard. People are then able to participate in making decisions that affect their own lives and that of the community on a transparent basis.*”

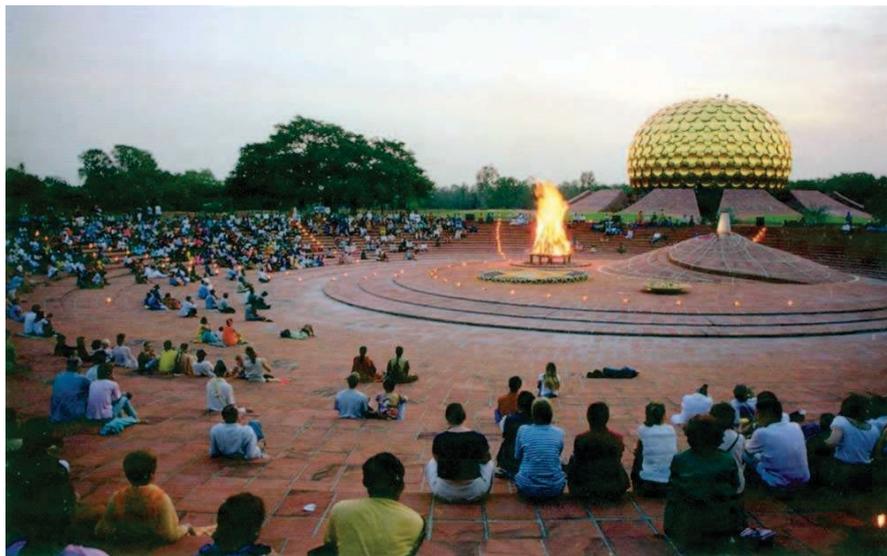
<sup>31</sup> Sugiro leitura do artigo publicado na “*Communities Magazine*”, nº 133, de Jonathan Dawson (2006) intitulado “*How Ecovillages Can Grow Sustainable Local Economies*”.

<sup>32</sup> Do original: “*An intentional community aspiring to become an ecovillage attempts to have a population small enough that everyone knows each other and can influence the outcome of community decisions. It hopes to provide housing, work opportunities, and social and spiritual opportunities on-site, creating as self-sufficient a community as possible. Typically, an ecovillage builds ecologically sustainable housing, grows much of its own organic food, recycles its waste products harmlessly, and, as much as possible, generates its own off-grid power.*”

base em valores e visões compartilhadas e que promove um espírito de pertença ao grupo. Cada ecovila se desenvolve a partir de características próprias de seu grupo. A “cola” é algo que os une. Existem ecovilas que se unem em torno de uma religião, outras têm como “cola” as práticas e princípios da permacultura ou a prática da agricultura, comunidades que têm como elemento unificador uma educação libertária oferecida às crianças, entre tantos outros fatores que firmam as relações entre os membros dessas comunidades.

Muitas ecovilas tem o impulso cultural e/ou espiritual como seu foco principal. Auroville - comunidade localizada na Índia, fundada em 1968, que possui em torno de 2.500 moradores - possui um enorme globo, o *Matrimandir*<sup>33</sup>, cercado por doze jardins, que funciona como “a alma da cidade” e simboliza “o nascimento de uma “nova consciência espiritual” (AUROVILLE, s/d). O *Matrimandir* é um local da Auroville projetado para as pessoas meditem e permanecerem em silêncio. Constitui um ponto de encontro central e representa a espiritualidade como o foco dessa comunidade.

FIGURA 1 – O *Matrimandir* em Auroville.



FONTE: Auroville (s/d)

O quinto atributo comum é o desejo das ecovilas de constituírem-se como centro educacionais e de pesquisa com o objetivo de promover as práticas e o estilo de vida proposto dentro desses assentamentos humanos. Como verdadeiros laboratórios de experimentação de

---

<sup>33</sup> A palavra *Matrimandir* significa “Templo da Mãe”. De acordo com Sri Aurobindo (mestre espiritual indiano), a “Mãe” representa o princípio evolutivo e consciente da Vida: a Mãe universal, que busca ajudar a humanidade a superar desafios em direção ao próximo estágio de sua aventura evolutiva espiritual: a Consciência (AUROVILLE, s/d).

uma nova forma de viver, muitas ecovilas oferecem cursos de práticas sustentáveis e atividades de desenvolvimento espiritual. Na maioria das ecovilas, a disseminação de suas experiências é um aspecto que promove geração de trabalho e renda para seus moradores (CAPELLO, 2013).

Diferentemente das comunidades intencionais que as antecederam, como as comunidades alternativas, uma característica das ecovilas é que elas são mais abertas ao diálogo com a sociedade hegemônica (SANTOS JÚNIOR, 2006). Reconhecem-se como parte da sociedade na qual estão inseridas, porém, o “espírito contracultural” inerente dessas comunidades as impulsiona para a busca de um novo paradigma através de ações cotidianas que, de acordo com Jackson (2004), não consistem em enfrentamentos diretos contra a cultura dominante. A atuação do movimento das ecovilas se dá de forma pacífica e “silenciosa” (Ibidem).

Essa abertura de diálogo com o modelo de desenvolvimento hegemônico - não caracterizando, dessa forma, uma ruptura total com o sistema - possibilita que algumas ecovilas se expandam para além dos horizontes de um novo paradigma defendido pelo movimento contracultural. Na sociedade contemporânea na qual o discurso da sustentabilidade muitas vezes é incorporado pela ordem vigente, a expansão das ecovilas pode significar a perpetuação do fetichismo da cultura da mercadoria (HARVEY, 2006). No atual contexto hegemônico, é de se esperar que muitos assentamentos que dizem ser “ecovilas” sejam, na verdade, o que Harvey (2006, p. 221) chamou de “utopias burguesas”: espaços harmoniosos, apartados do “mundo real” que vendem a ideia de conforto, tranquilidade e de proximidade com a natureza, mas que são, na verdade, estruturas fechadas e excludentes, centradas no individualismo. Alguns desses assentamentos são condomínios fechados, geralmente afastados do meio urbano, que incorporaram o prefixo “eco” ao seu empreendimento com o objetivo de atrair pessoas interessadas em viver próximas à natureza e em comunidade. Essas “utopias burguesas” estão totalmente inseridas na mesma concepção de vida opressiva que o movimento contracultural confronta.

Pensar nas ecovilas numa perspectiva técnico-mercantil contemporânea consiste numa descaracterização do movimento, pois seria percebê-las como instrumento de reprodução dos interesses hegemônicos (SANTOS JÚNIOR, 2006), o que vai na contramão do que o movimento alternativo contemporâneo idealiza. O diálogo com a sociedade hegemônica por parte das ecovilas é um fator característico do movimento, porém, caso essa abertura seja confundida com a perpetuação dos valores de uma cultura degenerada, que o próprio movimento põe em prova, toda uma história de sonhos, utopias e propósitos de vida

será comprometida.

Constituir-se como *ecovila* vai além da procura por uma vida mais próxima à natureza ou do uso de técnicas que não agredem o meio natural por parte de um grupo de pessoas. Como diz Capello (2013):

[...] para se caracterizar como uma ecovila é preciso ir além de um *kit* de equipamentos sustentáveis. Não se trata apenas de tomar partido de técnicas capazes de reduzir o consumo de água e de energia em uma vizinhança, ou de “apenas” construir de uma maneira mais amigável para o planeta. Isso tudo é parte de algo maior que envolve de forma especial as relações humanas. Faz toda diferença, nesse sentido, refletir sobre a maneira como essas pessoas se constituíram como “vizinhos” (CAPELLO, 2013, p. 65-66, grifo nosso).

No cerne da vida em ecovila está a convivência, de forma que esse processo possibilite para o indivíduo um maior entendimento do Outro e de si mesmo, numa forma de viver pautada no compartilhamento, na amizade, na vontade de “fazer diferente”, de construir uma nova forma de vida. São oferecidos elementos necessários para olhar o mundo – e a si mesmo – de outro ângulo, a partir da abertura para experimentações, do desenvolvimento de percepções mais sutis, de contemplações – elementos estes que (ainda), dificilmente, são encontrados na sociedade.

Uma ecovila é como um microcosmo que representa uma pequena área contendo todos os elementos de uma sociedade (moradia, conflitos, necessidade de obtenção de alimentos, transporte). Nessa perspectiva, nelas, há lugar para a diversidade, acertos, erros, conflitos e contradições (SANTOS JÚNIOR, 2006). Portanto, a ecovila “ideal” não existe (SANTOS JÚNIOR, 2006; GILMAN, 1991). Mesmo com suas contradições e seus conflitos internos, elas apontam na direção de um novo paradigma e nos oferecem possibilidades para uma mudança societária.

### **3.3 A Permacultura: uma nova perspectiva de sustentabilidade**

Profundamente vinculada à segunda fase das contraculturas espaciais da década de 1960/70 - assim como o movimento das ecovilas - a permacultura surge na fase contemporânea da contracultura como a principal base de sustentação para a produção do espaço dessas comunidades intencionais (SILVA, 2013). Por terem surgido em contextos sociais semelhantes, com muitos objetivos e influências em comum, a permacultura e as ecovilas se fundem e integram um estilo de vida contracultural na sociedade contemporânea, como afirma Holmgren (2004 *apud* SILVA, 2013):

A percepção da permacultura como fenômeno e estilo de vida contracultural, com encontros regulares, revistas especializadas e grupos locais proporcionou uma estrutura holística para a reorganização da vida e dos valores de uma minoria preparada para mudanças de vida mais fundamentais. Isso tem sido assim para uma parte da juventude desiludida com a cultura juvenil conservadora de consumo do final do século XX. Para outros, a permacultura trouxe uma mensagem de esperança para os males sociais e ambientais. [...] Esse aspecto subcultural ou contracultural da permacultura tem facilitado a experimentação e a introdução de modelos de vida dirigidos por um imperativo ecológico (HOLMGREN, 2004, p. 38; *apud* SILVA, 2013, p. 164).

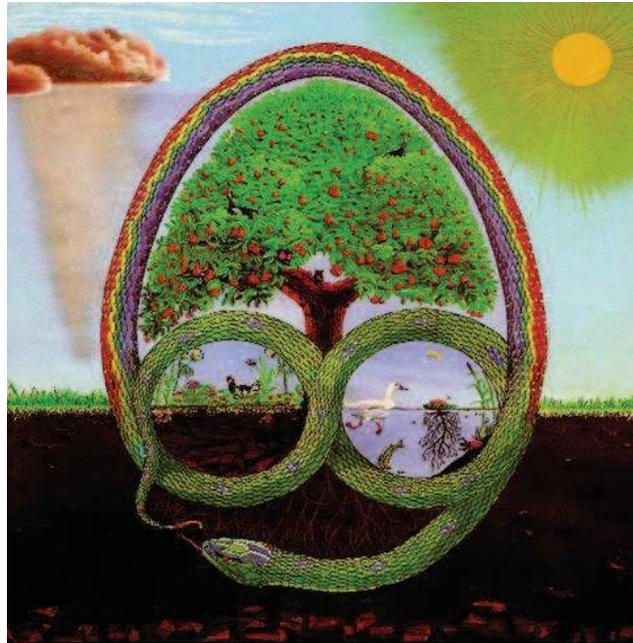
Permacultura é um conjunto de práticas ecológicas, éticas e princípios que possibilitam que o indivíduo se integre, de maneira harmônica e colaborativa, ao meio natural e às pessoas, constituindo uma poderosa ferramenta para se alcançar a sustentabilidade em diversos níveis. De acordo com Bill Mollison, o “pai da permacultura”:

Permacultura é o planejamento e a manutenção conscientes de ecossistemas agriculturalmente produtivos, que tenham a diversidade, estabilidade e resistência dos ecossistemas naturais. É a integração harmoniosa das pessoas e da paisagem, provendo alimento, abrigo, energia e outras necessidades, materiais ou não, de forma sustentável (MOLLISON, 1994, p.5, grifo nosso).

De acordo com o autor, a palavra não é somente a junção das palavras **permanente** e **cultura**, mas significam também uma cultura permanente, pois culturas não sobrevivem sem uma ética de uso da terra e sem uma base sustentável para a sua manutenção. O símbolo da permacultura (Figura II), é um desenho oval que, de acordo com Mollison (1994), representa o “ovo da vida”: representa a vida (elementos da natureza) que não pode ser criada nem destruída.

Dentro do ovo está enrolada a serpente do arco-íris, a formadora da terra, dos povos aborígenes australianos e americanos. Dentro do corpo da serpente está contida a árvore da vida, a qual expressa os padrões gerais das formas de vida [...]. Suas raízes estão na terra e sua copa na chuva, na luz do sol e no vento. O símbolo inteiro e o ciclo que representa são dedicados à complexidade da vida no planeta terra” (MOLLISON, 1994, p. 5, tradução nossa)

FIGURA 2 – O símbolo da Permacultura



FONTE: Mollison (2002).

A partir de estudos de como funcionava as mais antigas civilizações da terra, a permacultura foi desenvolvida em 1974 na Austrália, pelo professor da Universidade da Tasmânia Bill Mollison e por David Holmgren, seu aluno e orientando (MOLLISON, 2002). Além de terem criado um sistema agrícola sustentável, desenvolveram os princípios da permacultura e técnicas que combinavam biologia com arquitetura, agricultura com estudos de florestas e estas com zootecnia, o que causou insatisfação por parte de especialistas e estudiosos da época (MOLLISON, 1994), assim como grande parte do conhecimento que tem a potencialidade de modificar profundamente padrões enrustados na sociedade moderna e industrial. Em 1978 o primeiro livro, intitulado “*Permaculture One*” foi publicado, seguido por “*Permaculture Two*”, livro contendo informações adicionais e atualizações, publicado um ano depois (Ibidem). Desde então, milhares de pessoas passaram a se interessar por essas práticas e princípios, criando grupos de estudos e redes de articulações com o objetivo de trocar e propagar esses conhecimentos.

Em 1979, Bill Mollison decidiu abandonar o emprego na universidade e passou a facilitar cursos e palestras sobre permacultura ao redor do mundo. Em 1984 (SILVA, 2013) foi estruturado o curso de formação básica em permacultura, denominado “*Permaculture Design*

*Course*” (PDC)<sup>34</sup>, que possibilitou a formação de milhares de permacultores na Austrália e posteriormente em outras partes do mundo.

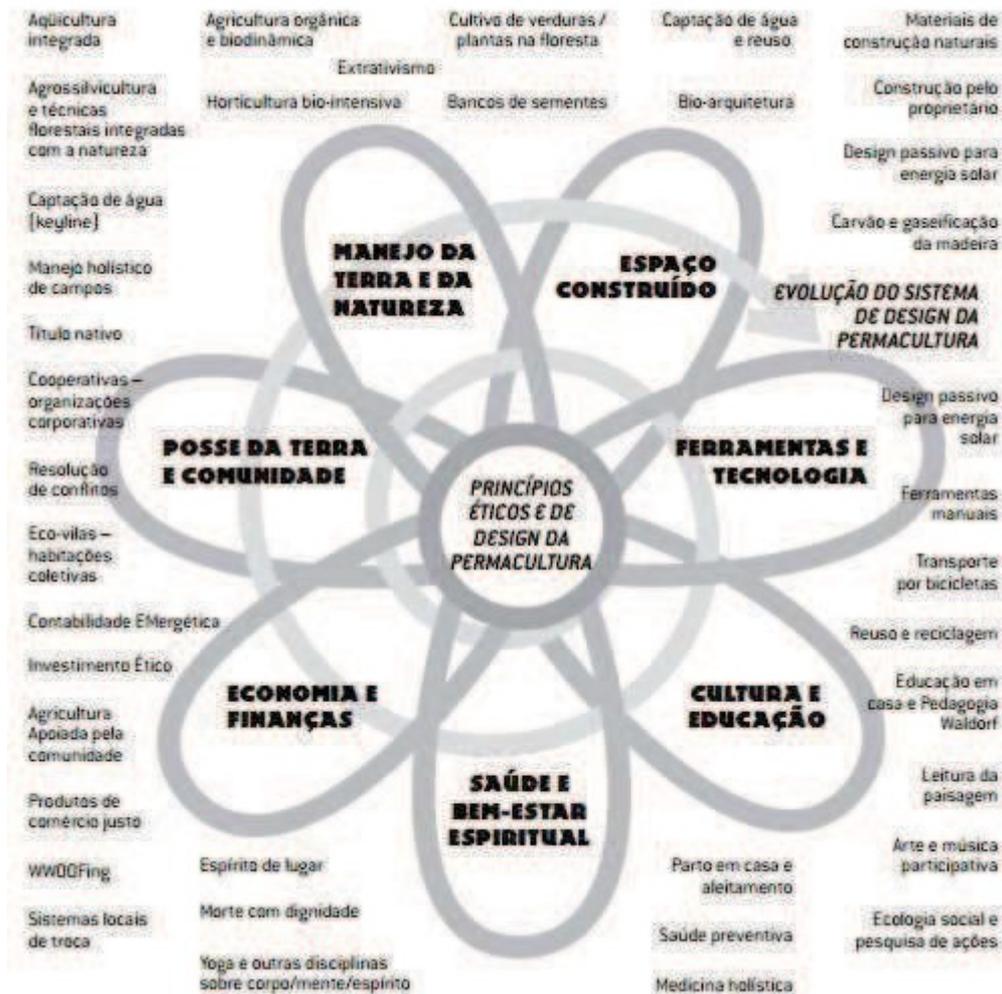
A abordagem teórica da permacultura se fundamenta em alguns princípios éticos empregados por Bill Mollison e David Holmgren. A base na qual a permacultura se sustenta é fundamentada por uma “Ética da Vida” (MOLLISON, 1994, p. 15), reconhecendo o valor de tudo o que vive. Essa ética se divide em três atitudes morais, segundo Mollison (1994, 2002): o **Cuidado com a Terra**, que corresponde ao cuidado com todos os aspectos da vida – vivos ou não – o que implica o desenvolvimento de atividades que não agridam o meio ambiente, que possam ser regenerativas e até potencializadoras. O Cuidado com a Terra implica o **cuidado com as pessoas**, que significa o suprimento de nossas necessidades básicas (educação, trabalho, abrigo, alimentação, convivência saudável entre os seres) de forma inofensiva ao meio natural. O terceiro componente é a **distribuição do excedente**. Implica o desenvolvimento de um sistema ideal que utiliza tempo, dinheiro, materiais e energia da melhor forma possível e a possibilidade de, posteriormente, distribuir o excedente através do compartilhamento dos conhecimentos para auxiliar outras pessoas.

A “Flor da Permacultura”, de acordo com Holmgren (2013), mostra os domínios-chave para a criação de uma cultura sustentável, ou seja, as dimensões que a permacultura deve incidir. No desenho, a forma espiral sugere uma interligação entre os domínios, inicialmente em um nível pessoal em direção ao nível coletivo e global. O aspecto de teia de aranha significa a natureza incerta e variável dos sistemas permaculturais

---

<sup>34</sup> O PDC é a formação básica em permacultura. Constitui o formato padrão, com aproximadamente 72 horas de carga horária, e foi estabelecido pelos seus criadores, Bill Mollison e David Holmgren.

FIGURA 3 – A “Flor da Permacultura”

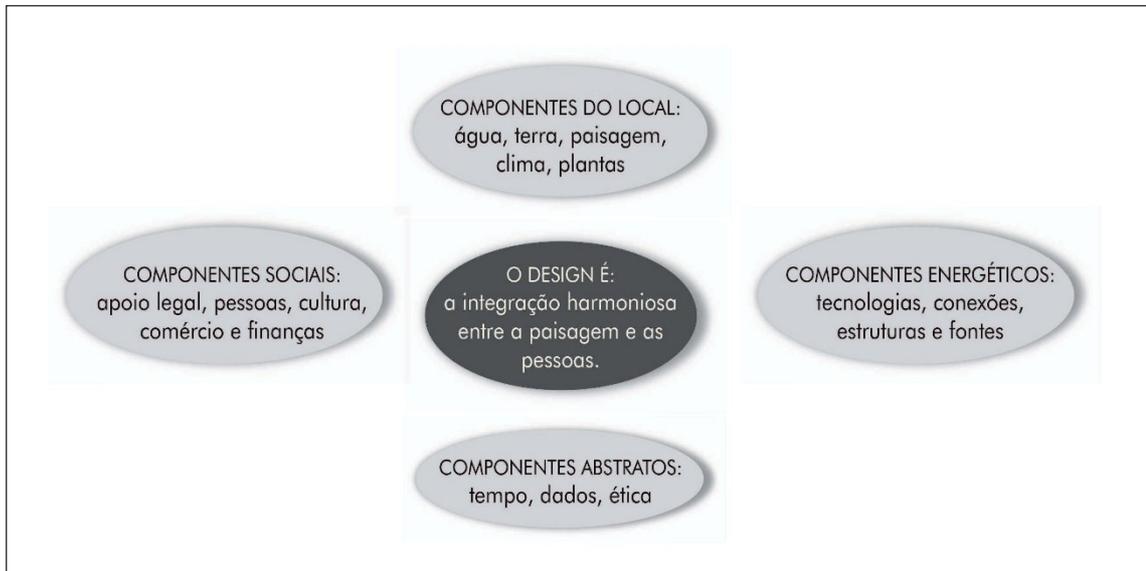


FONTE: Holmgren (2013)

Surgida no ecologismo do final do século XX, a permacultura tem raízes na ciência ecológica e no pensamento holístico/sistêmico (HOLMGREN, 2007). Essa visão da realidade é baseada na consciência do estado de inter-relação e interdependência de todas as coisas existentes (vivas ou não), o que corresponde a todos os fenômenos físicos, biológicos, psicológicos, sociais e culturais (BOFF, 1996; CAPRA, 2006). A ecologia exige uma visão de totalidade (holística), que não constitui a soma das partes, mas uma interdependência orgânica, considerando que tudo integra uma cadeia de interligações em uma teia infindável (BOFF, 1996). Nessa perspectiva, a permacultura projeta sistemas de design sustentáveis, ecologicamente corretos e economicamente viáveis, que reverenciam a natureza como um todo orgânico. Nessa concepção, a natureza “não está só fora, mas também dentro de nós.

Pertencemo-nos mutuamente” (BOFF, 1996, p. 26).

FIGURA 4: Componentes para o *design* permacultural



FONTE: Mollison (1998).

Do mundo, tendo o pensamento sistêmico como base para a criação de sistemas ambientais sustentáveis, o praticante da permacultura promove interações entre os elementos de um sistema, de forma que eles supram suas próprias necessidades, garantindo um ciclo ecológico completo. O permacultor observa as relações, e não um sistema/elemento isoladamente. Um exemplo: numa residência, os restos de alimentos podem ser transformados em compostos orgânicos, assim como os dejetos humanos. Fertilizam a terra e tornam a terra produtiva. Dessa forma, a “energia” é devolvida para os moradores dessa residência em forma de alimento consumido. A cooperação entre os elementos de um sistema, de modo que todas as partes se beneficiem, orienta as nossas ações, no sentido de perpetuar a vida, e não destruí-la. Como diz Bill Mollison:

Tendo desenvolvido uma ética de cuidado com a terra por uma avaliação do melhor rumo para a nossa sobrevivência, passamos então para as nossas relações com os outros. Aqui, observamos uma regra geral da natureza: que as espécies cooperativas e associações de espécies auto-sustentáveis (como micorriza<sup>35</sup> nas raízes) tornam as comunidades saudáveis. Tais lições levam a uma decisão sensata de cooperar e assumir papéis de apoio na sociedade, para promover uma interdependência que

<sup>35</sup> De acordo com o ecólogo Odum e Barret (1997), micorrizas são raízes que vem em cooperação mutualística com fungos. Essa associação aumenta a capacidade das raízes de extrair minerais do solo e os fungos, por sua vez, são alimentados pelo fotossintato da planta. A associação entre as micorrizas de diferentes raízes de árvores forma uma teia importante para a textura e fertilidade do solo de um local. A permacultura procura imitar essas associações existentes na natureza.

valorize as contribuições do indivíduo ao invés de formas de oposição ou competição (MOLLISON, 2002, p. 3, tradução nossa)<sup>36</sup>.

Para a criação de sistemas permaculturais do espaço, Bill Mollison e David Holmgren desenvolveram alguns princípios do *design* que são universais para qualquer planejamento permacultural. Porém, podem variar de acordo com as características do lugar e da situação (HOLMGREN, 2013). Segundo Mollison (1994), os princípios para a criação de um bom *design* são:

- Localização relativa. Para que um componente do projeto permacultural funcione de forma adequada, deve-se projetá-lo no lugar certo, de forma que as necessidades desse componente sejam supridas pela produção de outro. Por exemplo: devem-se plantar árvores que necessitam de muita umidade para o crescimento, próximos a tanques ou represas de água. Dessa forma, as plantas consomem a água e o solo é protegido por elas.
- Cada elemento executa muitas funções. Assegurar a multiplicidade de funções através do posicionamento preciso aumenta a eficiência do sistema. Como exemplo, uma bananeira, planta que consome muita água, localizada próxima à cozinha de uma residência pode consumir a água que sai da pia (rica matéria orgânica) e ainda oferecer sombra para a casa.
- Cada função importante é executada por vários elementos distintos. Um bom sistema permacultural procura garantir diferentes alternativas de suprir uma necessidade, como obtenção de água.
- Planejamento eficiente da “energia” através da separação entre zonas e setores. A chave de um bom planejamento é a distinção do espaço por setores e zonas com objetivos e funções diferenciadas. A partir da observação do local, o espaço é dividido entre cinco zonas, onde a distribuição delas vai de acordo com a frequência de uso do espaço. Os elementos que requerem mais atenção, como uma horta que necessita de manutenção, localizam-se no centro. Geralmente, o ponto central – ou a zona zero – é a residência. Desta zona até a de número cinco, a atenção que é necessária para o sistema decresce. A zona cinco, por exemplo, constitui, geralmente, a área mais distante da zona zero, praticamente intocada,

---

<sup>36</sup> Do original: “Having developed an earthcare ethic by assessing our best course for survival, we then turn to our relationships with others. Here, we observe a general rule of nature: that cooperative species and associations of self supporting species (like mycorrhiza on the roots) make healthy communities. Such lessons lead us to a sensible resolve to cooperate and take support roles in society, to foster an interdependence which values the individual's contributions rather than forms of opposition or competition.”

que necessita de pouca manutenção.

- Uso de recursos naturais ao invés de substâncias que agredem a natureza. O uso de recursos biológicos disponíveis no local, como esterco natural ao invés de fertilizantes químicos nocivos, é a estratégia-chave para reciclagem de energia de sistemas sustentáveis.
- Reciclagem local de energia em sistemas intensivos em pequena escala. O sistema permacultural precisa ser projetado de acordo com as características do local e os recursos que o espaço oferece. Sistemas em pequena escala e autossuficientes possibilitam que o permacultor tenha controle sobre todos os elementos, além de serem mais eficientes e sustentáveis.
- Aceleração da sucessão natural e da eficiência do sistema. O objetivo é ir *a favor* dos processos naturais, e por vezes acelerá-lo, ao invés de destruí-lo. Uma camada de ervas daninha, por exemplo, pode fertilizar ainda mais o solo.
- Incentivo à biodiversidade. De acordo com Odum e Barret (2007), quanto maior a diversidade em um ambiente, maior a produtividade. A estabilidade de um sistema é baseada na diversidade.
- Utilização de “bordas” para aumento da eficiência. Quanto mais “bordas” um sistema tiver (interfaces entre estruturas distintas), mais biodiverso e produtivo ele será. Áreas de convergência entre estruturas, como trilhas e curvas em “ziguezague”, possuem maior biodiversidade e potencial produtivo.

Sendo assim, a permacultura busca o planejamento de ocupações humanas produtivas e soberanas, integrando um conjunto de conhecimentos ancestrais e científicos que se baseiam nos princípios éticos e de *design* mencionados. Dentre algumas tecnologias e práticas incorporadas (que constituem, muitas vezes, conhecimentos já existentes antes do surgimento da permacultura), estão sistemas agroflorestais<sup>37</sup>, utilização de sistemas alternativos de obtenção de energia (teto solar, uso de placas solares, entre outros), sistemas de captação de água da chuva, produção de biofertilizantes, espirais de ervas ou plantas medicinais, forno solar, tratamento e reuso de águas cinza<sup>38</sup> e negras<sup>39</sup> (banheiro seco, círculo

---

<sup>37</sup> Agroflorestas são sistemas de grande biodiversidade que, assim como na permacultura, imitam padrões encontrados na natureza através de combinações do elemento arbóreo com herbáceas e/ou animais, organizados no espaço e/ou no tempo (STEENBOCK & VEZZANI, 2013). Essa combinação de elementos, calcada na diversidade de espécies plantadas, torna o sistema ainda mais produtivo.

<sup>38</sup> São águas residuais provenientes de cozinhas, lavanderias e chuveiros, contendo grande quantidade de matéria orgânica e produtos de limpeza doméstica e pessoal.

<sup>39</sup> Águas provenientes de sanitários, contendo contaminantes biológicos e químicos.

de bananeiras, tanque de evapotranspiração, fossa biológica), compostagem, bioconstrução (uso de taipa, adobe, superadobe, tijolos artesanais), adoção de uma economia solidária com uso de moedas locais, além de diversas outras iniciativas descritas no livro “*Permaculture: a Designers’ Manual*”, de Bill Mollison. Alguns sistemas permaculturais acima mencionados serão explicitados no próximo capítulo.

Silva (2013) afirma que os princípios éticos e de *design* da permacultura são incorporados pelas ecovilas como forma de vivenciar, na prática, os ideais de vida defendidos por essas comunidades intencionais. Por outro lado, a organização sociocultural proposta por essas experiências exerceu forte influência nos permacultores que viram nas ecovilas um tipo de assentamento ideal (SILVA, 2013).

*Crystal Waters*, fundada em 1985 na Austrália, foi a primeira comunidade intencional permacultural do mundo (ATKISSON, 1991). O mesmo autor diz que anos depois de seu surgimento, alguns dos mais famosos *designers* da época, como Max Lindegger, Barry Goodman, Robert Tap e Geoff Young, projetaram sistemas permaculturais que seriam usados por mais de 300 pessoas em 83 lotes residenciais. Toda a estrutura física do assentamento foi projetada de acordo com os princípios de design da permacultura e até os dias atuais, esses elementos são incorporados na rotina de seus moradores.

Desde então, muitas ecovilas adotam a permacultura como forma de vida, considerando uma alternativa sustentável na prática e que, além disso, têm a potencialidade de transcender valores e costumes que fazem parte da visão uniforme da sociedade contemporânea, como competitividade, individualismo e o princípio de dominação sobre a natureza. A permacultura revela-se como uma ferramenta para a mudança de paradigma a que Capra (1997) se refere. O autor diz que a chave para essa transcendência de valores e para a expansão das percepções humanas é adoção de uma visão de mundo holística ou ecológica<sup>40</sup>, na qual reconhece o mundo como um todo integrado e o fato que, enquanto indivíduos e sociedades, estamos inseridos nos processos cíclicos da natureza.

Toda a questão dos valores é fundamental para a ecologia profunda; é, de fato, sua característica definidora central. Enquanto que o velho paradigma está baseado em

<sup>40</sup> O autor ressalta que, nesse contexto, a palavra “ecológica” deve ser entendida como algo mais amplo e profundo do que seu significado usualmente usado. Dessa forma, Capra (1997, 2006) utiliza o termo “ecologia profunda” ou “visão ecológica profunda da vida”, ciência que surgiu em 1970, cunhada pelo filósofo norueguês Arne Naess. Através de uma abordagem sistêmica, a ecologia profunda tem uma “percepção da realidade que transcende a estrutura científica e atinge a consciência intuitiva da unicidade de toda a vida, a interdependência de suas múltiplas manifestações e seus ciclos de mudança e transformação” (CAPRA, 2006, p. 320). O autor diz que a ecologia profunda não é uma ciência inteiramente nova, mas é um resgate de nossos conhecimentos ancestrais que foram perdidos com o tempo.

valores antropocêntricos (centralizados no ser humano), a ecologia profunda está alicerçada em valores ecocêntricos (centralizados na Terra). É uma visão de mundo que reconhece o valor inerente da vida não humana. Todos os seres vivos são membros de comunidades ecológicas ligadas umas às outras numa rede de interdependências. Quando essa percepção ecológica profunda torna-se parte de nossa consciência cotidiana, emerge um sistema de ética radicalmente novo (CAPRA, 1997, p. 19).

Sendo a permacultura fundamentada por uma visão sistêmica, pode-se considerá-la como uma ferramenta para se alcançar um novo paradigma, uma nova visão de mundo. Seus princípios éticos e de design podem ser articulados de forma consciente em diversos espaços, como em quintais, sítios, residências urbanas, fazendas e ecovilas. Nessas comunidades intencionais contemporâneas, a relação das pessoas com o meio natural reflete uma “*Rede de Vida*”, dinâmica e interligada (GAIA EDUCATION, 2012, p. 14), o que remete a uma visão ecológica profunda da vida, defendida por Fritjof Capra. De acordo com Gaia Education (2012), o modelo das ecovilas estimula uma visão sistêmica entre seus moradores quando enfatiza as ligações entre atividades, processos e estruturas, tornando-as visíveis para todos. Um exemplo dessas conexões entre diversos aspectos das ecovilas é observar que, nessas comunidades:

[...] a produção de alimentos orgânicos tem relação com moedas complementares que, por sua vez, tem relação com modalidades econômicas sustentáveis que, por sua vez, tem relação com processos inclusivos de tomada de decisão que, por sua vez, tem relação com a integridade das interações humanas que tem relação com o amor, que tem relação com a natureza, que tem relação com a construção ecológica e assim por diante... (GAIA EDUCATION, 2012, p. 15)

A permacultura e o modelo das ecovilas são instrumentos para alcançar uma nova forma de viver e conviver. Mas, como aponta Bôlla (2012), embora haja muitas ideias sendo implantadas, não existe uma “receita pronta” para a construção de uma sociedade ecológica. O que apresento nessa pesquisa é *alternativas* para a criação de um novo sentido societário que podem ser utilizadas em outras experiências da mesma natureza. Experiências de sustentabilidade estão sendo vivenciadas precisam tornar-se reconhecidas e legitimadas.

Nas próximas páginas, apresento a Ecovila de Piracanga, especificamente a Inkiri Piracanga. Detalho suas dimensões (social, econômica, ambiental e espiritual/cultural) o que inclui sua estrutura, funcionamento, sistemas permaculturais e o modo de vida dos ecovilenses, no sentido de aprofundar o estudo da realidade da ecovila em questão e adentrar no lócus da pesquisa.

## 4 UM OLHAR SOBRE A INKIRI PIRACANGA

Quando começamos a nos mover em direção à união, à construção, à harmonia e ao amor, isso também é infinito. É infinito o quanto podemos crescer em perdão, amor e luz (Sri Prem Baba)

### 4.1 Contexto, Localização e Aspectos físicos

A Ecovila de Piracanga está localizada na Península de Maraú, a aproximadamente sete quilômetros de Itacaré (pela praia), no litoral sul da Bahia. A Ecovila fica a aproximadamente 100 km de Ilhéus e a 420 km de Salvador. Para chegar ao assentamento, os ecovilenses aconselham o uso do transporte oferecidos por eles, pois não há ônibus direto para a ecovila, que está localizada num lugar remoto. De Itacaré à Piracanga, é preciso atravessar o Rio de Contas, de balsa – passeio que dura, aproximadamente, 15 minutos - para, logo em seguida, seguir numa estrada estreita de terra.

A Ecovila de Piracanga está em meio à Mata Atlântica, onde a natureza é extremamente exuberante, apesar de o solo ser arenoso e pouco fértil, devido a área estar localizada bem próxima ao mar, especificamente na Costa do Dendê. A praia possui 20 km de extensão e é caracterizada por ondas adequadas para a prática do surf. O nome da Ecovila é originado do Rio Piracanga, que fica em frente às terras da Ecovila – entre a Ecovila e o mar.

O rio é fortemente influenciado pelas marés por estar em contato com o Oceano Atlântico. Apesar disso, é água de pouca profundidade, o que facilita a travessia dos que querem ir à praia.

FIGURA 5 - Vista superior de Piracanga



FONTE: Piracanga (s/d)

MAPA I – Ecovila de Piracanga no Brasil



FONTE: Elaboração: Fernanda Sales (2017).



O assentamento ocupa, aproximadamente, 100 hectares e é considerada, segundo Juliana Faber (Juli), moradora da Ecovila, uma das maiores em tamanho do Brasil. Segundo ela, dos 100 hectares, cerca de 20 são destinados a construções e plantio e os outros 80, à regeneração do solo, onde se fazem práticas agroflorestais.

O espaço dispõe de 55 casas (até 2016) e, destas, pelo menos 40 estão habitadas por pessoas que moram na Ecovila e/ou fazem parte da Comunidade Inkiri<sup>41</sup>: famílias, amigos, casais, pessoas que resolveram se deslocar sozinhas de suas cidades ou países de origem em busca de uma vida mais plena. Em Piracanga, há moradias compartilhadas, contendo, em algumas delas, 20 pessoas em uma mesma residência. As 15 casas restantes pertencem as pessoas que vão à Ecovila para passar finais de semana ou feriados e/ou alugam para turistas que estão em busca de tranquilidade em meio a natureza.

#### **4.2 Dimensões de uma Ecovila de acordo com a Rede Global de Ecovilas**

Sendo uma rede de iniciativas sustentáveis, a Rede Global de Ecovilas adota quatro dimensões necessárias para o desenvolvimento de uma ecovila. Considerando uma abordagem holística e interdisciplinar, a GEN adota as dimensões social, econômica, ambiental e espiritual/cultural que, integradas, contribuem em direção a sustentabilidade em todos os níveis.

- Dimensão Social - A dimensão social integra aspectos diversos da ecovila, como liderança e empoderamento, tomada de decisões, práticas de resolução de conflitos, partilhas de recursos comuns e ajuda mútua, aspectos políticos e trabalhistas, integração entre os ecovilenses, práticas holísticas em saúde, educação e espiritualidade (GEN, 2014; BÓLLA, 2012).
- Dimensão Ecológica - Refere-se à forma que os ecovilenses interagem com o meio natural, para o provimento de suas necessidades diárias, respeitando os ciclos da natureza – e fazendo parte deles. Envolve o modo de obtenção de alimentos, produção de orgânicos, a prática da permacultura na construção de edificações e no tratamento e abastecimento de água, uso de sistemas de energia renovável, avaliação do ciclo de vida dos produtos utilizados na ecovila, reuso e

---

<sup>41</sup> Para fazer parte da Comunidade Inkiri, a comunidade-núcleo, é necessário seguir algumas regras de convivência diferenciadas, - como será exposto nas próximas páginas - além de um maior comprometimento com as atividades da Inkiri Piracanga.

reciclagem de resíduos sólidos, manejo de resíduos orgânicos, preservação da qualidade do solo, da água e do ar (GEN, 2014; BÔLLA, 2012).

- Dimensão Econômica - É abordado o sistema econômico acolhido pela ecovila, como o uso de moeda local, a circulação do dinheiro dentro do assentamento, o incentivo à economia local, formas de obtenção de renda, percepção do dinheiro pelos ecovilenses, a interação com a economia global, *marketing*, maneiras de incrementar a economia.
- Dimensão Espiritual/Cultural - Integra as práticas de reconexão com a natureza, a diversidade de práticas de crescimento espiritual e autoconhecimento, desenvolvidas em grande parte das ecovilas, a pluralidade de crenças, rituais e celebrações frutos da efervescência cultural típica de muitas ecovilas, sentido de unidade compartilhada e apoio mútuo, promoção de um mundo pacífico, amoroso e sustentável (GEN, 2014).

As quatro dimensões podem desenvolver-se de maneiras diferenciadas, uma destacando-se mais que a outra. Porém, como assegura Bôlla (2012), é necessário que todas existam para que se configure uma ecovila.

A procura da sustentabilidade nas quatro dimensões é uma característica inerente das ecovilas, um grande campo em experimentação, onde propõem o uso de novas tecnologias ecológicas, novos níveis de consciência e percepção e novas formas de (con)viver. “Como uma árvore, que brotando da casca dura de uma semente, vai aos poucos encontrando seu lugar no mundo, aonde antes existia o desterro” (SANTOS JÚNIOR, 2006, p. 14). Dessa forma, o mesmo autor diz que a perfeição em todas as dimensões de uma ecovila é algo inexistente. Sendo um lugar de diversidade, há lugar para erros e acertos. A intenção de um novo sentido societário, materializada através das práticas permaculturais e novas visões de mundo dentro de uma ecovila – mesmo com seus erros e contradições - já demonstra fertilidade.

#### **4.2.1 Dimensão Social**

##### **4.2.1.1 Como tudo Começou<sup>42</sup>**

---

<sup>42</sup> A história do surgimento da comunidade foi contada por Pedro Camilo – integrante da Comunidade Inkiri e guardião do projeto de comunicação da comunidade (irei explicar melhor sobre os projetos e os guardiões posteriormente) – em companhia e com auxílio de Angelina Ataíde

A Ecovila de Piracanga nasceu de um sonho, uma utopia. Há aproximadamente vinte anos, Angelina Ataíde, que nasceu em Portugal, teve um dos sonhos mais belos, fortes e diferentes em sua vida. No sonho, ela mergulhava num mar cristalino e podia ouvir e falar com golfinhos, que nadavam com ela. Eles a levaram para uma praia paradisíaca, deserta, no meio de uma mata fechada, onde havia, também, um rio. Quando ela chegou nesse local, ficou em êxtase e o sonho terminou. Conversando com um mestre espiritual que decifrava sonhos, ele a explicou que o sonho que Angelina tivera era bastante significativo. Segundo ele, ela iria encontrar esse lugar algum dia e lá, realizaria todos os seus sonhos.

Ela era proprietária de um Centro Holístico em Portugal, onde facilitava cursos de leitura de aura<sup>43</sup>, reiki<sup>44</sup> e outras terapias, em companhia de seu companheiro, na época, chamado Gabriel. Tinham uma rotina intensa de facilitação de cursos e já eram reconhecidos por seus trabalhos, em Portugal. Era um Centro Holístico considerado “de sucesso”, numa perspectiva econômica, estrutural e ideológica. Não havia motivos para sair de Portugal.

Angelina tinha um forte desejo de nadar livremente – não em cativeiros ou/e em parques – com golfinhos. Descobriu que na praia de Pipa, localizada no Estado do Rio Grande do Norte, no Nordeste do Brasil, ela poderia realizar esse desejo. Dessa forma, Angelina, Gabriel e os dois filhos, Ragi e Soraya, decidiram vir ao Brasil, especificamente à praia de Pipa. Pedro Camilo conta que “foram os golfinhos que a trouxeram (Angelina) para o Brasil”. Em Pipa, foi recomendado que a família conhecesse a praia de Itacaré, localizada no sul do Estado da Bahia. E assim, Angelina e sua família foram àquele lugar que mudaria suas vidas. O que seria, inicialmente, uma viagem à passeio, transformou-se num grande sonho realizado. Um pescador, nativo de Itacaré, os levou, num pequeno barquinho, para conhecer um terreno localizado em Piracanga, no município de Maraú, local de natureza intocada, próximo a Itacaré. Chegando lá, saltaram do barco e alcançaram, à nado, a praia. Ao chegar ao local, Angelina mal pôde acreditar no que viam seus olhos: era exatamente o lugar que sonhara há 20 anos: uma praia deserta em meio à floresta e com um rio bem próximo ao mar. Em meio a lágrimas de emoção, Angelina, teve a convicção de que era aquele o lugar dos seus sonhos.

---

<sup>43</sup> A aura consiste numa energia que envolve o indivíduo com radiância e cores que variam de acordo com o estado da alma e de saúde do “proprietário”, sendo um “campo de força” liberado por todo o organismo (MEUROIS-GIVAUDAN, 2006). A leitura do campo energético de uma pessoa, ou a leitura de aura permite um conhecimento mais profundo das dinâmicas energéticas do indivíduo, revelando, segundo a mesma autora, suas capacidades latentes, seus potenciais e os obstáculos que podem ser um freio ao seu avanço. A interpretação do campo energético de uma pessoa permite que haja o resgate de alguns aspectos adormecidos no inconsciente.

<sup>44</sup> Segundo Sousa (2012), reiki é uma terapia baseada na ativação e canalização da energia vital através das mãos que tem o propósito de restabelecer o equilíbrio energético e, dessa forma, promover a saúde física e espiritual.

Desde criança, sonhava com um lugar onde poderia viver livremente e feliz. Um espaço em que as pessoas pudessem se desenvolver espiritualmente, através do caminho do autoconhecimento. E, intuitivamente, sabia que o seu sonho iria ser materializado naquele lugar, em Piracanga. Num ato de coragem, resolveu, em companhia de sua família, vender tudo o que tinha em Portugal, inclusive o Centro Holístico, e partir para o Brasil.

Almejaram a compra do terreno para, assim, montar um novo Centro Holístico e estabelecer uma comunidade que sustentaria as atividades do Centro. Com a ajuda de seis estrangeiros que seriam sócios compradores, a compra do terreno foi efetivada. Ou seja, inicialmente, a Ecovila de Piracanga pertencia, juridicamente, a seis pessoas.

Depois da compra do terreno, a parte frontal, que se tornaria o Centro Holístico, foi sendo construída, além de outras casas e estruturas permaculturais. A população do entorno ajudou a construir grande parte da infraestrutura.

Aos poucos, foram chegando pessoas com os mesmos interesses do casal: viver em harmonia com a natureza e expandir a Consciência através de práticas espirituais. Dessa forma, o assentamento, assim como em outras ecovilas, atraiu – e atrai - pessoas com ideais libertários com, segundo Roysen (2013, p.33), “sensibilidades morais compartilhadas que defendem mudanças nos hábitos prevaletentes”. De acordo com a autora:

São pessoas que querem experimentar uma nova forma de habitar o mundo e de se relacionar com os outros e com a natureza. A mudança que defendem se dá, portanto, não só no campo do comportamento como, também, no campo simbólico, isto é, nos significados que dão para os acontecimentos, na maneira como entendem o seu lugar no universo e na percepção das suas necessidades físicas e espirituais. (p. 33)

Foram disponibilizados lotes para venda, para que pessoas interessadas em um modo de vida diferenciado se dispusessem a morar e ajudar na construção de uma ética cultural, ecológica e social comuns. A Ecovila de Piracanga surgiu, então, a partir do sonho, e sua concretização e, posteriormente, passou a fazer parte do sonho de várias outras pessoas que foram chegando ao local. A Ecovila de Piracanga surgiu a partir da oferta de cursos que semeiam o autoconhecimento e ascensão espiritual – principalmente a leitura de aura - e da vontade de algumas pessoas de se estabelecer em comunidade ecológica.

E aí, nesse loteamento da parte de trás daqui do terreno foram construídas casas, pra que as pessoas pudessem viver aqui, pra que as pessoas pudessem tá nesse movimento também, sabe? E essa foi a forma que eles encontraram pra fazer isso acontecer. E já de certa forma, o movimento aqui com o Centro também, do ponto de vista econômico, pôde criar uma sustentação pra que esse lugar pudesse existir, sabe? Porque é uma atividade que atraiu e fez com que se existisse um atrativo, de certa forma (Pedro Camilo).

Para comprar lotes no assentamento, os interessados deveriam concordar em seguir algumas regras ambientais. Andrey Piovezzan<sup>45</sup>, em entrevista concedida em outubro de 2015, falou sobre essas regras:

O que é a ecovila? É um loteamento que tem certas regras ambientais. Você tem que ter sistemas de biotratamento de águas, você tem que ter energia renovável, você só pode construir 10% da área do terreno, que você não vai derrubar a vegetação que seja primária ou espécies que estejam ameaçadas, que você não vai ter animais domésticos, que você não vai usar produtos que não sejam biodegradáveis... Têm alguns acordos ambientais. Isso é ecovila.

Essas regras fazem parte de uma “ética cultural idealmente comum a todos do grupo”, segundo Capello (2013, p. 44), que diverge das regras e do *modus operandi* predominantes na sociedade de consumo, da qual, inevitavelmente, as ecovilas fazem parte.

Trata-se de um espaço que não é totalmente coletivizado. Até hoje, existem partes do terreno que são de um determinado grupo de pessoas dentro da Ecovila (Comunidade Inkiri)<sup>46</sup> e outras partes que são de famílias que moram na Ecovila ou vão durante finais de semana ou feriados. Juliana Faber<sup>47</sup>, conhecida como Juli, fala sobre o momento inicial da Ecovila:

[...] foram várias pessoas que compraram esse lugar e o que elas tinham em comum era que queriam um espaço, um lugar bonito em meio a natureza. Então, muitas pessoas compraram lotes e, simplesmente fizeram uma casa aqui e vinham em alguns períodos do ano ou simplesmente alugam essa casa. Mas não tinha uma cola maior entre essas pessoas. Angelina e o companheiro dela na época, o Gabriel, tinham essa vontade de viver em comunidade. [...] Acabou que muitas pessoas começaram a se agregar a essa história porque essas pessoas se identificavam com as práticas, com as ferramentas, com o lugar, então começaram a vir ou como voluntárias ou querendo ficar depois dos cursos, enfim. Isso começou a agregar pessoas das mais diversas formas. Quando você tem uma agregação de pessoas você acaba, também, juntando pessoas que têm determinadas afinidades (Entrevista concedida em outubro de 2015).

Dessa forma, o espaço foi unindo pessoas de diferentes nacionalidades, crenças, religiões, formas de ver a vida e classes sociais, mas com o mesmo objetivo: viver em harmonia com a natureza e em coletividade e fugir dos padrões da sociedade moderna, que “anestesia” corpos, emoções e sentimentos. A comunidade intencional<sup>48</sup> foi integrando

<sup>45</sup> Andrey Piovezzan é integrante da Comunidade Inkiri, morador da Ecovila há 5 anos e facilitador de cursos. Participa ativamente das atividades da Ecovila e das tomadas de decisões.

<sup>46</sup> No próximo tópico, irei conceituar e descrever como se deu seu surgimento.

<sup>47</sup> Juliana Faber é integrante da Comunidade Inkiri, moradora da Ecovila de Piracanga há 5 anos, sendo umas das mais antigas moradoras. Possui uma vasta experiência com permacultura e vida comunitária.

<sup>48</sup> Comunidades nas quais o viver coletivo se dá por opção, a partir de intenções específicas comuns ao grupo. No caso das ecovilas, as intenções do grupo se diferenciam do modo de vida hegemônico e se sustentam em ideais utópicos e libertários (SANTOS Jr., 2006).

pessoas de diferentes habilidades e, assim, a ecovila foi – e está - sendo erguida. Juli, por exemplo, morou durante vários anos em diferentes ecovilas e tem muito conhecimento sobre

o assunto, sobre como é viver em comunidade. A vivência em comunidades intencionais fez com que ela acumulasse muito conhecimento em plantas medicinais e, hoje, juntamente com outras pessoas, se propõe a produzir produtos biodegradáveis. Assim como Juli, a habilidade e criatividade de Raphaela Santos em dar outras funções para os resíduos que foram descartados fez com que se responsabilizasse com a reutilização e reciclagem dos resíduos sólidos da Inkiri Piracanga, em 2015. Dessa forma, a comunidade foi construída – e ainda está sendo – a partir das diferentes habilidades das pessoas que moram e/ou estão de passagem.

Nem todos os moradores do assentamento compartilhavam da vontade de estabelecer um Centro Holístico e se engajar nas atividades do grupo que realizaram práticas de crescimento espiritual. Desejavam, morar em meio à natureza e vivenciar práticas ecológicas, mas sem um maior comprometimento com o lugar, com a vida em comunidade. Como afirma Goldstein (2010), diferentes são as visões de mundo, as histórias e expectativas e o que leva essas pessoas a morarem em ecovilas. Para uns, que buscam adquirir um “pedacinho do paraíso” são centrais as questões voltadas para a agricultura. Para outros, a vida em comunidade e as expectativas em torno de festas, encontros e amizades são fundamentais (GOLSTEIN, 2010).

A partir dessas diferentes visões e expectativas dos moradores do assentamento, naturalmente, foi sendo formada a comunidade-núcleo da Ecovila, ou a Comunidade Inkiri.

#### *4.2.1.2 A Comunidade Inkiri: da semente à geração dos frutos*

Até então, haviam, no assentamento, casas e cabanas no Centro Holístico e algumas outras residências mais afastadas do Centro. Bruno Tambellini<sup>49</sup> conta que havia um grupo de pessoas que trabalhavam juntas, mas não havia – ainda – um sonho em conjunto e, tampouco, um projeto de permacultura. A partir de alguns acontecimentos que unificaram um determinado grupo, essa realidade foi sendo modificada.

Um fato crucial que aglomerou pessoas na Ecovila, foi a leitura de aura feita em um feto que ainda estava na barriga da mãe e que resultou no surgimento de uma escola, a

---

<sup>49</sup> Bruno Tambellini é integrante da Comunidade Inkiri e morador da Ecovila há 6 anos. Lidera o Projeto Escola da Natureza, responsável, entre muitas coisas, pela manutenção das estruturas permaculturais da Ecovila.

Escola Inkiri<sup>50</sup>, criada em 2011. Segundo Juli:

Teve uma leitura de aura que sempre foi uma das ferramentas bastante utilizadas. Fez-se uma leitura num bebê que estava na barriga da mãe e o bebê falou que queria uma escola. A escola, então começou dali. (...) Enfim, continuava que dessa forma, o que reunia as pessoas era o centro, que era o centro holístico. Não tinha uma comunidade nessa época, mas tinham pessoas com afinidades.

O surgimento da Escola Inkiri, em 2011, multiplicou e unificou um grande número de indivíduos na comunidade, pois esse fato permitiu que várias pessoas passassem a morar em Piracanga, por não ter mais de levar seus filhos para escolas da redondeza.

Juli conta que a formação da Comunidade Inkiri teve como grande incentivador, o embaixador da Ecovila Damanhur, Crótalo Sésamo<sup>51</sup>. Sua ida ao assentamento, em 2011, foi crucial para firmar e trazer mais clareza sobre os caminhos que a Comunidade Inkiri de Piracanga iria seguir.

Em julho de 2007 teve uma vivência com Crótalo Sesamo, que é um dos embaixadores de Damanhur, uma comunidade que inspirava bastante a Angelina. E quando Crótalo chegou aqui pra falar das vivências em comunidade dele, ele falou assim: ‘Olha, já existe um núcleo comunitário formado, mas se vocês têm realmente essa vontade de criar uma comunidade, é importante que vocês tragam isso pra matéria, que vocês formalizem. Criem um nome, um estatuto, criem os acordos, definem os pilares que norteiam essa comunidade’. Enfim... esse é o marco da comunidade, que é julho de 2007. (Pensou por uns segundos) Não, não é 2007, é 2011. Foi o surgimento da comunidade (Juli).

Entre algumas ecovilas, a Comunidade foi especialmente inspirada em Damanhur, uma ecovila bem consolidada (criada em 1975), que tem moeda própria e mais de 60 atividades econômicas ativas, o que mostra que sociedades com bases diferentes da sociedade de consumo são possíveis (DAMANHUR, 2015). Crótalo Sésamo esteve algumas vezes em Piracanga com o objetivo de transmitir seus conhecimentos de sustentabilidade, arte, estrutura social e, sobretudo, como viver em ecovila e se constituir enquanto tal.

Esses acontecimentos foram unindo cada vez mais as pessoas interessadas em viver de forma comunitária, numa perspectiva mais espiritual, praticando ações ecológicas e mais comprometidas com as atividades desenvolvidas no assentamento. A ânsia pela vida em

---

<sup>50</sup> Com uma metodologia de ensino diferenciada, na Escola Inkiri, inspirada na Escola da Ponte, em Portugal, e na Fundação Pestalozzi, na Itália, é um espaço onde as crianças aprendem de forma livre e sem direcionamentos, num espaço pautado na ausência de julgamentos. Mais adiante, irei elucidar mais profundamente.

<sup>51</sup> Crótalo é o embaixador de Damanhur, uma consolidada ecovila da Itália. Reconhecido por espalhar mensagem de paz e impulsionar a criação de comunidades ecológicas, Crótalo viaja o mundo facilitando cursos e dando palestras.

comunidade fez com que os ecovilenses partissem para a ação. O embaixador de Damanhur deixou uma semente germinando, com toda a sua fonte de inspiração e conhecimento, e, após sua ida à Ecovila, foi criado o estatuto e feito acordos comunitários.

FIGURA 6: Vivência com Crótalo Sésamo em 2011.



FONTE: Face book

Depois de 2011 foi firmada uma “comunidade pós-social”, segundo Buber (2008), que se chamaria Comunidade Inkiri. Segundo o autor, a “comunidade pós-social” é baseada em relações de livre escolha, onde há uma busca para a mudança interior, o que é para o autor, a verdadeira revolução. Segundo o autor a “nova comunidade” não quer a revolução, ela é, por si só a revolução. Essa revolução não consiste em destruir coisas antigas, mas viver e criar coisas novas em comunidades puras (Ibidem, 2008).

Nesta nova vida, homens que, pela especialização da sociedade contemporânea, se tenham tornado órgãos com uma função estritamente bem definida e que, para poderem viver, devem conformar-se com esta função, serão novamente homens capazes de haurir da plenitude. Tais homens especializados dependem mutuamente um dos outros, mas se encontrarão por amor, por anseio-de-comunidade e por pródiga virtude (BAUMAN, 2008, p. 39).

Martin Buber (2008), discorre sobre o imenso desejo de comunidade entre a população ocidental. Segundo o autor, tal comunidade representa “a expressão e o desenvolvimento da vontade original, naturalmente homogênea, portadora de vínculo, representando a totalidade do homem” (BUBER, 2008, p. 50). Em uma participação no

documentário “Ecovilas Brasil – Caminhando para a Sustentabilidade do Ser”<sup>52</sup>, Maíra Sagnori<sup>53</sup> disse:

Eu sinto que faz parte do nosso instinto natural viver em união. E que, de alguma maneira, todas as pessoas estão buscando isso quando tentam fazer parte de um grupo, de um coletivo. Todos nós queremos fazer parte de um coletivo, seja na família, seja no nosso grupo de trabalho, seja os amigos do clube, seja os torcedores de um time. Todos estão se unindo de alguma forma.

Na Comunidade Inkiri, o desejo de estabelecer uma comunidade, dentro do núcleo de pessoas já formado, veio na perspectiva de uma vida mais “plena de sentidos”, no que diz respeito ao crescimento espiritual, e concomitante a isso, a ânsia de praticar permacultura para aprimorar o uso dos recursos que a terra já oferecia. Dialogando com o conceito de comunidade pós-social, que, como diz Buber (2008), ultrapassa as normas da sociedade moderna e se sustenta sobre bases diversas, o autor discorre:

Para nós, porém, que queremos criar a comunidade e elevar a Vida, comunidade e Vida são uma só coisa. A comunidade que imaginamos é somente uma expressão de transbordante anseio pela Vida em sua totalidade. Toda Vida nasce de comunidades e aspira a comunidades. A comunidade é fim e fonte de Vida. Nossos sentimentos de vida, os que nos mostram o parentesco e a comunidade de toda a vida do mundo, não podem ser exercitados totalmente a não ser em comunidade. (...) Vida e comunidade são dois lados de um mesmo ser (BUBER, 2008, p. 34).

A Comunidade Inkiri<sup>54</sup> constitui a comunidade-núcleo: um grupo de 44 adultos e 18 crianças e adolescentes, que participam ativamente das atividades da Inkiri Piracanga, colaboram com fundos coletivos, compartilham e “constroem uma ética [...] idealmente comum a todos do grupo”, como diz Capello (2013, p. 44), quando discorre sobre ecovilas. O espírito de pertença da comunidade, a coesão e construção de fortes propósitos, mantem o grupo vivo e resistente e cria condições para sua existência e permanência (CAPELLO, 2013).

Então hoje, socialmente, a gente tem a comunidade [...] que sustenta esse lugar. Que tem a responsabilidade sobre Piracanga. A gente tem um comprometimento, de não viajar mais que três meses por ano, por exemplo... então... a comunidade é esse

<sup>52</sup> Ecovilas Brasil é um projeto que produz conteúdo audiovisual e escrito, com a finalidade de gerar reflexões e expor visões de mundo que caminhem em direção a Sustentabilidade ecológica, econômica, social e cultural (ECOVILAS..., s/d). A equipe produziu um documentário que fala sobre as experiências de 10 ecovilas no Brasil. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=5WdRf8jj4Ls>>. Acesso em 16 jan.2016.

<sup>53</sup> Maíra Sagnori é integrante da Comunidade Inkiri e é uma das mais antigas moradoras da Ecovila (residente à 6 anos). Até 2015 era líder do Projeto Escola da Natureza, responsável pela gestão ambiental e manutenção das estruturas permaculturais dos espaços da Comunidade. Em 2016, já não era mais a guardiã do projeto, mas ainda exercia funções de liderança.

<sup>54</sup> Inkiri é uma palavra de origem indígena, usada por uma comunidade que viveu na região de Piracanga há cerca de 700 anos (PIRACANGA, s/d). A palavra significa “o amor em mim saúda o amor em você”. A palavra Inkiri também é utilizada, dentro do assentamento, para fazer referência as atividades e sonhos compartilhados pela Comunidade Inkiri.

núcleo que sustenta e que tem esses acordos e que... tipo... até as pessoas saem da comunidade e outras entram, mas é... essa galera que tem esse comprometimento com esse lugar. A maioria são os líderes dos projetos<sup>55</sup>, né? Então, depois disso, acaba que tem muitas pessoas que vêm para os programas, cursos e decidem ficar aqui (Juli)

Portanto, dentro da Ecovila de Piracanga, residem em torno de 250 pessoas e, dentro desse grupo está a Comunidade-núcleo. Nesse cenário, há duas definições de ecovila<sup>56</sup>. Uma é o espaço físico como um todo (denominado Ecovila de Piracanga), integrando o Centro Holístico, casas de moradores que vão apenas aos finais de semana, casas comunitárias e todas as estruturas. A outra definição de ecovila, se constitui de pessoas que compram lotes em Piracanga, comungam de alguns acordos estabelecidos para a compra dos lotes, porém não têm um vínculo maior com as atividades da Comunidade Inkiri. Os moradores, então, desfrutam do espaço, dos cursos (as vezes), mas não têm necessariamente um comprometimento em relação às atividades realizadas pela Comunidade. Esse modelo de loteamento no qual cada pessoa ou família tem sua propriedade jurídica, para muitas pessoas, oferece mais segurança e garante uma maior privacidade de suas vidas, permitindo que cada membro viva da forma que quiser, mas, considerando regras comuns a todos (ROYSEN, 2013).

A Comunidade Inkiri colabora com alguns fundos comuns que são direcionados para a manutenção dos espaços comunitários e atividades nas quais todos os integrantes são beneficiados, como, por exemplo, o fundo direcionado para a manutenção das estruturas permaculturais e novos projetos.

A permacultura exerce uma influência central na Comunidade Inkiri, sendo considerada, além de técnicas de construção, manejo do solo, de água e outras estruturas, um *estilo de vida*. Bruno Tambellini conta sobre a relação que a Comunidade e seus projetos têm com a permacultura:

O que é Inkiri? É o que é a ética da permacultura transformada em palavras espiritualizadas. Na verdade, a ética da permacultura é a mesma coisa que significa o Inkiri, só que trazido para matéria, pra prática, de certa forma. Então, quando a gente pensa em sistemas permaculturais, a gente tá falando de toda a Comunidade Inkiri, de todos os projetos da Comunidade. Eles tão trabalhando nesse propósito. Porque é

<sup>55</sup> A Comunidade Inkiri gere em torno de 22 projetos (até 2016) assim chamados por eles. Muitos deles são responsáveis pelos cursos do Centro Holístico – o Centro Inkiri. Outros, pela gestão ambiental da Ecovila, educação das crianças, gestão dos resíduos sólidos, entre outros.

<sup>56</sup> Como há duas definições de ecovila no meu objeto de estudo, optei por escrever ecovila - com letra minúscula - ao me referir aos espaços de pessoas que compram os lotes e vivem de forma independente de Piracanga, como descrito acima. Fazendo referência a todo o espaço de Piracanga (ecovila e Comunidade Inkiri), escreverei Ecovila com letra maiúscula ou usarei o termo “Ecovila de Piracanga”.

um propósito na verdade. Um propósito para o bem maior, um propósito para conseguir fazer uma mudança verdadeiramente. E aí a gente utiliza sistemas para fazer isso funcionar. A gente cria um sistema econômico, a gente cria um sistema político, a gente cria um sistema de tratamento de água, a gente cria um sistema de banheiros secos, a gente cria um sistema operacional de hospedagem... a gente cria sistemas, na verdade. Então, todos os sistemas, sendo eles ecológicos ou não, muitos deles tão ligados à ética e a muitos princípios da permacultura.

Nessa perspectiva, alguns sistemas operacionais menores, os sistemas citados por Bruno (projetos), funcionam dentro de um todo maior, em um grande sistema, o que faz a Comunidade Inkiri funcionar com êxito. A cooperação entre os sistemas (naturais ou não) - e não a oposição - traz harmonia e faz com que o sistema seja sustentável em longo prazo (MOLLISON, 1994).

Foi estabelecido, pelos integrantes da Comunidade Inkiri, quatro pilares que dão suporte à vida comunitária: a espiritualidade, os cuidados com a natureza, as crianças como prioridade e a arte como forma de realização. Nas casas da comunidade, é comum encontrar placas onde estão escritos os quatro pilares. Em todos os ambientes, em todas as vivências, nos projetos e a todo instante, os ecovilenses seguem, de forma natural e orgânica, os pilares da comunidade, resgatando e potencializando valores, até então perdidos na sociedade contemporânea.

Essas mudanças de valores dialogam com uma visão holística e ecológica da vida que possibilita a desconstrução de visões cartesianas de mundo em nossa sociedade (CAPRA, 2006). Segundo o autor, há um movimento que vai à direção de mudanças de valores no qual se percebe, agora, uma valorização que antes era do desenvolvimento econômico e tecnológico para uma valorização do desenvolvimento interior. Valores esses promovidos pelo movimento do “potencial humano”, pela “saúde holística” e por vários movimentos espirituais. Dessa forma, a comunidade possibilita a construção de saberes e valores que ultrapassam a barreira do senso comum e da visão uniforme da nossa sociedade, sendo ações potencializadoras pautadas em novos paradigmas.

É possível fazer parte da Comunidade, porém, o “processo” não é simples. Para ser integrante, primeiramente, é necessário querer. Não são todas as pessoas, moradores da ecovila, que querem fazer parte da Comunidade, pois é necessário muito comprometimento, engajamento e algumas abdições, como o número de viagens feitas por ano. É necessário, também, um período de, no mínimo três meses, a, no máximo, seis meses de experiência trabalhando voluntariamente, num processo de doação, nos projetos da Comunidade Inkiri. Após o período de experiência, no qual o indivíduo tem a oportunidade de vivenciar a realidade da comunidade, em uma reunião com todos os seus integrantes, a decisão de

integrá-lo à comunidade é tomada.

A tomada de decisões é feita em reunião que acontece semanalmente, no restaurante comunitário da Comunidade. A pauta das reuniões são, geralmente, sobre finanças, decisões sobre a entrada de pessoas na Comunidade, acontecimentos importantes na Ecovila, sobre os projetos e, também, assuntos pessoais. As decisões “menores” e mais pontuais são acordadas pelos líderes dos projetos da Comunidade, chamados, pelos ecovilenses, de guardiões<sup>57</sup>. Christian (2003) discorre sobre a importância da descentralização nas tomadas de decisões em Ecovilas. Segundo ele, reuniões com todos os integrantes do “grupo”, aliados a pequenas reuniões de “comitês”, grupos menores com mais afinidades ou atividades em comum, podem ser o segredo para o sucesso de uma comunidade ecológica.

Durante minha estadia em Piracanga, com o objetivo de fazer registro fotográfico, fui a uma reunião da Comunidade e logo, respeitosamente, fui alertada que a minha entrada não seria permitida. Segundo a Comunidade, eu poderia interpretar erroneamente as colocações dos integrantes, pois as situações não seriam ouvidas por inteiro e, também, as pessoas presentes na reunião poderiam não se sentir à vontade de manifestar-se com uma presença considerada incomum na reunião.

Há um conselho composto por aproximadamente 10 pessoas (podendo haver variação), responsáveis pelas tomadas das decisões mais importantes da Comunidade. Nas reuniões do Conselho, evitam-se assuntos mais pessoais e as decisões são tomadas com mais rigor. Em um determinado período, os integrantes do Conselho são substituídos por outros, da Comunidade. Modificações estruturais importantes, como as ocorridas no primeiro semestre de 2016, são realizadas a partir desse Conselho.

A Ecovila possui casas comunitárias e casas privadas, nas quais o ecovilense opta por morar sozinho, sendo a primeira uma realidade mais comum. No documentário “Ecovilas Brasil – Caminhando para a Sustentabilidade do Ser”, em depoimento, Angelina Ataíde expressa sua preferência pela estadia em casas comunitárias, assim como demonstrou ser a predileção da maior parte do ecovilenses: “Eu gosto de viver em comunidade. Eu adoro. Por mim, na minha casa, íamos juntar as casas todas. E todo mundo ia viver junto”.

As casas comunitárias são de propriedade dos integrantes da Comunidade Inkiri e abrigam pessoas que trabalham para os projetos, integrantes ou não da comunidade-núcleo,

---

<sup>57</sup> Cada projeto existente na Comunidade tem um líder (ou guardião). Geralmente, são nomeados diferentes líderes dentro de um mesmo projeto no decorrer do tempo. Ou seja, há uma rotatividade de líderes em cada projeto.

voluntários e participantes de cursos com maiores durações de tempo (imersões). Acomodam pessoas que podem ser de diferentes idades e nacionalidades. A estadia nas casas da

Comunidade proporciona uma maior interação entre as pessoas, o que estabelece fortes vínculos entre os moradores. O mergulho na realidade do Outro, ou seja, o conhecimento verdadeiro e profundo das personalidades dos moradores de uma mesma residência, faz com que, como diz Roysen (2013), seja mais difícil manter máscaras, além de proporcionar um “olhar para dentro”. Quando questionada sobre as vantagens e desvantagens da vida em comunidade, Juliana Faber respondeu:

Para mim é um grande laboratório humano. As vantagens é que os outros me servem de espelho, só refletem o que eu tenho dentro. Então, é muito bom ver no outro o que eu preciso trabalhar em mim. Então, me dá essa possibilidade de não colocar a culpa fora nunca, mas de olhar pra dentro mesmo e agradecer ao outro por tá me dando essa oportunidade de trabalho. No plano físico, tudo fica mais fácil no coletivo: é mais fácil cuidar das crianças, é mais fácil comprar os alimentos juntos... tudo se potencializa também. Ocupar os espaços juntos, manter uma casa... pra mim não faz sentido se não for... eu sempre vivi em coletividade e pra mim só faz sentido se for dessa forma. A questão é que muitas vezes eu não vejo grandes... quiçá a principal dificuldade seja a aceitação de toda essa biodiversidade humana, porque você precisa aceitar todas as perspectivas de mundo das pessoas, né?

O compartilhamento da casa, dos objetos da residência, dos problemas e alegrias pessoais cria um ambiente fértil de ideias, partilhas, vivências e aguça a criatividade (CAPELLO, 2013). Durante as minhas duas pesquisas de campo, em outubro de 2015 e setembro de 2016, ao participar de imersões de permacultura e vida em comunidade, me instalei numa casa comunitária conhecida como Casa Floresta, onde convivi com diferentes pessoas, em um número que variou entre 11 e 17. Compartilhar as tarefas domésticas parece ser um dos maiores desafios e, na Casa Floresta, isso gerou algumas discussões.

Os “problemas” ou desavenças que podem vir a ocorrer em detrimento da convivência intensa podem ser resolvidos em reuniões da casa chamadas de “partilha”<sup>58</sup>. Todas as casas comunitárias da Comunidade Inkiri usam as partilhas como uma importante forma de resolução de conflitos. É, portanto, a “construção de uma ‘comunidade ética’, em oposição à ‘comunidade estética’” (CAPELLO, 2013, p. 55). Para a autora, as “comunidades estéticas” não requerem uma história lenta e cuidadosa de construção que assegure responsabilidades éticas e compromissos em longo prazo entre seus membros, sendo caracterizadas por relações frágeis, de natureza superficial.

---

<sup>58</sup> Momento de troca de ideias, opiniões e de escuta. As pessoas conversam, geralmente, em círculos e exteriorizam suas questões pessoais, tormentos consigo mesmo e/ou com o outro, expõem dúvidas, ideias, inquietações na vivência em comunidade, entre uma infinidade de questões.

Sendo a convivência intensa e tendo os ecovilenses a oportunidade de expressar sentimentos e acontecimentos no decorrer do dia – e através da partilha – cria-se uma rede de afetos e laços fortes. Como afirma Buber (2008), a totalidade da relação é um componente importante para o estabelecimento de uma comunidade. Constitui a convivência plena entre pessoas, com todas as suas qualidades, defeitos, possibilidades e semelhanças, no qual “participam com a totalidade de seu ser” (BUBER, 2008, p 88).

#### 4.2.1.3 A natureza mutável da Comunidade

A Comunidade Inkiri está a todo instante desenvolvendo novas atividades, modificando-as, criando novas estruturas físicas e refazendo as já existentes. No momento em que escrevo essas palavras, novas ideias estão sendo postas em prática e outras, idealizadas. Capra (2006), numa concepção sistêmica da vida, diz que para um sistema - biológico ou social – ser considerado saudável, é necessário ser equilibrado e, ao mesmo tempo, ser aberto à mudanças. "À semelhança de todas as outras criaturas vivas, pertencemos a ecossistemas e também formamos nossos próprios sistemas sociais" (CAPRA, 2006, p. 263).

Gilman (1991), ressalta que a necessidade de mudanças em diversas áreas (econômicas, ambientais, estruturais, por exemplo) é um dos maiores desafios vivenciados em ecovilas. Essas mudanças fazem parte de uma contínua experimentação da vida em comunidade, característica intrínseca das ecovilas, e que possibilita que o assentamento ecológico se desenvolva a partir de erros e acertos.

Muitas vezes os fundadores da comunidade tentam ou se sentem forçados a trabalhar em todos os aspectos dessas mudanças simultaneamente. Quase todas essas mudanças levam mais tempo do que o esperado e muitas vezes são mais caras do que o esperado. Além disso, cada área de mudança interage com as outras áreas de maneiras imprevisíveis. No processo, recursos financeiros, recursos emocionais e relacionamentos interpessoais podem ser colocados sob grande estresse. Quando tentativas de criar comunidades falharam, uma das razões foi quase sempre que o grupo simplesmente tentou fazer muito rápido em relação aos recursos que tinham disponíveis (GILMAN, 1991, tradução nossa)<sup>59</sup>

Até acontecerem modificações relevantes na estrutura na Comunidade, haviam três diferentes “dimensões” ou “espaços” na Ecovila de Piracanga: o Centro Universal de

<sup>59</sup> Do original: “*Perhaps the biggest challenge faced by anyone attempting to create an eco-village is that it requires change in so many different areas of life. All too often community founders attempt to, or feel forced to, work on all aspects of these changes simultaneously. Almost all of these changes take longer than expected and are often more costly than expected. In addition, each area of change interacts with the other areas in unpredictable ways. In the process, financial resources, emotional resources, and interpersonal relationships can be put under great stress.*”

Realização do Ser (até então, era assim nominado), a Comunidade Inkiri e a “ecovila”. Em 2015, durante minha primeira pesquisa de campo, fui alertada pelos moradores da Comunidade para que essa diferenciação fosse feita no meu trabalho e durante todas as conversas informais e entrevistas, essas distinções ficaram bem claras. Porém, em 2016, essas distinções entre esses “espaços” já não eram tão relevantes.

O Centro Holístico, antes denominado Centro Universal de Realização do Ser, até 2015, era, segundo Andrey, uma propriedade privada na qual possuía seis sócios. Parte deles não eram integrantes da Comunidade Inkiri, o que permitia que uma parcela do lucro das atividades realizadas pelo Centro fosse direcionada para esses sócios.

Com o objetivo de comprar parte das cotas que não pertenciam à Comunidade Inkiri, no início de 2016, foi iniciada uma campanha de financiamento coletivo, conhecido como *crowdfunding*<sup>60</sup>, fomentada pelas redes sociais e pelo site. A intenção era que a Comunidade se responsabilizasse por todas as atividades e pelos espaços pertencentes ao Centro Holístico. Dessa forma, o lucro seria totalmente reinvestido dentro da própria Ecovila, nos projetos e na estrutura da Comunidade.

O projeto de financiamento coletivo arrecadou o suficiente - com o auxílio do dinheiro da Comunidade – para a compra das cotas das pessoas que não pertenciam à Comunidade.

Pedro Camilo informou que o Centro Holístico, hoje denominado Centro Inkiri, atualmente possui cinco cotas, das seis existentes. A única cota restante é de propriedade de um estrangeiro, amigo de Angelina, que apoia os projetos da Comunidade. Segundo ele:

A gente fez uma campanha de *crowdfunding* que era para isso. Para a Comunidade arrecadar um dinheiro e conseguir comprar uma parte da cota que era de uma sócia que tinha interesses diferentes. Ela não queria ir por esse caminho. Então, tá tudo bem, a gente quer fazer aquilo que a gente quer realizar mesmo. E aí como tem o ultimo sócio, que a gente tem uma boa relação com ele, mas ele não tá envolvido com o que tá aqui, o Centro agora é um espaço que tá concedido pra Comunidade. E se não tivesse, de qualquer forma, a gente tem cinco cotas desse espaço, então. Eu não vejo agora essa separação Centro, Comunidade e Ecovila.

Portanto, o Centro e a Comunidade, desde 2016, são espaços e “dimensões” totalmente interligadas. O Centro é da Comunidade Inkiri, sendo todos os projetos e cursos facilitados pelo Centro e geridos por seus integrantes.

---

<sup>60</sup> Desmembrando a palavra, o nome *crowd* que, em inglês, significa “multidão” e *funding* significa “financiamento” (MONTEIRO, 2014). A mesma autora diz que *crowdfunding* consiste num fenômeno virtual que tem o objetivo de financiar, de forma colaborativa, alguma atividade ou projeto, através de *sites* especializados no assunto. A ajuda é voluntária e pode proporcionar a realização de sonhos e projetos que, sem o apoio de outras pessoas, dificilmente seria realizado.

No decorrer do ano de 2016, com a gestão do Centro Holístico, a Comunidade Inkiri de Piracanga sentiu fortemente a necessidade de realizar algumas modificações que iam em direção de uma auto responsabilização de tudo que é feito, incluindo os projetos e todas as atividades. Em entrevista com Vanessa Ruiz<sup>61</sup>, ela relatou que, após a compra das cotas através do *crowdfunding*, a Comunidade percebeu que era necessário assumir uma nova identidade, enquanto comunidade.

Dessa forma, todas as atividades realizadas pela Comunidade e pelas pessoas que ajudam a sustentar suas atividades, passaram a ser chamadas de Inkiri Piracanga<sup>62</sup>. Segundo Pedro Camilo, é um “movimento de clareza” no qual a Comunidade Inkiri pode “falar em nome daquilo que está sendo sustentado” por eles. Antes, até minha primeira ida à Ecovila, em 2015, o assentamento era conhecido como Ecovila Piracanga. A mudança veio porque, segundo Pedro, Piracanga é o nome da região onde a Ecovila está instalada.

Eu vejo que a gente tá se encaminhando como comunidade, é um momento de transição mesmo, sabe? Em direção a esse lugar que a gente vai deixando as coisas claras, também. (...) Porque Piracanga é um lugar. Piracanga já existia antes da própria Angelina chegar aqui. É uma região que pega o entorno, o rio... tem muita gente que nasceu aqui. Existe um espaço maior ainda, fora desse contexto de Piracanga. Então é uma Ecovila desse lugar, uma Ecovila de Piracanga. (Pedro Camilo)

Sendo assim, o nome Piracanga carrega outra história, tratando-se de uma localidade onde, antes da existência da Ecovila, já haviam moradores. A mudança veio, também, como uma manifestação de respeito àquelas pessoas que não compartilham dos mesmos sonhos, projetos e atividades que a Comunidade Inkiri se propõe a fazer na Ecovila e no entorno. Segundo Pedro:

E tem muito respeito da gente de fazer essa mudança agora e de chamar Inkiri Piracanga, trazendo o que é a manifestação Inkiri, e o que é Piracanga como um espaço físico. Porque a gente não tem uma autoridade política de representatividade de todo mundo que vive aqui. Não dá pra gente falar dessa forma. É um desrespeito a gente fazer isso. Tem o ponto do respeito e tem o ponto da gente poder ser responsável por aquilo que a gente tá fazendo e não ser responsável por alguma coisa que tá sendo feita por outra pessoa, sabe? Não é uma guerra, não é uma separação tipo ‘agora isso é um coisa e aquilo é outra coisa’, é, tipo, a gente se manifestando nesse lugar e ai, tudo bem, quem quiser somar pra isso acontecer, é super bem-vindo. E quem não quer, tá tudo bem. Cada um tem sua história.

---

<sup>61</sup> Vanessa Ruiz faz parte do projeto de comunicação da Comunidade Inkiri Piracanga, sendo ela integrante da “Tribo Inkiri”. Ela é responsável, dentre muitas outras atividades, pela divulgação das atividades do Centro Inkiri através do *site*, comunicação com acadêmicos e estudiosos sobre o assunto e pelas mudanças na economia da Ecovila.

<sup>62</sup> Mais informações em: <<http://piracanga.com/de-piracanga-para-inkiri-piracanga/>>.

#### 4.2.1.4 O “Sonho Inkiri”

Apoiar e trabalhar nos projetos e atividades oferecidas pela Comunidade Inkiri, mesmo sem ser integrante desse núcleo de pessoas, é uma realidade comum na Ecovila. Essas pessoas compartilham dos mesmos sonhos e têm muitas afinidades com o que é praticado pela Comunidade. Estão ajudando a sustentar o “Sonho Inkiri”<sup>63</sup>.

Nos projetos, nas construções ecológicas, na manutenção das estruturas permaculturais e em todos os espaços, Comunidade, ecovila e pessoas que compartilham do “Sonho Inkiri” trabalham como num só organismo, em um “fluxo de doação e entrega criativa”, como diz Buber (2008, p. 34), quando escreve sobre a que a nova comunidade aspira. O autor diz que tudo o que é transformador e poderoso, não procurou proveito, mas desejou criar. O espírito criativo de quem está na Ecovila de Piracanga é o que revigora, nutri e fortalece o assentamento ecológico.

Mollison e Holmgren (1983), numa perspectiva permacultural, fala sobre a importância da cooperação comunitária, que constitui uma rede complexa de habilidades, necessidades e recursos. Os autores dizem que a cooperação comunitária, que chamam de interdependência, acaba estabelecendo um quadro de referência permacultural. O trabalho em conjunto, com todas as diferentes habilidades existente no assentamento, faz com que haja riqueza e diversidade de atividades, artes, cultura, cursos e vivências.

A população do entorno da Ecovila, que constitui moradores do Cauby, região da zona rural de Maraú, tem um papel fundamental nas atividades propostas pela Comunidade Inkiri. Santos Júnior (2006), quando propõe algumas sínteses reflexivas em torno da discussão sobre ecovilas enquanto projetos sustentáveis, argumenta sobre a importância do permanente diálogo com o seu entorno mais imediato, com a sua região e com o mundo.

As primeiras estruturas da Ecovila foram feitas, principalmente, por eles e até hoje, são muitos os que se empenham nos projetos ou colaboram de alguma forma com a concretização do “Sonho Inkiri”. Alguns moram em casas compartilhadas cedidas pela Comunidade e outros preferem voltar às suas residências, nas localidades vizinhas, todos os dias após o trabalho. Todos possuem carteira de trabalho assinada. As relações de trabalho são diferenciadas do sistema convencional vigente, pois o trabalho no assentamento possibilita

---

<sup>63</sup> “O Sonho Inkiri é reconhecer e manifestar o Amor e a Verdade que existe em nós, em todos e em todos os lugares. Para isso, acreditamos que é preciso mais do que nossa boa intenção. É preciso ação para juntos tornarmos realidade que a humanidade seja livre, feliz e viva em paz novamente neste planeta” (PIRACANGA, s/d). Para alcançar o sonho Inkiri, segundo os ecovilenses, é necessário interromper um ciclo destrutivo no qual a humanidade passa a trabalhar para uma nova sociedade, usando os dons e talentos de cada indivíduo.

maior liberdade - sem as relações trabalhistas convencionais como patrão e empregado, por exemplo – o que confere uma sensação de bem-estar e tranquilidade entre os trabalhadores.

Ao ser questionado sobre as diferenças entre o trabalho na Inkiri Piracanga, através dos projetos da Comunidade, e um “trabalho convencional”, em outro lugar, Eraldo Santos<sup>64</sup> respondeu:

Sim! Aqui, o Bruno sempre fala aqui pra gente: ‘aqui não tem essa de patrão e empregado não. Olhe pra mim como... eu sou que nem vocês, um funcionário.’ Ele sempre tá apoiando a gente nas nossas decisões... tá incentivando a gente. Ele nunca chega... assim, sempre que tem algo errado ele chama a gente e conversa, mas tentando consertar aquele erro da gente, sabe? Ele sempre incentiva a gente no trabalho. Eu gosto muito disso. De ver isso nele e nas pessoas que trabalham aqui. São muitos amigáveis, assim. Você se sente em casa aqui em Piracanga! Mesmo quando eu venho trabalhar aqui, quando eu saio de casa, tem hora que a hora passa tão rápido que você nem vê!

Dessa forma, a separação entre trabalho e lazer é amenizada quando as relações, dentro do ambiente, são afetivas, sendo o trabalho encarado de forma leve e lúdica. Os ecovilenses têm uma rotina intensa de trabalho nos projetos da Comunidade Inkiri, porém, a atividade realizada por eles possibilita o desenvolvimento de suas potencialidades e criatividade, pois há espaço para o uso de suas imaginações. “Essa possibilidade de criar e compartilhar só pode existir quando o trabalho é realizado no ritmo da vida humana, é não no tempo cronometrado pelo relógio” (ROYSEN, 2013, p. 174). No final dos seus afazeres, os ecovilenses costumam contemplar o pôr do sol, tomar um açaí no Espaço Açaí do Mar, praticar yoga ou surf, ou irem para as suas residências.

#### 4.2.1.5 O Centro Inkiri: estruturas e projetos

O Centro Inkiri é onde os ecovilenses se reúnem para colocar seus dons e talentos a serviço do Sonho Inkiri, da espiritualidade e do autoconhecimento, além de ser o espaço onde a Comunidade recebe pessoas para os cursos e retiros (PIRACANGA, s/d). Para Zaida<sup>65</sup>, em entrevista concedida em outubro de 2015, o Centro Inkiri é:

(...) a parte onde são realizados cursos, onde tem uma parte com hospedagem e realizam-se todas as atividades mais holísticas, digamos: terapias, restaurante, centro. Como se fosse um... um... (pensou um pouco) uma parte mais para um

<sup>64</sup> Eraldo Soares é morador do Cauby e é um dos responsáveis pela manutenção dos banheiros secos do assentamento. Não é integrante da Comunidade Inkiri. Trabalha para o projeto Escola da Natureza e possui carteira assinada.

<sup>65</sup> Zaida nasceu na Argentina, é integrante da Comunidade Inkiri e líder do Projeto Açaí do Mar. Reside na Ecovila há 3 anos.

turismo espiritual, digamos. A parte que as pessoas passam férias, que as vezes acontece, muitas pessoas vêm, também, pelos cursos que oferecemos em Piracanga. Piracanga foi criado com isso.

O Centro Holístico e a Comunidade Inkiri são interligados e suas estruturas se confundem em termos espaciais. Faz parte do Centro, gerido pela Comunidade Inkiri, um “hotel” para receber participantes das vivências e turistas, um restaurante que oferece comida vegana<sup>66</sup> (denominado Cozinha Alquimia), espaços com formato de ocas que acolhem as pessoas que estão participando de atividades diversas, a lanchonete (Espaço Açaí do Mar), uma barraca de coco, recepção, a parte dos transportes e sanitários ecológicos (um, em especial, denominado “o banheiro mais lindo do mundo”). O Centro fica na parte frontal das terras da comunidade ecológica. Então, quem chega pela praia, logo o avista.

FIGURA 7: Parte frontal de Piracanga



Fonte: Piracanga (s/d)

Por Inkiri Piracanga receber uma grande quantidade de pessoas que estão participando de cursos (quase sempre acontecendo simultaneamente) e pelos espaços de atividades espirituais, que quase todos os integrantes da comunidade utilizam serem no Centro, há maior circulação de pessoas nessa área. Essa delimitação ocorreu naturalmente com o decorrer do tempo e dos usos dos espaços.

O Centro possui 28 quartos e um dormitório e tem capacidade de hospedar, no máximo, 90 pessoas. Funciona como um hotel – com tarifas e possibilidade de reservas de

---

<sup>66</sup> Um tipo de vegetarianismo denominado “vegetarianismo estrito” que exclui da dieta qualquer produto de origem animal e derivados.

quarto como qualquer outro - apesar de os moradores não chamarem dessa forma. Ao ser questionada sobre a existência de um hotel no Centro, Zaida logo advertiu: “Sim, mas a gente não chama de hotel. Chamamos de ‘hospedagem’. Porque, também, não é um hotel convencional. Faz-se *check-in*, *check-out*, café da manhã e tal, mas é diferente, pois há banheiro seco e é integrado com essa parte permacultural.”

Qualquer pessoa, mesmo que não esteja participando de cursos, pode se hospedar e usufruir de alguns espaços da comunidade, como o restaurante, a lanchonete, e até algumas atividades que são oferecidas gratuitamente, como interpretação de sonhos, mostra de filmes, apresentações musicais, danças circulares, noite da fogueira e atividades que promovem interação com os membros da comunidade e os visitantes.

Nas salas de encontro cabem em torno de 350 pessoas e são distribuídas em quatro estruturas, com tamanhos diversos, em formato de oca: as Ocas Moksha, Inkiri, Templo das Rosas e Vagalume (PIRACANGA, s/d). São espaços acolhedores e onde é possível ouvir o tempo todo o som do vento nas plantas, o cantar dos pássaros e sentir a brisa que vem do mar. As ocas podem ser arrendadas para pessoas e/ou empresas realizarem atividades de natureza transcendental e que instigam a criatividade, como oficina de yoga, dança, cursos variados, palestras e outras.

FIGURA 8 - Oca Moksha durante uma atividade do Projeto Escola da Natureza.



Autoria própria – Registro fotográfico de setembro de 2016

FIGURA 9 – Oca Templo das Rosas



Autoria própria – Registro fotográfico de setembro de 2016

A Cozinha Alquimia e o Espaço Açaí oferecem comida vegana para moradores e visitantes. É proibido o consumo de carne nos espaços da Comunidade, incluindo as casas comunitárias, espaços de cursos, restaurante e lanchonete, entre outros. Como a comunidade promove o veganismo, nada mais coerente que o restaurante e a lanchonete da Comunidade ofereçam alimentos dessa natureza. Quem se dispõe a morar, passar uma temporada ou apenas alguns dias, é importante que esteja aberto a essa forma de alimentação. Quem não é vegetariano/vegano<sup>67</sup> costuma estranhar nos primeiros dias, mas, logo depois, percebe que o corpo se adapta e agradece.

Pude observar e vivenciar um hábito interessante na Cozinha Alquimia e no Espaço Açaí do Mar. Depois das refeições, as pessoas lavam os seus pratos, talheres e copos. Como nunca havia passado por tal situação em um restaurante ou lanchonete, no primeiro dia que frequentei a Cozinha Alquimia, deixei meu prato junto com os talheres após o jantar. Fui educadamente comunicada, por uma mulher que trabalha no local, que era preciso lavar meus utensílios após o uso. O ato causa estranheza inicialmente, pois não estamos acostumados a lavar nossos pratos em um restaurante, e, muitas vezes, dentro das nossas próprias casas. Na Ecovila de Piracanga, somos, quase que o tempo todo, incentivados a nos auto-observar e desconstruir conceitos e antigos hábitos. Como diz Roysen (2013), apesar das convenções e

<sup>67</sup> O vegetarianismo é um regime alimentar que exclui da dieta alimentos de origem animal, exceto laticínios e ovos. Já o veganismo possui uma dieta mais restrita na qual o consumo de ovos e laticínios é recusado. O vegetarianismo e o veganismo são adotados por diversas razões. Entre elas, está a não compactuação com o sacrifício e maus tratos de animais, obtenção de uma vida mais saudável, o não incentivo à multinacionais poluidoras do meio ambiente e à indústria pecuária, responsável por grandes emissões de metano – gás causador do efeito estufa, razões espirituais entre outras.

costumes sociais serem forças poderosas, há possibilidade de resistência e recriação (e desconstrução).

O espaço Açaí do Mar é ponto de encontro, risadas, conversas e reuniões. É fácil fazer novas amizades em Piracanga e o espaço é um ambiente propício para isso. Os moradores da Ecovila e participantes de cursos, frequentemente, após suas vivências e seus trabalhos ou nas horas “livres”, se encontram no Espaço Açaí para trocar experiências, conhecer novas pessoas e se alimentar de forma saudável. Comemorações de aniversários, despedidas e jantares entre amigos costumam acontecer nesse ambiente.

FIGURA 10 – Espaço Açaí do Mar em dia de festa.



Autoria própria – Registro fotográfico de setembro de 2016.

Um momento de encontros, que acontece em sábados alternados, é a Feira Livre, atividade na qual todos os moradores, visitantes e integrantes da Comunidade Inkiri são convidados a mostrarem suas artes, receitas veganas e outros produtos.

FIGURA 11 – Feira Livre



Autoria própria - Registro fotográfico de setembro de 2016.

Quem chega à Ecovila, logo encontra a recepção, onde são recebidos os participantes de cursos e turistas. É oferecido internet, um serviço pago, e é na recepção que se pode fazer a solicitação, além de obtenção de informações sobre os cursos e pagamentos.

FIGURA 12 – Recepção



Autoria própria – Registro fotográfico de outubro de 2015.

Próximo à recepção, há uma pequena sala onde é feita a solicitação de transportes de pessoas que vêm de Itacaré, Ilhéus ou Salvador. O preço varia conforme a distância. É recomendado este serviço, pois a estrada é de terra e só é possível chegar à Ecovila de Piracanga quem realmente conhece a região. Outra opção feita pelos mais aventureiros é ir a pé pela praia. A caminhada dura em torno de uma hora e meia.

A Comunidade Inkiri possui quatro lojas em suas terras: Loja Inkiri, Templo das

Águas, Frutos da Terra e a Loja Brigit (PIRACANGA, s/d). Na loja Inkiri, é possível encontrar tudo o que é produzido pelos próprios ecovilenses, como roupas, acessórios, cadernos e bolsas. O Templo das Águas vende os produtos biodegradáveis produzidos pelo projeto “Plante! Inkiri”, além de outras marcas. Na Frutos da Terra, é possível encontrar grãos, sementes, produtos secos (tomate seco, por exemplo), alimentos orgânicos, ervas, cereais, entre outros. A loja Brigit vende roupas, acessórios para decoração, jóias naturais e incensos. Para reduzir o lixo produzido, as lojas vendem seus produtos a granel, usam embalagens de papel e vidro retornável.

FIGURA 13 – Loja Templo das Águas



Autoria própria - Registro fotográfico de setembro de 2016.

O Centro Inkiri oferece uma infinidade de cursos, vivências e imersões em diversos âmbitos, na direção do desenvolvimento espiritual do indivíduo. É feito um calendário de cursos e eventos, que se estende por todo o ano, sendo toda a programação divulgada no site<sup>68</sup>. Os cursos e eventos mudam conforme o passar dos anos.

No ano de 2016, foram estes os eventos e cursos ofertados: Prática de Bioconstrução; Retiro de Leitura de Aura nos níveis 1 a 7; Retiro de Respiração de Renascimento; Orquestra Mágica de Pícaranga; Caminho do Amor; Imersão da Escola da Natureza; O Despertar da Criança Interior; Curso de Meditação das Rosas; Retiro do Coração; Alimentação Consciente e Saudável; Encontro de Educadores; Escola de Serviço Inkiri de Pícaranga; Retiro de Silêncio e Músicas Sagradas; SYM - Surf, Yoga e Música; Retiro dos Chakras; Imersão da Universidade Viva Inkiri; Vivências da Vida em Comunidade e Criação

<sup>68</sup> O site de Pícaranga é a ferramenta mais importante de divulgação dos cursos e eventos. Disponível em: <<http://piracanga.com/>>.

de Florestas; Curso de Meditação das Rosas; Jornada do Animal Totem; Liderança no Novo Mundo; Seminário de Respiração de Renascimento; Solstício de Yoga; O caminho dos Sonhos; Dia da Cura da Energia Masculina; Dinheiro e Criação de Realidade; Retiro de Rejuvenescimento e Detox; Retiro para Terapeutas de Leitura de Aura; Workshop Respiração de Renascimento: Acessando a Criança Interior.

Durante o ano, são ofertados vários cursos de Leitura de Aura, nos níveis 1 a 7. Inkiri Piracanga é considerada uma referência nesse conhecimento. Segundo eles, Inkiri Piracanga é o maior centro de Leitura de Aura da América Latina, tendo sido fundado por Angelina, que é a responsável pela difusão desse conhecimento na América do Sul. O curso tem dias de práticas intensas e dura entre sete e nove dias. O curso é pago e o dinheiro arrecadado é usado para custear as despesas do curso e para pagar os facilitadores.

A Inkiri Piracanga é um espaço que está em constante transmutação. Frequentemente, novos e antigos moradores põem em prática seus conhecimentos e suas habilidades através da facilitação de cursos, vivências e criando novos projetos. A grande variedade dos projetos existentes na Comunidade Inkiri é resultado dos diversos dons e talentos dos ecovilenses.

A Comunidade Inkiri gerencia em torno de 22 projetos<sup>69</sup>. Cada projeto possui um líder chamado, pelos ecovilenses, de guardião ou “raiz”. Segundo Diego Matar<sup>70</sup>, comparando-os com raízes de uma árvore, o guardião “é a pessoa que está ali embaixo, realmente sustentando o projeto e mandando energia para todo o sistema funcionar.” Os guardiões são pessoas que moram na Ecovila, na maioria das vezes fazem parte da Comunidade Inkiri, e estão muito conectadas com o projeto e com o que a “Tribo” propõe.

Juli, em comunicação via *e-mail*, listou alguns projetos da Comunidade Inkiri: Açaí do Mar – Espaço de convívio e alimentação; Circo Vagalume; Cozinha Alquimia - restaurante e educação em alimentação vegana; Pousada - hospedagem; Escola da Natureza; Escola de Leitura de Aura; Escola de Música; Escola de Renascimento; Escola Inkiri; Espaço Cultural – atividades culturais e aulas diversas; Espaço Cura – terapias; Loja Frutos da Terra; Imobiliária – alugueis de casas e quartos; Lojinha Inkiri – produtos feitos pela comunidade; Marcenaria; Plante! - produtos biodegradáveis; Projeto de Surf – aulas de surf; Radio Piracanga; Transportes; Universidade Viva Inkiri.

<sup>69</sup> Até 2016, a Comunidade gerenciava 22 projetos. Como a Comunidade está em constante transformação, esse número sofre diversas variações em um ano.

<sup>70</sup> Diego Matar, 28 anos, é guardião do projeto da economia da Ecovila de Piracanga. É um dos idealizadores da mudança na economia da Ecovila, conforme veremos nas próximas páginas, no subitem “Dimensão Econômica”. É economista, integrante da Comunidade e residente da Ecovila há 2 anos.

Os cursos, vivências e imersões oferecidos através dos projetos são a principal fonte de renda da Comunidade Inkiri. O lucro gerado é totalmente investido na Comunidade, seja nos gastos dos cursos, nas demandas internas, na educação das crianças, na manutenção e criação de novas estruturas e projetos, como no pagamento dos facilitadores dos cursos e de quem trabalha para a “Tribo Inkiri”.

Os novos projetos são criados de acordo com a demanda do assentamento e com as habilidades e sonhos de quem o idealiza. Essa pesquisa é apenas um recorte de um período entre 2015 e 2016 e que conta, também, um pouco da história da Comunidade.

Dentre os 22 projetos, três deles, a meu ver, são primordiais na Comunidade Inkiri. Sendo assim, como não será possível adentrar nas realidades de todos os projetos, considero conveniente elucidar os que mais dialogam com os propósitos dessa pesquisa: os projetos Escola da Natureza, Escola Inkiri e Universidade Viva Inkiri.

O projeto Escola da Natureza é o responsável pela gestão ambiental – a permacultura e agrofloresta – da Comunidade Inkiri de Piracanga. É um trabalho intenso e que envolve em torno de 11 pessoas, a maioria integrantes da Comunidade Inkiri, e outros voluntários e/ou trabalhadores assalariados, que mantém as estruturas permaculturais e a agrofloresta de um grande espaço em extensão. Juliana Faber fala um pouco sobre o projeto e sua forte ligação com a permacultura:

Bom, os cuidados com a natureza são um dos pilares de Piracanga. A gente acaba não utilizando tanto mais a palavra permacultura porque ela limita muito... tem pessoas que são super permacultores, mas nunca fizeram um PDC, um curso de permacultura ou nunca ouviram esse termo. Então, a gente acabou adotando esse nome “Escola da Natureza” pra esse núcleo de permacultura que tem aqui. Então, sobretudo, um dos princípios da permacultura é buscar soluções locais. Então, aqui, como a gente é um espaço de vivência de 250 pessoas, onde a gente tem essa necessidade de cuidar desse lugar porque o lençol freático é muito raso e a gente só tem energia solar aqui, acaba que a permacultura é toda essa experimentação que a gente faz pra viver em harmonia com esse lugar. Então, é as várias práticas que a gente vive aqui, né? Tanto na gestão da água, na gestão dos resíduos sólidos, na compostagem, no manejo das agroflorestas, na produção de produtos biodegradáveis e tantas outras coisas, né?

Os cuidados com a água dependem de cada um que está na Ecovila. Porém, é o projeto Escola da Natureza o maior responsável por esses cuidados, no que diz respeito à manutenção das tecnologias permaculturais e criação de novas técnicas. Os cuidados no gerenciamento dos resíduos também é uma responsabilidade que o projeto assume, apesar de não serem todos os moradores da Ecovila de Piracanga que utilizam esses serviços. Uma taxa mensal é paga pela Comunidade para os integrantes do projeto poderem gerir ambientalmente o espaço.

O principal espaço dos permacultores, integrantes do projeto, é o Centro de

Permacultura. Nesse ambiente onde é possível encontrar suas ferramentas de trabalho, realizar reuniões, produzir fertilizantes, o espaço para compostagem, viveiro de plantas, desidratadores solares<sup>71</sup> e coleta seletiva de resíduos, além de ser uma “sala de aula” ao ar livre para participantes de cursos e os que têm interesse em aprender sobre permaculture.

FIGURA 14 – Centro de Permacultura



Autoria própria - Registro fotográfico de setembro de 2016.

Além da gestão ambiental de boa parte do assentamento, o projeto oferece cursos: "Alfabetização Ecológica"; "Permacultura e Saúde Integral", "Permacultura e Agrofloresta" e "Permacultura e Bioconstrução", "Cura pela Natureza", "Despertar do Cuidado e do Amor", "Guia Prático do Ser Humano Ecológico", Agrofloresta e a Função Ecológica do Homem no Planeta". Além desses, há um programa imersivo (curso que dura até três meses): “Programa de Formação em Permacultura e Vida em Comunidade”. Esses foram os cursos ofertados em 2016. Nos anos seguintes, possivelmente, haverá mudanças e novos cursos surgirão.

A **Universidade Viva Inkiri** é um projeto do Centro Inkiri que recebe jovens, entre 18 e 28 anos, para que possam experienciar a vida em comunidade e o início de uma jornada espiritual e de cuidados com a natureza (UNIVERSIDADE, S/D). Para ter essa experiência, os jovens ficam hospedados em uma casa comunitária do projeto num período

---

<sup>71</sup> Desidratadores solares são utilizados para desidratar ervas, frutas e alguns legumes, como tomate, banana, abóbora e maçã. Na Comunidade, a desidratação é feita somente com a incidência da luz solar em uma caixa de madeira, coberta com um vidro no qual as frutas ficam em seu interior até o seu consumo.

entre três e seis meses. Durante esse período, os universitários escolhem trabalhar em dois ou três projetos da Comunidade Inkiri – projetos nos quais o jovem pode exercer suas habilidades e/ou experimentar atividades até então desconhecidas.

A UNI – assim chamada pelos ecovilenses - é separada em dois módulos, tendo o jovem a possibilidade de escolher entre fazer apenas um ou os dois. O primeiro módulo tem duração de 2 a 3 meses e corresponde a um período de “auto-investigação” e auto-conhecimento, no qual o indivíduo desperta suas habilidades e se descobre como ser repleto de saberes, até então, muitas vezes, não praticados. O segundo módulo, que tem duração de três meses (completando seis meses, no total), o indivíduo põe em prática todas as descobertas e aprendizados adquiridos desde o primeiro módulo.

Toda semana, os participantes da imersão compartilham seus saberes, suas dúvidas, tormentos e aprendizados na partilha, que acontece com acompanhamento da Angelina Ataíde, líder da Comunidade Inkiri, e, também, de uma psicóloga, que acolhe o grupo e atende individualmente, caso necessário.

Muitos moradores e até integrantes da Comunidade Inkiri, participaram alguma vez da UNI, por isso a relevância desse projeto. Os participantes relatam mudanças significativas em suas vidas após a imersão.

Sendo os cuidados com as crianças, um dos pilares da Comunidade Inkiri, a **Escola Inkiri** é um dos principais projetos de Piracanga. A Escola foi inspirada na Escola da Ponte<sup>72</sup>, idealizada pelo educador José Pacheco e na Fundação Pestalozzi<sup>73</sup>, no Equador. A Escola propõe um ensino diferenciado do sistema educacional convencional quando sugere que as crianças se desenvolvam livremente, sem um direcionamento específico (ou esperado por alguém), ao oferecer um espaço pautado na confiança, na neutralidade e na ausência de julgamento. Em uma palestra sobre a Escola Inkiri, Bruna (nome fictício), falou um pouco

---

<sup>72</sup> É uma escola pública, localizada em Portugal, com uma pedagogia inovadora e libertadora. Promove um ensino democrático, participativo, adaptado às particularidades de cada aluno e pedagogicamente eficaz (BARROSO, 2004). Segundo Santos (2004), promove autonomia e participação de todos os agentes educadores, inclusive alunos, no processo de aprendizagem, numa filosofia inclusiva e cooperativa que se traduz nas seguintes normas: “todos precisamos aprender e todos podemos aprender uns com os outros, quem sabe mais deve ajudar quem tem mais dificuldades e quem aprende, aprende a seu modo” (SANTOS, 2004, p. 20).

<sup>73</sup> A Fundação Pestalozzi é um centro educacional que atende crianças e jovens entre 3 e 18 anos. A Fundação estimula a criatividade e autonomia das crianças e jovens, pois oferecem uma grande diversidade de atividades, como teatro, música, dança, intervenções artísticas diversas, interação com a natureza, esportes diversos, oficinas de culinária, entre outros. A fundação oferece espaços que permitem que essas atividades não interfiram com atividades de ensino que requerem concentração, como matemática, línguas e outros (WILD, 2004). Segundo a autora, os educadores revezam, em diferentes áreas existentes na Fundação (como esportes, artes, matemática, entre outros), os cuidados com as crianças e jovens. As crianças e jovens interagem e realizam atividades de acordo com sua maturidade e ritmo pessoal (WILD, 2004).

sobre como eles lidam com o julgamento em sala de aula:

O que a criança recebe quando tá sendo julgada? Que tem uma condição para ser amada. Aí, ela não consegue ser ela espontaneamente porque sempre vai ter que estar olhando se você ama ou se você não ama. ‘Agora ela quer, agora ela não me quer’. Então, começa a ficar apertado a coisa, sabe? ‘Tenho que fazer aquele desenho daquela forma porque eu já sei que ela me quer bem assim’. ‘Eu não posso fazer aquilo, tenho que me reprimir’, sem entender muito bem por que, ‘porque ela não me quer se eu faço uma coisa assim’. Então, você começa a entrar no modo ‘eu tenho que’. Isso é o que a gente é: ‘eu tenho que’. ‘Eu tenho que ser boazinha. Eu tenho que ser certinha. Eu tenho que ser bom aluno’.

Num espaço livre de julgamentos, o aprendizado se dá de forma natural, espontânea e afetuosa. Guedes (2012), em seu livro sobre pedagogia sistêmica, desenvolve sobre a importância do processo de aprendizagem se dar com afetuosidade. Segundo ela, “podemos ajudar a recuperar o amor para que o aprendizado possa acontecer” (GUEDES, 2012, p. 152).

De acordo com a Comunidade Inkiri (ESCOLA, s/d), os pilares que sustentam a Escola são:

- **Encontro humano:** o educador é considerado um facilitador da descoberta das habilidades de cada criança e/ou jovem, promovendo a autonomia e respeitando o tempo de aprendizagem de cada um.
- **Pedagogia orgânica:** na Escola Inkiri, é através da experiência e da prática que é possível adquirir o conhecimento. A inspiração para essa metodologia de aprendizagem vem de diferentes vertentes.
- **Diversidade:** as particularidades de cada indivíduo são valorizadas e vistas como potencialidades.
- **Sustentabilidade:** as percepções dos ciclos naturais da matéria e da vida são estimuladas, considerando que somos natureza.
- **Comunicação:** todos os agentes da escola podem contribuir para o enriquecimento dos saberes.

Não há disciplinas como matemática ou biologia, pois eles acreditam que o conhecimento não se dá de forma fragmentada, e sim holística e sistêmica. Ao chegarem à escola, a criança faz o que sente vontade e necessidade no momento, trabalhando desde cedo no desenvolvimento de sua intuição, confiança e autonomia. Os educadores dão máxima importância aos aprendizados atitudinais e emocionais, como com os cuidados com a saúde, a natureza (a permacultura), o respeito com os mais velhos, a calma e paciência em situações de conflito, entre outros. Segundo Guedes (2012), o ato de ensinar e aprender conteúdos é

importante, mas acontecem outros aprendizados, considerados mais sutis (emocionais e atitudinais), que ficarão para sempre e os resultados são incalculáveis.

As crianças da escola, em seus horários de aula, vão à praia e ao rio, aprendem a fazer diversas comidas vegetarianas, pintam quadros, brincam de circo, assistem a filmes educativos e dormem quando sentem vontade. O aprendizado se concretiza em todos os lugares, a todo instante, sendo respeitadas as individualidades, o tempo e o modo de aprendizagem de cada criança.

Durante séculos, as aulas que decorrem em seis períodos, distribuídas num espaço de cinco horas todas as manhãs, têm exigido das crianças uma grande renúncia as suas necessidades naturais de atividade física e à percepção consciente de seus sentimentos e emoções. Parece que ainda hoje é melhor para a escola se os alunos estiverem presentes com a cabeça e reprimirem seus demais impulsos físicos. (...) A vida na escola deveria se orientar pelo ritmo das crianças, pelo seu desejo natural de se movimentar e pela consciência corporal, por pausas, pela oportunidade de se recolher em estados de consciência calmos e por mudanças de atividade (FRANKEGRICKSCH, 2009).

Ao visitar Piracanga, conheci crianças criativas e extremamente comunicativas. Em entrevista com Bruna, educadora da escola, ela me contou que as crianças têm total confiança em todos que moram em Piracanga e os reconhecem como membros de uma grande família.

No próximo item, irei tratar sobre como se dá a permacultura, na prática e nos princípios, na Inkiri Piracanga e descreverei as estruturas permaculturais da Comunidade.

## ***4.2.2 Dimensão Ambiental***

### *4.2.2.1 A Permacultura como Estilo de Vida*

Na Inkiri Piracanga, o cuidado com os recursos naturais é um dos pilares, seguido por eles. Esse cuidado se dá por meio das práticas permaculturais. O projeto Escola da Natureza é

responsável pela manutenção e boa parte da criação das estruturas permaculturais de todo o espaço. Com o apoio do projeto, a Comunidade e grande parte de quem reside em Piracanga compartilha dos cuidados com a terra diariamente e a todo instante.

A Comunidade vive a permacultura nos seus princípios, ao praticar o trabalho com o cuidado com a terra e com as pessoas. A ideia de superioridade sobre o mundo natural é ressignificada e os indivíduos participam e contribuem positivamente para que os ciclos

naturais sejam efetivados de maneira orgânica e completa, numa filosofia de trabalho **com** a natureza interna e externa. Dessa forma, o termo permacultura em Piracanga é multifacetado e transpõe os cuidados com a terra, perpassando por uma ecologia profunda da existência humana. A permacultura, sendo um conjunto de éticas, práticas e princípios incrustados no pensamento sistêmico (HOLMGREM 2007; SILVA, 2013), desperta em quem a vivencia uma percepção ecológica profunda da vida, uma nova visão de mundo.

Nessa perspectiva, os ecovilenses percebem o meio natural circundante como parte de si mesmos. O cuidado com a terra transcende o “simples” ato de adubar, plantar, ou construir estruturas permaculturais de reuso de água, por exemplo. O cuidado com a terra, com a água, com os recursos naturais é, portanto, visto como um cuidado consigo mesmo, um mergulho na natureza interna, o que proporciona crescimento espiritual. Essa forma de interação com os recursos naturais, e de praticar a permacultura, se faz presente no dia-a-dia dos ecovilenses e pode ser entendida na fala de Bruno:

Quando você realmente, dentro de você, começa a entrar em contato com a natureza, você vai começar a entender que, na verdade, você tá querendo entender que você quer entrar em contato com a natureza pra entrar em contato com você mesmo. Mas isso é um processo natural. De quem tá indo, realmente, profundo em conexão com o meio ambiente. É uma... uma reação a essa ação de você entrar em contato com a natureza. Vem naturalmente. Mas uma vez que você se propõe a entrar em contato, em comunhão com aquilo que te circunda, você vai ter que entrar em contato com o que circunda dentro de você, então, naturalmente, você vai dar o passo em direção a espiritualidade.

A vida em ecovila e a prática da permacultura transcendem o conhecimento racional, tecnológico e científico que, muitas vezes, é fragmentado e restrito, desprovido de uma visão holística da vida. Capra (2006) diz que a consciência ecológica surgirá quando a intuição natural dos indivíduos se aliar ao pensamento científico e racional. Nesse mesmo pensamento, Mollison e Holmgren (1983, p. 16), dizem que a permacultura luta a favor da evolução de uma “ciência verdadeiramente ecológica em educação e viver”. Os ecovilenses fazem o resgate desse conhecimento ancestral que é holístico, intuitivo, cíclico, orgânico e que quase fora perdido, mas há uma fagulha dentro de nós.

Sobre a permacultura praticada em Piracanga, Juli disse:

Bom... se for falar historicamente, permacultura é um conceito criado na década de 70, por dois australianos, que junta agricultura, planejamento urbano e paisagismo. E ... esse conceito acabou virando um estilo de vida, onde a grande ideia é fazer olhar pra natureza como uma mestra e olhar pros padrões naturais como fonte de inspiração pra sua vida, né? Tentando integrar todas as necessidades do seu cotidiano, de abrigo, de água, de alimento, de energia, de educação que permeia tudo isso, né? Em poucas palavras, é isso. Acabou que com o tempo virou mesmo um estilo de vida onde se busca a sustentabilidade em todos os níveis.

Pude observar que os ecovilenses não apenas praticam, eles **vivem** a permacultura, sendo ela parte da rotina diária dos moradores. Zaida, argentina que mora na Ecovila há dois anos, em entrevista concedida em outubro de 2015, me disse: “Eu acho que a permacultura é um estilo de vida, sabe? Não tem como separar na vida. Eu não trabalho na terra, mas na minha casa eu cuido da água, do banheiro seco, eu tenho energia solar... Não vejo como algo separado. É o entorno.”

Na Inkiri Piracanga, a permacultura surgiu, também, por necessidade, já que quando as terras foram adquiridas, o solo era raso, arenoso e pobre de nutrientes. Era preciso desenvolver alternativas que possibilitassem a convivência com as características locais e, além disso, potencializassem o que era oferecido pela natureza. Desde a posse das terras, há um trabalho intenso de nutrição do solo com técnicas agroflorestais, reaproveitamento de nutrientes dos resíduos orgânicos gerados, através da compostagem, com material recolhido nos banheiros secos e os resíduos gerados nas casas e no restaurante. Hoje, em consequência do trabalho intenso de nutrição do solo, a terra já permite plantas mais exigentes nutricionalmente.

Em uma roda de conversa com Angelina Ataíde, que ocorreu durante o curso de permacultura e bioconstrução que participei em 2015, ela relatou que, ao chegarem às terras que hoje constitui a Ecovila, encontraram apenas vegetações rasteiras, e um solo pobre de nutrientes. Segundo ela, com o trabalho intenso através da permacultura, o assentamento transformou-se numa área verde e de mata exuberante. Apesar de todo o esforço para nutrir a terra, a Ecovila ainda não possui hortas capazes de suprir todas as necessidades alimentares da Ecovila. Mollison e Holmgreen (1983) defendem a ideia de que uma comunidade que é sustentada por uma permacultura diversificada, é mais independente do comércio local e consegue ser autossuficiente de alimentos. Apesar de seguir quase à risca os ensinamentos de Bill Mollison, a Comunidade ainda se considera em desenvolvimento no que diz respeito à produção alimentar (assunto que desenvolverei nas próximas páginas).

Sobre o início das práticas permaculturais na Ecovila, Bruno Tambellini, permacultor e integrante da Comunidade Inkiri, me disse:

Então, permacultura em Piracanga é a forma que a gente encontrou de se reconectar com esse lugar aqui. A forma que a gente encontrou, talvez no começo até por necessidade, a forma como a gente conseguiu sobreviver aqui, porque a gente tá totalmente isolado e no começo não tinha como ter rede de esgoto, não tinha como ter o que precisava para sobreviver. E eu acho que ela entrou aqui, no começo, como necessidade e depois começou a ser trazida como um sonho, como uma vontade de conexão com Deus, uma vontade de conexão com a natureza que tá nos rodeando.

Dessa forma, seguindo os ensinamentos de Bill Mollison, Bruno - que teve a oportunidade de receber os ensinamentos diretamente do pai da permacultura – e outros permacultores e aprendizes, observaram inicialmente o que aquelas terras recém adquiridas, naquele momento, tinham a oferecer e trabalharam em cima desses recursos. A permacultura parte do princípio no qual a observação cuidadosa e interação atenta do espaço proporcionam a inspiração do design permacultural que será utilizado no local (HOLMGREN, 2007).

Pode-se desenvolver uma permacultura complexa em qualquer região; planícies aluviais de rios, colinas rochosas, brejos desertos, regiões alpinas. Não é necessário tentar alterar a paisagem estável para atingir condições particulares, como é feito em sistemas agrícolas simples. Toda paisagem e ecossistema natural ditarão a natureza geral da permacultura que for possível; isto é desejável se o sistema deve ter viabilidade em longo prazo (HOMLGREEN & MOLLISON, 1983, p. 40).

Todas as estruturas permaculturais da Inkiri Piracanga foram pensadas de acordo com as potencialidades e os obstáculos do terreno, sendo os últimos transformados em oportunidades. Como exemplo, os ecovilenses perceberam a grande quantidade de resíduo sólido gerado no assentamento e transformaram, o que seria considerado um problema, em uma solução. Grande parte dos resíduos gerados na Ecovila é transformado em tijolo para a construção de casas: os chamados “tijolos de PET”<sup>74</sup> ou eco tijolos, nos quais o resíduo inorgânico é introduzido dentro de garrafas. As soluções ecológicas são pensadas de acordo com as características locais, as necessidades da comunidade, sempre potencializando habilidades e criatividade. Esse pensamento fica claro na fala de Zaida:

Mas, o que sinto é que é uma prática (permacultura), uma forma, de ver o que a natureza tem para nos oferecer e a gente trabalhar com isso. O que tem aqui? Um solo de areia? O que a gente pode fazer com um solo de areia? A gente tem o mar perto... a gente mora perto da mata... qual a vegetação nativa daqui e o que a gente pode fazer com isso, sabe? A gente escolhe morar num lugar assim, né, próximo à natureza. Então, o que a gente pode fazer para preservar esse espaço e o que a natureza pode nos oferecer para o nosso cotidiano para a nossa realidade de vida. Então, se eu tenho um solo de areia, eu não vou fazer uma superprodução de alface, brócolis, porque não dá. Vou ter que construir uma estrutura para fazer isso ou vou ter que aproveitar o solo e fazer o melhor que eu posso com esse solo. Esse é o ecossistema que eu tenho. O que eu posso fazer com isso sem intervir no ambiente?

A permacultura, assim como tudo que a Comunidade Inkiri desenvolve no assentamento ecológico, está em constante transformação. A capacidade criativa dos ecovilenses de criar espaços e estruturas que potencializam o que a natureza já oferece

---

<sup>74</sup> Em Piracanga, os resíduos inorgânicos são introduzidos dentro de garrafas PET e, também, dentro de embalagens de vidro vazias, como de azeite. Algumas estruturas foram construídas com esses eco tijolos, como banheiros-secos e residências.

transforma e renova toda a Ecovila. Em minha segunda ida à Ecovila, em 2016, pude perceber inúmeras novas estruturas permaculturais construídas e/ou em processo de construção. Sobre o caráter de impermanência do espaço, Bruno disse:

Aqui, numa época, a gente começou a chamar aquilo que a gente faz de “impermacultura”, né? Porque a ideia da permacultura é de uma cultura que seja permanente, né? Uma cultura que seja contínua. Mas, assim como na natureza, a impermanência faz com que tudo esteja evoluindo, tudo esteja mudando. Então, acaba sendo criada uma cultura impermanente porque a evolução do sistema é constante, ele é progressivo com a evolução de cada um, né?

A necessidade de mudanças constantes é, também, consequência da grande quantidade de pessoas residindo e/ou circulando na Ecovila. Manter todas as estruturas permaculturais em uma Ecovila na qual circulam em torno de 300 e até 400 pessoas (nos períodos de alta temporada), segundo Bruno, é um dos maiores desafios vivenciados pelos permacultores locais. O desenho permacultural de um espaço é pensado para que haja “uma entrada mínima de trabalho”, ou seja, menos manutenção possível (MOLLISON & HOLMGREEN, 1983). Num espaço onde circulam um grande número de indivíduos e que, ainda, haja uma variação imprevisível do número de pessoas que chegam à Ecovila, planejar e manter as estruturas é um grande desafio.

Juntando com as pessoas que moram aqui, a gente fala, as vezes, de umas 400 pessoas usando esses tipos de sistemas. Eu não conheço nenhum lugar do mundo que tenha essa escala. Tipo... tem uma ecovila em Portugal, que é a Tamera, que eles têm mais ou menos o mesmo número, assim... Mas eles trabalham mais por períodos. E Piracanga é um lugar que tá sempre cheio! Tá sempre com gente, tá sempre renovando. Então... isso faz com que a coisa seja muito complexa, sabe, de funcionamento? Então a gente tem que desenhar, estruturar os sistemas pra que eles sejam de menor manutenção pra usuário e que essa manutenção ela esteja mais conectada com a gente da Escola da Natureza. Ao contrário do que poderia ser um banheiro convencional numa casa. Num banheiro convencional numa casa quem teria que tomar conta seria a família que tá tomando conta desse banheiro, entendeu? Ou no caso do IPEC, (...) eles têm períodos que tem cursos e têm lá, sei lá... 100 pessoas no momento, sabe? Mas eles têm 100 pessoas no momento e depois ficam muito tempo sem ter ninguém. Então, todos esses sistemas variam muito com esse fator social de quem, de fato, tá usando. (...) Eu posso ter um dia aqui que tem 200 pessoas e num outro tem 50 e no outro tem 200 de novo e no outro 400... Então, é uma variação muito... impossível, eu diria, de planejar. Então, a gente faz o melhor que a gente pode em relação a isso (Bruno Tambellini).

Outro desafio vivenciado pela Comunidade Inkiri é manter os cuidados com a natureza, considerando que há uma grande diversidade de pessoas circulando no assentamento. Como veremos nos próximos tópicos, o lençol freático de Piracanga é raso e os muitos sistemas permaculturais do local funcionam através de reuso de águas, o que implica cuidado redobrado com esse recurso. Sendo assim, o uso de materiais de higiene

convencionais (com substâncias químicas consideradas tóxicas para o solo) é proibido. Angelina Ataíde me falou um pouco sobre esse desafio:

Este é um desafio: viver em um local pequeno com direções muito diversas. Isso é um super desafio. Outro desafio que eu vejo é vivermos em um lugar muito pequeno onde precisamos cuidar muito da natureza e ter pessoas que vivem aqui que não respeitam esses cuidados com a natureza. A água, é pra todos a mesma água. Então, se um põe químicos na água, usa shampoos, por exemplo, põe químicos ou coisas assim, todos vão ser afetados. Talvez esse seja um desafio. Como cuidar da natureza. A falta de respeito que algumas pessoas têm em relação a natureza aqui em Piracanga.

Inkiri Piracanga propõe soluções ecológicas comprometidas com a capacidade de resiliência dos sistemas naturais, dentro de uma permanente visão de reciclagem e respeito à natureza (SANTOS JÚNIOR, 2006). Nessa perspectiva, foi adotado algumas técnicas e soluções – em consonância com os recursos naturais locais disponíveis e as demandas - que fortalecem essa ideia. Vale ressaltar que a comunidade está em constante mudança e, a todo instante, novas ideias e práticas permaculturais vão surgindo. A seguir, algumas soluções ecológicas que pude observar e vivenciar até o momento em que a pesquisa foi realizada.

#### *4.2.2.2 Soluções para energia: o sol como principal recurso*

Como diz Capello (2013), quando o assunto é sustentabilidade, descentralizar parece ser o melhor caminho. A autora diz que ao invés de termos enormes usinas de geração de energia, seria mais sensato mantermos pequenas centrais de produção energética. A permacultura estimula o desenvolvimento de sistemas pequenos, descentralizados e intensivos, quando propõe que os sistemas têm que ser projetados para desempenhar funções em pequenas escalas (HOLMGREN, 2007; MOLLISON, 1994). Nessa perspectiva, toda a energia elétrica da Ecovila de Piracanga provém de placas solares instaladas em todas as residências e espaços de convivência da Ecovila. As estruturas da Ecovila têm total independência em relação à companhia de distribuição e geração de energia do Estado.

Foi importante perceber, em minha ida à Piracanga, as preocupações que os ecovilenses têm em relação aos horários de carregamentos de celulares e *notebooks*. Todos que chegam à Inkiri Piracanga são alertados que se deve carregar os aparelhos eletrônicos nos horários entre doze e quinze horas, pois o sol está a pino durante esses horários. Quando o céu está nublado, as pessoas são alertadas para evitarem acender as luzes e carregar os aparelhos eletrônicos. Percebe-se, dessa forma, uma maior vinculação dos ecovilenses com fatores naturais, característica intrínseca de quem vive em ecovilas.

FIGURA 15 – Placas solares localizadas em uma das residências da Comunidade Inkiri.



Autoria própria – Registro fotográfico de setembro de 2016.

As casas são projetadas para receber a luz do sol no dia e, assim, não há necessidade de iluminação elétrica durante o dia e a tarde. Aproveitar a luz do sol no lugar de lâmpadas fluorescentes e poder, simplesmente, saber se já anoiteceu nos mantém mais atentos aos ritmos naturais que, de uma maneira ou de outra, interferem em nossos biorritmos, segundo Capello (2013). Já Mollison (1994), diz que o bom design permacultural utiliza energias naturais que entram no sistema com aquelas geradas no local - no caso a luz solar - garantindo um ciclo energético completo.

Na Inkiri Piracanga, não há televisores e nem geladeiras, pois são aparelhos eletrônicos que consomem muita energia e, segundo os ecovilenses, não há tanta necessidade do uso deles. Como são, em sua maioria, vegetarianos, não há necessidade de refrigerar

carnes. Frutas e legumes são armazenados em temperatura ambiente. Em relação ao não uso de televisores por parte dos ecovilenses, segundo eles, o uso excessivo condiciona o olhar e leva o indivíduo a uma “perca de tempo”, já que a vida real, palpável é deixada de lado. Segundo Andrey: “Então, eu não vejo televisão há muito tempo e isso significa que eu tenho muito mais tempo pra fazer outras coisas: eu converso mais, leio mais, faço muito mais outras coisas. A televisão rouba muito do nosso tempo.”

Goldstein (2010), em uma passagem de seu livro, discorre sobre suas percepções

quando a televisão chegou à casa de um homem chamado José, que conhecia tudo de plantas, bichos, histórias, e climas. Segundo ela, com a chegada da televisão em sua casa, José passou a ficar mais recluso e os assuntos nos quais ele conversa agora são outros, voltados a programas televisivos, notícias locais, entre outros. Além do grande gasto de energia solar que a televisão iria proporcionar em Piracanga, é por receio que aconteça o mesmo com os ecovilenses que as pessoas não possuem o aparelho eletrônico. Com a falta da televisão, o tempo que seria gasto fazendo o seu uso é direcionado para outros fins mais enriquecedores, como regar as plantas, conhecer e conviver com as pessoas, construir casas, aproveitar a praia, trocar experiências, entre uma infinidade de prazeres.

#### *4.2.2.3 Água e Esgoto: incluindo-se nos ciclos naturais*

Em relação ao uso da água, os moradores da Ecovila Piracanga escolheram ficar fora do tratamento e abastecimento convencional de esgoto e água. O assentamento é abastecido pelas suas águas subterrâneas que, segundo Maíra Ortiz<sup>75</sup>, é uma água pura que pode ser tomada direto da torneira. Piracanga honra essa dádiva divina, considerada por eles, de ter uma água pura, pronta para o consumo humano a 4 metros de profundidade do solo, através do biotratamento dos seus efluentes.

Segundo Bruno, a ideia de terem seus meios de tratamento e reuso das águas vem da intenção de se responsabilizarem por tudo aquilo que é gerado por eles. A Ecovila possui sistemas de tratamento e reuso de águas cinza e negras, como o círculo de bananeiras, o tanque de evapotranspiração e banheiro compostável (ou banheiro seco). Grande parte dos banheiros da Ecovila não utilizam água na descarga, o que proporciona uma enorme economia desse recurso e não gera nenhuma contaminação na água ou no solo. Apenas alguns banheiros utilizam água, como algumas casas da ecovila. Nesses banheiros, a água é tratada e reutilizada para nutrir bananeiras, através do tanque de evapotranspiração.

Maíra me assegurou que num futuro próximo, nenhum banheiro do assentamento utilizará água nas descargas sanitárias. Segundo ela, os banheiros que não utilizam água nos sanitários possuem mais vantagens, pois não há gasto de água e as fezes são posteriormente, após desinfecção, aproveitadas na adubação do solo.

As águas cinza possuem técnicas de tratamento diferenciadas das águas negras. No círculo de bananeiras, as águas cinza, provenientes de cozinhas, lavanderias, chuveiros e

---

<sup>75</sup> Maíra é permacultora, integrante da Comunidade Inkiri e facilitadora de cursos do projeto Escola da Natureza. É uma das mais antigas moradoras da Inkiri Piracanga.

torneiras são direcionadas para uma vala que, segundo Bruno, deve ser preenchida com barro para dificultar a lixiviação pela água da chuva, já que o solo de Piracanga é muito arenoso. Dentro do barro são depositadas camadas de madeira e palha ou pedra para criar uma micro-vida e tratar a água, que é encaminhada para as bananeiras plantadas acima da vala. No final do processo, ainda há produção de bananas para a comunidade. Segundo Pierre Leroux, citado por Silva (2013, p. 226), “o indivíduo é tanto consumidor como produtor e o resíduo gerado por ele pode ser usado para produzir o alimento que o mantém vivo.”

Há, portanto, uma preocupação por parte das pessoas que vivem em Inkiri Piracanga, e até mesmo participantes de cursos e turistas, com a forma de utilização da água, pois a comunidade sabe exatamente o destino dessa água que é utilizada. Zaida relata bem essa preocupação em uma conversa informal:

O que eu posso fazer com isso sem intervir no ambiente? Então a gente sabe que usando produtos químicos que são jogados na água... lavando roupa, por exemplo, a gente sabe que essa é a mesma água que vamos tomar depois. O que a gente pode fazer para não tomar esse produto químico que estou usando, para não lavar minha louça. Então a gente vai buscando alternativas de vida sustentáveis para termos esse estilo de vida que queremos ter. [...] Então, o que podemos fazer com isso? Usar produtos sem químicos... a roupa não vai ficar igual, sabe? Mas eu escolhi morar na natureza. Não temos aquele conforto, né, que temos na cidade.

Já o banheiro seco, é “baseado no princípio do fechamento do ciclo entre o tratamento de esgoto doméstico e agricultura” (SILVA, 2013, p. 226). Nesse tipo de tecnologia, não há uso de água na descarga, dando lugar à forragens e/ou cinzas, que tem a função de retirar o excesso de umidade e proporcionar o equilíbrio entre carbono e nitrogênio, necessário para o processo de decomposição (SABINO *et al.*, 2008). Todo o material coletado no banheiro, após aproximadamente seis meses, transforma-se – com a ajuda de microrganismos – em compostos para fertilizar o solo da Ecovila.

A maioria dos banheiros secos do assentamento possuem duas câmaras, com duas bacias sanitárias, ambas com dois reservatórios (com alguns metros de profundidade) onde o resíduo sólido humano, junto com as ferragens e papel higiênico, fica depositado. “No modelo com duas câmaras a cabine com os vasos sanitários está acima das câmaras de compostagem” (SÁ, 2011, p. 24). Apenas um dos reservatórios é disponível para uso. Após o período de 6 a 8 meses, ou quando o reservatório estiver cheio, uma das bacias sanitárias é fechada durante aproximadamente 6 meses e, só então, inicia-se o uso do outro reservatório.

FIGURA 16 – Banheiro seco com dois compartimentos.



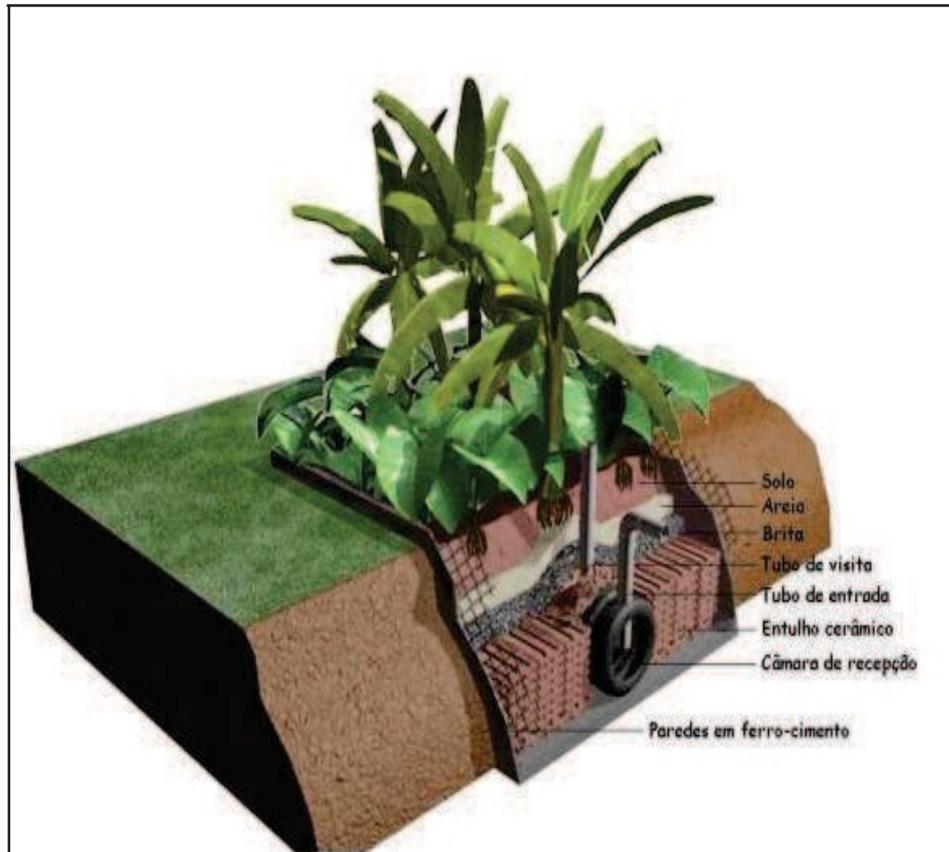
Autoria própria - Registro fotográfico de setembro de 2016.

Segundo Silva (2013), se bem manejado, o banheiro seco traz algumas vantagens como: economia de água, redução dos riscos de doenças associadas à falta de tratamento de dejetos, a não contaminação das águas subterrâneas, rios e mares e a incorporação das fezes humanas aos processos produtivos, fertilizando o solo.

O tanque de evapotranspiração, ou “TEVap”, é uma tecnologia de tratamento e reuso de águas negras, provenientes dos vasos sanitários que consiste em um taque impermeabilizado e dimensionado de acordo com o número de indivíduos na casa. O tanque é preenchido com diferentes camadas de substratos – que são para a eliminação de patógenos presentes nas fezes – que podem ser pneus, brita, areia, tijolo e/ou barro. De acordo com Galbiati (2009) baseando-se em Mandai (2006) e Pamplona e Venturi (2004), o efluente, primeiramente, entra pela câmara de recepção que constitui uma série de pneus alinhados

formando um tubo, permeando, em seguida, pelas diferentes camadas de material cerâmico e pedras. A digestão anaeróbia do esgoto acontece na câmara de recepção e nas camadas de material cerâmico, colonizadas por bactérias. À medida que o volume de esgoto aumenta no tanque, o resíduo líquido preenche, também, as camadas superiores de areia e brita, até, por fim atingir a camada de solo, onde se move por ascensão capilar até a superfície e serve de alimento para as bananeiras.

FIGURA 17 – Corte esquemático do Tanque de Evapotranspiração



FONTE: Galbiati, 2009

Vale lembrar que é proibido o uso de material de limpeza e de higiene pessoal convencionais em Piracanga, pois polui o solo e torna os sistemas de tratamento e reuso de águas ineficientes, pois essas águas negras e cinzas serão posteriormente utilizadas. É permitido apenas o uso de produtos biodegradáveis, e isso inclui protetor solar, perfumes e hidratantes.

Percebe-se que os moradores da Inkiri Piracanga estão fora dos padrões de consumo e produção hegemônicos, atuando numa lógica diferenciada do modo capitalista, pois eles sabem o destino que terá a água e o lixo descartado por eles, por exemplo. Nessa mesma perspectiva é feito o gerenciamento de resíduos sólidos na Ecovila.

#### 4.2.2.4 Resíduos Sólidos: reciclar reusar e reduzir

A gestão do resíduo sólido gerado em todo o espaço da Comunidade Inkiri é feita pelo projeto Escola da Natureza, sendo ele o responsável, dentro do âmbito dos resíduos

sólidos, por ressignificar o resíduo inorgânico e auxiliar os moradores e visitantes quanto ao descarte do lixo, alertando-os como deve ser feita a reciclagem. Além disso, cada morador e visitante procura consumir produtos com embalagens reutilizáveis ou biodegradáveis e produzir o mínimo possível de lixo para que, o que realmente não for possível reutilizar, seja encaminhado para a usina de reciclagem ou para o aterro sanitário em Itacaré. Como a reciclagem do lixo gerado pela Inkiri Piracanga é uma responsabilidade coletiva, a maioria dos moradores pagam uma taxa mínima de 5 reais por mês para a gestão dos seus resíduos. Nem todos os moradores da Ecovila utilizam o serviço de reciclagem do projeto Escola da Natureza.

Grande parte do lixo gerado é reaproveitado pelos ecovilenses através da reciclagem desses resíduos. A Comunidade possui um centro de coleta seletiva onde o resíduo é separado em plástico duro, plástico mole, metal, vidro, embalagem tetra pack, papelão, papel, vidro quebrado, papel higiênico e não reciclável. Com muita criatividade dos integrantes da Comunidade Inkiri e moradores que compartilham do “Sonho Inkiri”, esse material ganha outras funções depois de serem descartados.

FIGURA 18 – Centro de coleta seletiva da Comunidade Inkiri de Piracanga



Autoria própria – Registro fotográfico de outubro de 2015.

Em 2015, Raphaela Prado, que era responsável pela gestão dos resíduos sólidos até então, informou que aproximadamente 70% do lixo reciclável era ressignificado pelos ecovilenses. Já em setembro de 2016, Maria Rebel indicou alguns números que mostram que esse volume diminuiu. Segundo ela, em um período que corresponde a 11 de julho a 12 agosto - que é um dos períodos nos quais a Ecovila está recebendo mais pessoas – o assentamento gerou 995 kg e 820 gramas de resíduo, ou quase uma tonelada de resíduo

reciclável e não reciclável. Desse número, 34% de lixo não reciclável foi enviado para um lixão em Itacaré. Ou seja, 66% foi reciclado. Dos 995 kg de resíduo, 220 kg e 800 gramas são referentes ao total gerado pelo Centro Inkiri (hospedagem, restaurante, cabanas, recepção, transportes, etc.).

Como exemplos de reutilização dos resíduos sólidos: as garrafas de azeite vazias são utilizadas no canteiro de plantas; as garrafas de óleo ou álcool, consideradas plástico duro, são reutilizadas nas embalagens dos produtos biodegradáveis da “Plante!”<sup>76</sup> ou, também, como vasos de plantas; os metais, como latas de extrato de tomate ou ervilha, são utilizados como porta lápis; o papel e papelão são usados na agrofloresta ou na compostagem, assim como o papel higiênico. Parte do plástico mole é usado na fabricação de sofás e almofadas. Parte do lixo não reciclável também é usado na construção de casas e banheiros secos através dos tijolos de garrafas PET, no qual o resíduo é introduzido nas garrafas. Dessa forma, seguindo os princípios permaculturais, os ecovilenses transformam desvantagens (geração de resíduo sólido não-reciclável) em oportunidades.

FIGURA 19 – Construções feitas de tijolos de garrafas PET



Autoria própria - Registro fotográfico de setembro de 2016.

Como diz Jackson (2013), o espírito criativo – que é uma característica intrínseca

<sup>76</sup> Loja de produtos biodegradáveis, de higiene pessoal, localizada dentro da Ecovila.

dos moradores de Piracanga, quando dão outros significados aos resíduos gerados – pode enriquecer e enriquece suas vidas. “Quando a gente recicla, a gente olha além da forma”, como diz Raphaela. Sendo assim, a comunidade ressignifica o resíduo produzido por eles e estimula suas criatividade, indo contra os padrões de consumo da sociedade moderna, que descarta o lixo e desconhece – e não há interesse em saber - o seu destino final. Sobre o ato de descartar o lixo, Raphaela, numa vivência sobre reciclagem, disse:

A gente com toda mobilidade que o ser humano alcançou hoje, a gente se tornou viciado em descartar. A gente é viciado em não querer mais. A gente é viciado em começar e não terminar. Porque toda vez que compra um chocolate, se deleita de prazer comendo ele, digere ele, defeca ele, manda pra água e joga a embalagem na lixeira que vai pra não sei aonde, você tá, com isso, perdendo a oportunidade de encerrar o seu ciclo. O teu ciclo tá ficando aberto e a tua energia tá dispersa. Você diz: “Isso (o lixo) eu não sei lidar! Tchau!”

A parcela de resíduos que eles não conseguem reutilizar é direcionada para usinas de reciclagem localizadas em Itacaré. Segundo Raphaela, em 2015, a Inkiri Piracanga gerava, em média, 30 sacos de lixo não recicláveis por mês que são direcionados para o aterro sanitário de Itacaré. Esse número, considerado muito pequeno para os padrões do meio urbano, tende a diminuir com a realização de vivências e palestras de educação ambiental com os moradores, segundo Raphaela.

FIGURA 20 – Reciclagem em Piracanga.



FONTE: Face book

Ainda há consumo de produtos com embalagens não recicláveis na Ecovila, apesar desse número estar diminuindo, como contou Raphaela. Em uma conversa informal, Maria Rebel expressa sua preocupação no que diz respeito à geração de resíduo sólido por

parte das pessoas que vão fazer cursos. Segundo ela:

A gente recebe muita coisa de fora. Recebemos muito das pessoas que vêm. Falta muita gente se estruturar e colocar energia e olhar para isso, pra tudo que as pessoas trazem pra cá e ver o que a gente pode fazer, como melhorar a estrutura de material de conscientização e informação sobre os resíduos aqui. Na hospedagem, nas cabanas, por *e-mail*. Antes das pessoas virem, as pessoas precisam saber como acontece a gestão do resíduo aqui. Melhorar o sistema de informação. É importante buscar novas alternativas, mais coletivas, como substituir as embalagens de óleo por tonel, tentar usar o verso dos papéis...

Apesar disso, percebe-se o esforço dos ecovilenses de tornar o consumo um ato consciente. Eles se questionam se há necessidade, de fato, daquele produto, onde e como deverá ser usada a embalagem da mercadoria após seu uso, de onde veio, quem a fabricou. Essa procura pelo entendimento mais profundo do ato de consumir pode evitar o “anestesiamento de corpos”, como disse Roysen (2013). Segundo a autora, o ato de consumir faz com que o indivíduo deixe de perceber e interagir com o mundo e as pessoas que o cercam, interferindo numa percepção mais profunda da vida. Bauman (1999, p. 89) diz que o maior dilema da sociedade contemporânea é se “é necessário consumir para viver ou se o homem vive para poder consumir.” Enquanto procuramos satisfazer necessidades criadas a todo instante através do consumo desenfreado, a Terra sinaliza o esgotamento de seus recursos.

A gente escolhe – diz Raphaela. Tá na nossa mão enquanto humanidade. A terra tá aí. Tipo... ela não vai se desmaterializar porque a gente tá jogando lixo na rua. Ela tá engolindo, ela tá transformando. Mas todos os sinais que ela tá dando pra gente são: ‘Cara, isso eu não dou conta, isso é teu. Eu não dou conta de engolir plástico. Pra mim é muito’. É que nem a gente tá sufocada, né? Eu vim da cidade sufocada. A gente tá sufocado de não dar conta de si.

Se já temos o conhecimento e até sentimos, no decorrer dos dias, os sinais de exaustão que a Terra demonstra, por que continuamos a consumir como se nada estivesse acontecendo ao nosso redor? Estamos esperando por quem possa “nos salvar”? Bauman (1999) diz que para seduzir os consumidores, o mercado precisa que eles *queiram* ser seduzidos.

A gente tá vendo aqui em Piracanga que a gente tem escolha sim e a principal escolha, onde mora? Na gestão dos nossos resíduos. Onde começa a gestão dos nossos resíduos? Começa na gestão dos nossos hábitos. A gente se empoderar do nosso poder de escolha. A gente entra no supermercado e compra um monte de comida plastificada porque a gente quer. Não é porque ninguém tá obrigando a gente. A gente sabe que o sistema não é o vilão do mundo e que a mídia vem e bate na sua porta e diz: ‘Compra!’. Se é tóxico pra terra, pra gente, que também é terra, também não é legal, né? [...] A gente tá se envenenando das nossas próprias escolhas. É a gente ter a consciência de que a gente escolhe tudo. Eu escolho sentir raiva e eu me faço responsável por essa raiva que eu sinto (Raphaela).

Eu não tinha muita consciência, sabe? O que se faz com a água, para onde vai. E eu não tinha muita consciência porque eu morava na cidade. E eu entendo que as pessoas na cidade não fazem ideia pra onde vão o lixo, porque passa o caminhão do lixo, pega o lixo e vai embora. Mas, quando você vê o lixo que você produz e percebe que você é responsável por esse lixo, você, automaticamente, começa a perceber, entende? Porque aqui não tem ninguém que vai pegar o seu lixo. Não vai existir uma pessoa que vai chegar na sua casa e dizer: 'Ah, Camilla, vou jogar fora seu lixo'. O lixo não é jogado fora. Ele vai ser jogado em algum lugar. Então você não vê. Isso acontece com muitas pessoas e acontecia comigo. Como eu não via, eu não sabia o que estava acontecendo. Tem muitas pessoas que jogam um papel no chão e não se preocupam com aquilo, pois não vão mais passar no local e não irão mais ver o papel no chão. Mas aqui, você nunca vai ver um plástico jogado no chão. E se você vir, automaticamente você pega e direciona para jogar em algum lugar. Sinto que esse lugar trouxe, para mim, muita consciência de uma vez só, muita consciência junta e eu comecei a ver, sabe? Porque eu não via o que estava acontecendo. E também sinto que é muita disposição da pessoa. Muita vontade da pessoa de querer mudar as coisas, de querer que alguma coisa aconteça. Tem que passar por você. Se para você é verdadeiro, você pode fazer o seu trabalho. Se você não está nem aí e quer jogar tudo fora, não adianta permacultura nenhuma. Quando você ver tudo que pode fazer com o lixo, você fica muito impactado. Mas eu sinto que, no meu caso, era muita falta de conhecimento, de consciência, sabe? (Zaida)

Repensar os hábitos de consumo, ressignificar o lixo produzido por eles mesmos, separar de acordo com suas características, e reciclar são atividades rotineiras que os ecovilenses as consideram como práticas de desenvolvimento espiritual. Tornar cognoscível o que geralmente está oculto - ao terem conhecimento para onde os resíduos produzidos por eles estão indo - é uma atividade rotineira que resvala no âmbito espiritual de cada um. Significa, para eles, o reconhecimento dos seus potenciais de cura e transformação enquanto seres integrantes dos ciclos naturais. Ao reutilizarem os resíduos gerados (sólidos e líquidos), eles encerram seus ciclos naturais e veem isso como uma possibilidade de autoconhecimento interno quando comparam os processos da natureza com suas histórias de vida. Portanto, se consideram natureza e, assim como os processos naturais, passíveis de serem transformados, transmutados.

Sobre sua experiência na Escola da Natureza como a responsável pela gestão dos resíduos sólidos, Raphaela, revela que:

Pra mim, eu vejo, na minha experiência pessoal, o meu desafio com a criação sempre cai na energia dispersa. Eu começo e não termino. Eu começo a costurar alguma coisa e não termino. É difícil encerrar o ciclo. Pra mim é muito difícil encerrar o ciclo! E eu sei que essa história tá caindo na minha vida pra eu conseguir fechar o ciclo. Bora lá! Vamos assumir! Tem um monte de energia dispersa estagnada. E aí, o que vamos fazer? Vamos criar a solução<sup>77</sup>.

---

<sup>77</sup> Depoimento oferecido por Raphaela numa vivência facilitada por ela na qual foi relatado para todo o grupo participante do curso de permacultura e bioconstrução, como se dava a gestão de resíduos sólidos em Piracanga.

Quanto ao resíduo orgânico, os ecovilenses - em especial os integrantes do projeto Escola da Natureza – o transforma em adubo para o enriquecimento nutricional do solo no Centro de Compostagem. Há produção de composto orgânico em larga escala - em consequência da grande quantidade de pessoas – e em curto período de tempo por conta da temperatura do local. Em lugares quentes, a compostagem acontece de forma mais rápida e eficiente. Segundo Maíra, na Ecovila, a compostagem completa acontece em 3 semanas, enquanto que em lugares mais frios, a produção de composto pode durar até 6 meses.

FIGURA 21 – Centro de compostagem.



Autoria própria - Registro fotográfico de setembro de 2016.

#### 4.2.2.5 Alimentos: fortalecendo o solo e o desenvolvimento local sustentável

Diferentemente do que propõe outras ecovilas quanto à autossuficiência no que diz respeito à produção de alimentos, a Inkiri Piracanga depende de feiras semanais para o seu abastecimento alimentar. Capello (2013) diz que dificilmente uma ecovila será consolidada se não puder se dedicar à agricultura orgânica, mirando na autossuficiência alimentar. Mollison (1994) diz que os assentamentos deveriam sempre incluir a ideia da provisão total de alimentos.

Em decorrência da salinidade e pobreza de nutrientes do solo, a manutenção de hortas é uma difícil realidade na Ecovila. Bruno contou alguns motivos da ausência de hortas:

É uma série de fatores que faz com que a gente não tenha horta. O primeiro fator é que, até esse momento presente, não chegou ninguém que realmente quisesse colocar energia pra fazer isso. Então, o fato da gente não ter horta se dá muito

porque nunca chegou uma pessoa que realmente fosse dedicar a vida dele a fazer horta nesse tipo de clima. Ter horta aqui é possível, mas, dentro de uma perspectiva, é você ir contra o ecossistema natural daqui. Porque a gente tá num ambiente de Mata Atlântica, de floresta. Então, o solo funciona predominantemente pra criar árvores, pra criar florestas e, ao contrário de muitos lugares, a gente tá rodeado por essa floresta, então, é um solo rico em fungos. Então, a gente ter horta aqui é, de certa forma, ir um pouco contra o que a natureza tá trabalhando pra fazer.

Portanto, apesar de muitos ecovilenses aspirarem à implantação de hortas nos seus quintais, na perspectiva permacultural, essa ideia vai contra o que o ecossistema local está oferecendo. A Comunidade, dessa forma, prioriza o design do espaço. O princípio de não ir contra o que a natureza local está oferecendo e priorizar o design do espaço é dito por

Mollison (1994), sendo um dos principais princípios da permacultura. De acordo com os autores, a forma mais sustentável ecologicamente de iniciar um design permacultural em qualquer espaço é perguntar: “O que esta terra tem para me oferecer?” ao invés de “o que posso fazer para produzir?” A segunda opção pode levar a uma exploração da terra e não leva em conta as consequências do seu uso em longo prazo.

Pode-se desenvolver uma permacultura complexa em qualquer tipo de região; planícies aluviais de rios, colinas rochosas, brejos, desertos, regiões alpinas. Não é necessário alterar a paisagem estável para atingir condições particulares, como é feito em sistemas agrícolas simples. Toda paisagem e ecossistema natural ditarão a natureza geral da permacultura que for possível; isto é desejável se o sistema deve ter viabilidade ao longo prazo (MOLLISON & HOLMGREN, 1981, p. 40).

O cultivo de grandes hortas exigiria um esforço e cuidado constantes, como disse Bruno, uma dedicação total. O cultivo poderia demorar anos, até décadas para atingir sua produção máxima. Mollison & Holmgren (1983) lembram que planejar um sistema permacultural de acordo com a imagem de um “produto acabado” é contra-producente e não faz sentido.

Essa situação, na qual poderia ser vista como uma desvantagem, foi encarada como uma oportunidade. Encarando como desvantagem, como diz Mollison (1994), o caminho para tornar aquele sistema vantajoso pode ser mais dispendioso energeticamente. Encarando como vantagem e usando a criatividade é possível descobrir uma “saída”, ou melhor, uma solução que beneficie todas as partes. Nessa perspectiva, os moradores da Comunidade escolheram incentivar a agricultura familiar das populações do entorno quando optaram por convocar os produtores locais para a realização das feiras semanais que acontecem em Piracanga. Dessa forma, os ecovilenses encontraram a solução para a ausência de hortas, valorizando a economia local. Segundo Bruno:

Então, hoje, nesse momento, o que a gente tem como solução, é trabalhar a sustentabilidade não só como um local, mas... por exemplo, todas as nossas folhas verdes chegam de um lugar próximo, como exemplo, no Caubi, que é onde a maioria dos trabalhadores que não moram em Piracanga vem trabalhar. Então, a população local produz o que a gente precisa pra trazer pra cá. Então, aí a gente começa a fortalecer e expandir uma economia que não é só interna.

Com a realização das feiras de produtores locais, os ecovilenses têm o conhecimento da procedência do alimento, diferentemente do que acontece se as compras fossem realizadas em supermercados, onde, segundo Goldstein (2010), quase tudo é embalado ou contém conservantes, pesticidas ou são de culturas transgênicas. A autora também faz referência ao

exorbitante gasto de combustível fóssil, pois quase todos os produtos vendidos em supermercados vêm de muito longe. Na Inkiri Piracanga, há gasto de combustível para a realização das feiras, pois os alimentos chegam em carros e caminhões. Porém, o consumo de combustível não é tão intenso, pois os alimentos vêm de uma localidade bem próxima à Ecovila.

As feiras acontecem duas vezes por semana e movimentam todo o espaço da Ecovila. É um momento de encontro entre os moradores, participantes de cursos e agricultores locais, assemelhando-se a uma celebração. As crianças moradoras de Piracanga brincam com os filhos dos agricultores, os participantes dos diferentes projetos da Comunidade trocam experiências, os produtores trocam saberes com os permacultores, as pessoas compram os produtos, se alimentam, interagem.

Além de frutas e vegetais são vendidos sucos, bolos, tapiocas, doces, artesanatos, todos feitos por moradores do entorno. As embalagens do suco vendido na feira são retornáveis, ou seja, o indivíduo consome e devolve para o comerciante para serem reaproveitadas ou os próprios ecovilenses as reutilizam.

Os moradores possuem pequenas produções de ervas e temperos que incrementam a alimentação de quem está no assentamento. Dentre esses cultivos estão: alecrim, cebolinha, hortelã, louro, manjeriço, menta, orégano, pimentas, salsa, sálvia, malva, entre outros.

Os integrantes do projeto Escola da Natureza e, também, voluntários, cultivam plantas nativas e frutíferas, visando o surgimento do que eles chamam de “floresta de alimentos”, que corresponde a um sistema agroflorestal. Além de produzir alimentos, esse sistema fertiliza o solo, que no caso de Piracanga, é originalmente pobre de nutrientes.

O projeto conta com um “berçário florestal” de mudas dessas plantas e, depois de seus crescimentos, elas são plantadas na mata. Em minha última ida à Ecovila, em setembro

de 2016, os primeiros frutos da floresta já estavam sendo colhidos. Entre a diversidade de plantas, estão: cacau, cupuaçu, maracujá, abóbora, pitanga, graviola, laranja, limão e jenipapo.

FIGURA 22 – Berçário Florestal



Autoria própria - Registro fotográfico de setembro de 2016.

Outra fonte de alimentos são as Plantas Alimentícias Não Convencionais, chamadas de PANC's, que possuem uma grande importância na Ecovila. Esse termo, segundo Erice (2001), foi utilizado pela primeira vez por Kinupp (2007), referindo-se a plantas comestíveis que não são conhecidas pelo público consumidor. As PANC's, muitas vezes consideradas daninhas ou invasoras, são um rico complemento alimentar e podem ser consideradas fonte de renda adicional (KINUPP, 2007). O autor destaca a falta de aceitabilidade da população e de conhecimento diante desses vegetais que tem grandes potenciais de enriquecer nutricionalmente nossas dietas.

Numa caminhada com alguns participantes da vivência de permacultura na qual participei em 2015 e, também, em 2016, Juli – entendedora de PANC'S - fez um breve mapeamento botânico de plantas alimentícias não convencionais em alguns espaços da Comunidade. Enquanto ela explicava as propriedades das plantas, colhemos algumas delas. São dezenas de espécies dessas plantas em Piracanga. Ao final da vivência, fizemos uma variedade de saladas com os vegetais colhidos e constatamos, numa reunião com o grupo, **como** desperdiçamos a oportunidade de experimentar diferentes sabores por falta de conhecimento e de iniciativa em pesquisar mais sobre os benefícios e potencialidades das plantas. Esse desconhecimento se dá porque, segundo Kinupp (2007), a história da

alimentação humana sofreu, e sofre, influência da mídia, dos interesses econômicos e de leis de mercados. “Sendo assim, o homem acabou optando pela especialização ao invés da diversificação alimentar” (KINUPP, 2007, p. 7).

Há grande interesse por parte das pessoas da Inkiri Piracanga em descobrir as potencialidades que a terra oferece e as inúmeras possibilidades de uso do solo e consumo do que lhes são oferecidos, sempre respeitando os ciclos naturais. Dessa maneira, os ecovilenses procuram ultrapassar as barreiras fincadas pelo sistema agropecuário hegemônico.

#### *4.2.2.6 Habitação: a casa que abriga o sonhador*

As construções foram o que mais me chamou atenção ao chegar na Ecovila de Piracanga, pelas suas belezas e singularidades. Algumas são circulares, outras feitas de barro, outras de madeira ou de tijolos ecológicos. São construções que exalam criatividade. São coloridas, ventiladas, próprias para dias de descanso e harmonia com a natureza daquele lugar. O meu deslumbramento inicial se deu porque vim de um centro urbano no qual a arquitetura é muito uniforme, pobre de cores e que não nos aguça os sentidos. David Harvey diz que o projeto urbano é dominado pela “ficção, fragmentação, colagem e ecletismo, todos num sentido de efemeridade e caos” (HARVEY, 1992, p. 96). O meio urbano e suas construções sem vida reforçam a visão simplista e uniforme com suas “formas superpostas”, como diz Harvey (1992).

As construções no assentamento redirecionam, como diz Pallasmaa (2011), nossa consciência para o mundo, fazendo com que nos sintamos como seres espiritualizados e corpóreos. O autor lembra que é essa a grande missão da arte.

Em algumas casas, são resgatadas técnicas ancestrais de construção, como quando a terra era amassada com os pés para preparar tijolos, segundo Lengen (2008), autor do livro *Manual do Arquiteto Descalço*. Em todas as estruturas são utilizados materiais naturais, como madeira, tinta feita de terra, barro, pedras e outros.

A superficialidade da construção padrão de hoje é reforçada por um senso enfraquecido de materialidade. Os materiais naturais – pedra, tijolo e madeira – deixam que nossa visão penetre em suas superfícies e permitem que nos convençamos da veracidade da matéria. Os materiais naturais expressam sua idade e história, além de nos contar suas origens e seu histórico de uso pelos humanos (PALLASMAA, 2011, p. 30).

Construções feitas de terra fazem parte da cultura popular pela facilidade de construir, pelo baixo custo e por utilizar os recursos do próprio ambiente, como madeira e

terra (SILVA & CARVALHO, 2007). Segundo os mesmos autores, muitas edificações desse tipo foram executadas até o final do século passado, porém, perderam espaço para materiais de construção industrializados como ferro, vidro e cimento que demonstram serem insustentáveis ecologicamente. Na Inkiri Piracanga, a maioria das construções ainda são feitas de tijolos e cimento oriundos da indústria da construção civil. Sobre essa realidade, Bruno Tambellini argumentou:

Não, o que aconteceu foi que... muita coisa foi construída no início porque... Foi assim: primeiro, foi formada uma equipe aqui que trabalhava com construção convencional. Tijolo, eucalipto, toda essa coisa. E durante esses doze anos e até há pouco tempo atrás, essa equipe teve construindo grande parte das coisas aqui em Piracanga. E a parte disso, chegaram algumas equipes de bioconstrução pra trabalhar aqui. Essa equipe de bioconstrução que tá agora é a terceira equipe de bioconstrução que tá passando por Piracanga. Então, sempre teve vários trabalhos em conjunto, assim, de certa forma, sabe? Tipo, uns trabalhando com bioconstrução, uns com construção convencional. Então, teve sempre muita diversidade em nível de construção aqui.

O eucalipto é uma madeira bastante utilizada nas construções da Inkiri Piracanga, apesar de ser uma espécie exótica, e de estar em meio a grandes controvérsias quanto ao seu uso e seus impactos no meio ambiente (VITAL, 2007). O autor diz que, de modo geral, os efeitos sobre o solo (empobrecimento e erosão), a água (impacto sobre a umidade do solo, aquíferos e lençóis freáticos) e a baixa biodiversidade observada em monoculturas são alguns dos aspectos mais criticados entre os ambientalistas. Sendo um dos princípios da permacultura a observação atenta do espaço e o planejamento do sistema permacultural visando a autossuficiência (HOLMGREEN, 2007), Bruno esclareceu que, atualmente, o uso de madeiras locais para as construções da Inkiri Piracanga é impossível.

(...) em todos os lugares que eu passei, em que eu tive, a bioconstrução, ela nada mais era que voltar às origens da construção do próprio lugar, né? E aqui em Piracanga, hoje, no momento em que a gente vive, isso é impossível. Porque, o que acontece é que, apesar da gente utilizar alguma dessa matéria, a bioconstrução aqui era feita com madeira e piaçava, né? A piaçava a gente continuou utilizando e a gente continuou utilizando a madeira, mas é eucalipto, que é uma madeira natural da Austrália, não é natural daqui. Porque toda madeira que é natural daqui ela foi devastada. E é proibido você tirar essa madeira, hoje em dia, pra construção, né? Ninguém vai lá na mata cortar uma árvore como os índios faziam porque tudo isso aqui era uma grande mata e eles não tinham... o manejo da floresta deles era bem diferente do da sociedade que a gente vive agora. Então, essa bioconstrução antiga, essa origem da bioconstrução aqui, nesse lugar de praia, ela não existe mais.

Numa tentativa de reestruturar o local, resgatando esse recurso natural que fora perdido, os permacultores engajados no projeto Escola da Natureza estão se organizando para

criar sistemas agroflorestais de grandes proporções para a produção de madeira de construção, que será utilizada na Ecovila. Segundo Bruno, há cerca de 200 mudas de bambu plantadas, visando a utilização desse recurso, também, para a bioconstrução. Além disso, os permacultores intercalam as construções convencionais do assentamento com técnicas de bioconstrução. Sobre essa prática:

Baseadas nestas “formas ancestrais” de habitar o espaço, a bioconstrução não se reduz a uma simples imitação. Trata-se de um saber-fazer contemporâneo híbrido que busca absorver as técnicas e práticas habitacionais tradicionais e incrementá-las com o conhecimento, tecnologia e materiais que se têm à disposição hoje em dia, criando uma nova forma de expressão arquitetônica, cuja estética característica distingue a paisagem criada no atual momento da geografia histórica das contraculturas espaciais (SILVA, 2013, p. 236).

Apesar do uso de materiais do modelo industrial de construção hegemônico, atualmente, os ecovilenses procuram adotar bioconstrução como forma principal - e artesanal - de fazer arquitetura. Algumas habitações e estruturas, como os banheiros secos, são construídas a partir dessa perspectiva. Adobe, superadobe, taipa e tijolos de garrafa PET, são alguns tipos de materiais da bioconstrução que a Ecovila adotou.

FIGURA 23 – Banheiro seco construído com taipa e tijolos de garrafas PET



Autoria própria - Registro fotográfico de setembro de 2016.

O adobe consiste em um tijolo feito de barro e palha (fibra vegetal). Para a produção desse tipo de tijolo, é necessário amassar a mistura (barro, água e palha) com os pés, até formar uma massa homogênea. Depois que é feita a mistura, o material é posto em formas de madeira, que devem ser umedecidas para que a terra não grude na madeira (CARNEIRO, 2013). Não é necessário queimar com fogo os tijolos, como é feito com o tijolo cerâmico.

Nessa técnica, os tijolos são secados ao sol durante 10 dias (Ibidem, 2013). Segundo a autora, esse material tem uma boa capacidade de regulação térmica, permeabilidade, com grandes potencialidades para o conforto ambiental.

O superadobe, técnica criada pelo iraniano Nader Khalili, utiliza sacos contendo terra de qualquer qualidade – para a produção dos tijolos ecológicos. Nessa técnica, a terra, contida nos sacos, é comprimida por pilões – com a finalidade de não deixar espaços com ar dentro dos sacos – formando grandes e resistentes tijolos. As construções com superadobe costumam ter formato arredondado.

A taipa ou pau-a-pique, bastante utilizada nas construções da Comunidade Inkiri, é uma técnica ancestral de construção, muito usada no meio rural. Consiste em uma “ossatura” de madeira, bambu, galhos de árvores ou garrafas PET (no caso da Inkiri Piracanga), com seus espaços preenchidos com uma mistura de barro, palha, esterco e água (CARNEIRO, 2013). Nas construções da Inkiri Piracanga, o acabamento dessa e outras técnicas de bioconstrução é feito com tinta de terra crua.

FIGURA 24 – Construção sendo realizada com taipa



Autoria própria - Registro fotográfico de setembro de 2016.

Muitas estruturas também são feitas de tijolos de garrafas PET. Dentro das garrafas, que também podem ser de vidro (garrafas de azeite, por exemplo), são depositados resíduos inorgânicos gerados por eles, como plástico duro ou vidro quebrado. Os vãos entre as garrafas são preenchidos com a taipa, como descrito acima.

A bioconstrução permite uma autonomia no modo de construir que incentiva a retomada de formas coletivas de construção, além de ser um poderoso estímulo à criatividade, pois cada construção exige um olhar holístico e ecológico profundo (CAPELLO, 2013).

### **4.2.3 Dimensão Econômica**

#### *4.2.3.1 Percursos históricos da economia da Inkiri Piracanga*

Em conversa informal com Maíra Ortiz, integrante da Comunidade Inkiri e uma das mais antigas moradoras da Ecovila, ela contou sobre a história, na perspectiva econômica, da Comunidade Inkiri. Ressalto que nem todos os moradores da Ecovila participaram dos processos que a Comunidade Inkiri vivenciou, o que envolveu as atividades econômicas e a compreensão que a Comunidade têm da economia local. Até os dias atuais, como já foi explicitado, muitas pessoas não participam das atividades desenvolvidas pela Comunidade Inkiri e nem dos processos econômicos.

Segundo Maíra, antes do surgimento da Comunidade Inkiri, em 2011, não haviam moradores, apenas um movimento de pessoas voltadas para a realização dos cursos oferecidos pelo Centro Holístico. A economia do assentamento girava totalmente em torno do Centro. A partir de 2008, aos poucos, foram chegando os primeiros moradores que, em sua maioria tinham uma renda externa. Com o surgimento da Escola Inkiri, em 2011, e com o crescimento da estrutura do local, o número de moradores foi aumentando e, conseqüentemente, demandando empregos na Ecovila, como na Escola Inkiri, no restaurante, no Centro Holístico, na construção de casas e estruturas permaculturais, como facilitadores de cursos, entre outros.

Além das vagas de emprego, o número de voluntários aumentou consideravelmente. Os voluntários trabalhavam gratuitamente em troca de hospedagem e alimentação. Muitos dos integrantes da Comunidade Inkiri foram voluntários por muito tempo, inclusive Maíra, que contava com saudosismo e com um sentimento de gratidão sobre o tempo que era voluntária e o quanto aprendeu permacultura nessa época. Henrique (1995, p. 8) diz que as pessoas que realizam trabalho voluntário são movidas a “uma vontade íntima de ajudar o próximo”, não sendo o trabalho apenas a expressão desses “impulsos intuitivos”, mas, também o resultado de uma perspectiva de construção social, sendo, portanto, uma “ação consciente e politizada”. Os voluntários, em Piracanga, estavam dispostos a aprender atividades diversas – como permacultura – ao mesmo tempo em que doavam sua energia de trabalho em prol de uma causa que acreditavam ser benéfica para a natureza (interna e externa).

Nessa época, as pessoas obtinham suas rendas através de baixos “salários”<sup>78</sup> pagos

---

<sup>78</sup> Na Ecovila, os moradores evitam usar a palavra salário para definir a quantia em dinheiro que ganham por mês

pelo Centro Holístico, através da facilitação dos cursos (com uma remuneração mais alta) e, ainda, por meio de rendas externas, como alugueis de imóveis, empresas, entre outras. Haviam, também, os voluntários, que não ganhavam nada em dinheiro. Na época do surgimento da Comunidade Inkiri, as discrepâncias financeiras entre os moradores eram enormes.

Então, tinha essa discrepância. Quando a Comunidade começou, mesmo, como Comunidade Inkiri, essa discrepância estava bem presente. Gente ganhando bastante e gente ganhando bem pouco, ou nada. E nesse tempo essas pessoas não pagavam aluguel, tinham alimentação, as refeições, mas voluntários. Uma troca, né? Outros contratados, mas recebendo bem pouquinho e outros realizando cursos, terapias, e ganhando bem mais.

Um momento-chave para a Comunidade Inkiri foi a proposta feita por uma integrante da Comunidade de juntar o dinheiro das rendas (independente da procedência) dos integrantes num fundo comum e distribuir, igualmente, entre todas os membros, findando as diferenças financeiras dos integrantes. Momento semelhante viveu os moradores de Damanhur, Ecovila na qual a Comunidade Inkiri se inspira. Nos dez primeiros anos de existência de Damanhur, os moradores da Ecovila optaram por compartilhar suas rendas individuais em um fundo comum (ECONOMY..., s/d). De acordo com informações oferecidas pelo site de Damanhur<sup>79</sup>, dentre algumas fases - no âmbito econômico - que a comunidade vivenciou, essa foi uma importante experiência que proporcionou a compra de terras, casas e a criação dos Templos da Humanidade, um complexo de 8 salões ornamentado com obras de arte, construídos para celebrar a espiritualidade universal (TEMPLES..., s/d).

Houve resistência por, principalmente, uma pessoa, porém, foi uma fase muito importante e “de muita entrega pela Comunidade”, segundo Maíra. Todas as pessoas ganhavam 600 reais e tinham direito a 3 refeições diárias no restaurante, além de acomodação. Segundo ela: “foi uma época que, como não éramos muitos, todo mundo fazia tudo, sabe? Fazia muito mais que uma responsabilidade, sabe? Era uma responsabilização bem coletiva mesmo. Isso durou um ano e pouco.”

Havia um “fundo mágico”, denominado por eles, que correspondia a uma parte do dinheiro que não era distribuído, mas destinado a novos projetos, emergências e investimentos. Uma vez por ano, uma parte do dinheiro desse fundo era distribuído em bônus, igualmente, para todos da Comunidade. O “fundo mágico” existe até os dias atuais.

por certa atividade realizada. Os ecovilenses sentem-se mais à vontade quando usam a palavra “troca energética” ou “retorno energético”.

<sup>79</sup> Disponível em: <<http://www.damanhur.org/en/live-community/economy-and-work>. Acesso em 13/01/2017>.

Após esse momento, os ecovilenses, integrantes da Comunidade, sentiram a necessidade de aumento dos salários, ou “trocas energéticas”. A ideia era que todos pudessem ganhar 1000 reais. Para que esse desejo coletivo pudesse ser concretizado, os participantes dos diversos projetos existentes em Piracanga se propuseram a trabalhar mais, para possibilitar maior ganho de dinheiro para todos.

A cooperação e a autogestão são algumas das características para uma Economia Solidária, de acordo com o Ministério do Trabalho e do Emprego (MTE). A existência de interesses em comum e a união de esforços para se chegar a um objetivo coletivo, além do protagonismo dos verdadeiros sujeitos da ação (GOLDSTEIN, 2010), através da realização de atividades autogestionadas pelos ecovilenses e a distribuição igualitária dos benefícios (1000 reais) constituem elementos da economia solidária dentro do assentamento ecológico. Além desses, a dimensão econômica e a solidariedade são essenciais para a efetivação de uma economia solidária. A economia solidária envolve um conjunto de elementos econômicos, como produção, crédito, financiamento e comercialização, tendo como base a solidariedade nessas ações (GOLSTEIN, 2010). Quando todos se ajudam, unindo seus esforços, é possível atingir mais rapidamente e de maneira mais eficiente o objetivo coletivo.

Durante esse período de aumento de esforços almejando esse fim, os moradores passaram a ganhar 1000 reais, porém, a comunidade foi sentindo, por parte de algumas pessoas, acomodação e falta de satisfação pela quantia distribuída, ou “retorno energético”. Sentiam que estavam oferecendo muito em trabalho e criação e o retorno não correspondia à sua força de trabalho, comparando com algumas pessoas que não se “doavam tanto energeticamente” (ou seja, trabalhavam menos).

Surgiu, então, uma nova proposta econômica: todos ganhavam o mesmo “retorno energético”, porém, proporcionalmente às horas trabalhadas. Caso o indivíduo escolhesse trabalhar 4 horas diárias, receberia 600 reais. Oito horas de trabalho corresponderia a 1200 reais.

Os projetos passaram a organizar as suas próprias finanças. Os líderes dos projetos e os moradores não necessitavam mais solicitar dinheiro para a Comunidade (através do “fundo comum”) quando era necessário. A “autoridade com o dinheiro”, como contou Maíra, proporcionou um maior planejamento e autonomia para os projetos, pois, no novo modelo, era possível cada projeto assumir suas finanças e ter a noção de lucratividade das atividades, o que possibilitou contratação de pessoas (trabalho voluntário e/ou remunerado), aumento da produção, e mudanças diversas.

Nesse modelo econômico, 90% da quantia arrecadada de cada projeto, após o

pagamento de salários e todas as despesas, era entregue para o “fundo comum” da Comunidade Inkiri. Os 10% restantes eram destinados para os trabalhadores dos projetos e eram distribuídos em bônus. Ou seja, a quantia recebida em bônus dependia da lucratividade do projeto. Numa tentativa de equilibrar discrepâncias dos salários (como alguns projetos lucravam mais e, conseqüentemente, o bônus era maior e vice-versa), a cada 3 ou 6 meses um “bônus geral”, como contou Maíra, era distribuído pela Comunidade Inkiri para todos os trabalhadores de todos os projetos.

Todas as mudanças na economia da Inkiri Piracanga eram discutidas em reunião, sendo as decisões tomadas de forma participativa, com todos os membros da Comunidade Inkiri, o que inclui, evidentemente, os guardiões (líderes) dos projetos. A partir de intensas reuniões sobre economia, uma nova decisão foi tomada: os ecovilenses sentiram que os salários precisavam ser de acordo com as diferentes responsabilidades em um determinado projeto, mais do que por horas trabalhadas. Maíra destacou que perceber os distintos níveis de engajamento das pessoas nos projetos e os diferentes ritmos de trabalho foram importantes para essa tomada de decisão:

A gente viu que tem pessoas que em quatro horas tão levando a vida e trabalhando, assim, sabe? O ritmo. O ritmo e o engajamento. E o nível de *stress* que vem junto da responsabilidade que você assume. Porque, bom... isso a gente vê ainda hoje. Ainda existe essa discrepância. Porque a gente tem coisas que são muito básicas, serviços que são muito básicos que a comunidade não pode deixar de ter e a Escola da Natureza<sup>80</sup> lida com isso. Banheiros secos, compostagem... não tem um monte de gente querendo fazer. E aí as pessoas que estão à frente disso, que estão monitorando, que foi isso que eu falei, né? Essa responsabilidade vem. ‘Olha, Escola da Natureza, vocês têm que resolver! Tá dando errado.’ É o nível de responsabilidade que ninguém quer ter.

Destaco a importância de tal mudança econômica para o que a Inkiri Piracanga é hoje. Nos dias atuais, os “retornos energéticos” ou salários ainda são pagos a partir das diferentes responsabilidades exercidas pelas pessoas, em cada projeto. Como já foi explicitado, em cada projeto existem líderes que são pessoas que tomam as decisões mais relevantes e têm um maior nível de responsabilidade. Sendo assim, na “nova economia”, o guardião (ou líder) tem um maior “retorno energético” por ter uma maior responsabilidade e engajamento no projeto.

Na perspectiva da economia solidária, Paul Singer (2002) diz que a solidariedade

---

<sup>80</sup> Em sua fala, Maíra utiliza o exemplo da Escola da Natureza para falar sobre a economia do local porque é uma das integrantes mais antigas do projeto e, dessa forma, pôde vivenciar as diferentes fases econômicas do assentamento a partir de tal perspectiva.

na economia só pode ser estabelecida se ela for organizada *igualmente* por todos os integrantes do “empreendimento”. O mesmo autor diz que numa empresa com economia solidária, todos os sócios têm a mesma parcela do capital e, portanto, o mesmo poder de decisão, apesar de a retirada<sup>81</sup> poder ser um valor igual ou diferenciado para cada sócio, o que depende de decisão em consenso. Comparando um projeto da Ecovila a uma “empresa solidária”, alguns elementos da economia solidária não integram os acordos econômicos da Inkiri Piracanga, já que o poder de decisão do líder prevalece.

A Comunidade reconhece que a liderança, tanto dos projetos – através dos guardiões, como na figura de Angelina – como líder da Comunidade Inkiri – são importantes para o desenvolvimento do espaço, tanto no âmbito econômico, como no social, ambiental e espiritual. De acordo com Gilman (1991b), apesar de muitas comunidades adotarem o ideal de igualdade de poder, tal igualdade, na verdade, nunca acontece em grupos humanos. O autor ressalta que existe um “gradiente de poder” que faz com que algumas pessoas sempre tenham mais influência que outras. A tentativa de manter uma igualdade completa pode influenciar negativamente na dinâmica do grupo, além de suprimir e desencorajar uma liderança verdadeiramente necessária (GILMAN, 1991b).

#### *4.2.3.2 As relações na economia da Inkiri Piracanga: percepções com o dinheiro e formas de geri-lo*

Desde o início da Comunidade, percebe-se a importância dos projetos na economia da Inkiri Piracanga. É principalmente através deles que o dinheiro entra e circula dentro da Ecovila. Funcionam como pequenos núcleos autogestionados, que têm certa independência entre si e se apoiam mutuamente. Cada um tem seu guardião e possui características próprias, entre elas: a forma de gerir suas finanças, o número de pessoas que trabalham para o projeto, a sua magnitude (no ponto de vista financeiro e estrutural), a frequência de reuniões para tomadas de decisões, a lucratividade, a quantia em dinheiro que deverá ser repassada para o “fundo comum”.

Apesar da independência desses “núcleos autogestionados”, a Comunidade Inkiri gere esses “subsistemas”, que são os projetos, podendo ser considerada como uma espécie de “governo”. As principais decisões são tomadas em reuniões com a Comunidade, que são, em

---

<sup>81</sup> “Numa empresa solidária, os sócios não recebem salário, mas retiradas que variam conforme a receita obtida” (SINGER, 2002, p. 12)

sua maioria, guardiões dos projetos. Uma parte do que o projeto arrecada através dos cursos e vivências (ou o que o projeto fizer para obter renda), vai para o “fundo comum” da Comunidade Inkiri. Após quitar custos que o projeto teve para algum fim – como pagamento de facilitadores de cursos, despesas com hospedagem e alimentação – uma quantia é encaminhada para a Comunidade. Sobre esse dinheiro, Diego disse:

É o projeto que define quanto vai repassar pra Comunidade. Se um projeto tá com pouco dinheiro no fundo e tá precisando fazer um investimento, provavelmente ele vai repassar muito pouco. Mas se um projeto não tem nenhum investimento pra ser feito e já tá com dinheiro no fundo, provavelmente ele pode repassar até, sei lá, 70, 80% do valor que ele recebe, ele pode repassar pra comunidade. Então, a gente não tem uma taxa imposta. Não é um imposto. É um repasse mesmo que cada projeto faz, com base nas suas possibilidades. Com base que a visão que o projeto tem para o futuro. Se ele realmente vai usar aquela energia ou não. Se ele... se ele precisa daquela energia dentro do projeto ou se ele pode fazer aquela energia circular pra apoiar outros projetos da comunidade.

O dinheiro do “fundo mágico” é usado para pagar despesas de toda a estrutura da Comunidade Inkiri, como reformas, construção de casas da comunidade e/ou para determinados projetos, ajuda financeira para os projetos, compra e manutenção de carros, compra de equipamentos de jardinagem, maquinarias, entre outras. A compra da cota do terreno, que foi realizada em 2016, foi feita com o dinheiro do “fundo mágico” e com o apoio do que foi arrecadado através do *crowdfunding*.

Os custos dos cursos oferecidos pela Comunidade através dos projetos são considerados elevados por muitos, o que é motivação para críticas por algumas pessoas que almejam participar de alguma atividade do Centro Inkiri e até de pessoas dentro da Ecovila. Em Itacaré, cidade próxima ao assentamento, muitos moradores questionam os custos das vivências e dos cursos, argumentando que é contraditório um espaço que proporciona vivências espirituais e que, ao mesmo tempo, almeja o lucro. Dessa forma, para essas pessoas, a Ecovila de Piracanga tem um caráter elitista, pois quem mora ou participa dos cursos têm um maior poder aquisitivo.

Partindo dessa perspectiva, Silva (2013) e Harvey (2006) apontam para a reprodução de traços fundamentais da sociedade capitalista – como a mercadificação de suas terras e a predominância da propriedade privada – por parte de assentamentos “ecológicos” constituindo, muitas vezes “privatopias burguesas” disfarçadas de “alternativas”. Apesar de possuir inúmeros elementos que vão na direção de uma sociedade mais ecológica e igualitária, é necessário analisar o fenômeno das ecovilas de uma forma mais cuidadosa, considerando, muitas vezes, sua “adaptação funcional” ao mercado (SILVA, 2013), o que, de acordo com Santos Júnior (2010, p. 13), pode transformar as ecovilas em “galinhas de ovos de ouro” do

*design* ecológico e permacultural.

Na mesma lógica criticada pelos autores, a permacultura, que - muitas vezes - está desassociada às periferias urbanas e rurais, também possui algumas incoerências, considerando que a atividade está sendo incorporada à práticas empreendedoras. Na reportagem realizada por Nery (2016) intitulada “Por uma permacultura morena e ecossocialista”<sup>82</sup>, o autor diz que a permacultura é um conceito praticamente desconhecido do “grande público”, circulando majoritariamente entre jovens brancos, de classe média, universitários. Os elevados preços dos cursos de permacultura como o “*Permaculture Design Course*”, oferecidos por diversas ecovilas e institutos de permacultura no Brasil e no mundo, podem ser considerado um fator de inacessibilidade financeira para alguns.

No caso da Inkiri Piracanga, procurei analisar a dimensão econômica do espaço, considerando a diversidade de olhares nesse sentido e o entendimento dos ecovilenses em relação ao dinheiro e ao lucro. Quando questionada sobre os preços serem considerados elevados por algumas pessoas, Angelina, a líder da Comunidade, respondeu:

Assim, o que eu vejo é que eu acho os nossos cursos bem baratos pra aquilo que as pessoas recebem. Mas eu entendo que tem muita gente que não tem possibilidade de fazer. Tudo bem. Também entendo isso. [...] Imagina! Nós temos que chegar aqui, então temos que ter bons carros, a manutenção dos carros é altíssima, cada carro que nós compramos é altíssimo. Porque todos os carros aqui têm que ser quatro por quatro, tem que ser confortável porque são muitas horas para ir e vir. Então, temos toda uma equipe de transportes que tem, sei lá, cinco a seis pessoas trabalhando o ano inteiro, sabe? Então, por exemplo, só os transportes é uma história muito grande. Depois, nós não temos energia. Temos energia solar que é caríssima. Pra ter internet aqui, pra ter energia solar, pra ter a estrada que se possa chegar aqui... tudo que nós fazemos aqui é... Nós temos que fazer tudo do zero! O sistema de lixo, por exemplo. Nós temos que criar nosso sistema de resíduos. Então, nós não temos... você não deixa o seu lixo lá fora e alguém vai buscar e ele desaparece. Aqui tem todo um processo. Temos que cuidar da nossa água, temos que cuidar de tudo, basicamente. Então, pra as pessoas virem pra cá fazer um curso, tem, assim, muita gente trabalhando. Talvez cem pessoas trabalhando pra você poder fazer o seu curso. Então os custos são muito altos aqui. E que a comunidade toda tá trabalhando o ano todo pra sustentar esses cursos.

O espaço da Ecovila muda muito rapidamente e as pessoas sempre estão criando e modificando tudo o que abrange a Inkiri Piracanga. São muitos investimentos e muitos gastos para sustentar todas as estruturas e atividades. De acordo com integrantes da comunidade-núcleo, o lucro de tudo o que é arrecadado através dos projetos (que corresponde ao dinheiro que é repassado para o fundo da Comunidade) é usado dentro da própria Comunidade para fortalecer e firmar suas atividades. Diego, guardião do projeto da Economia, falou sobre o seu

<sup>82</sup> Disponível em: <<http://outraspalavras.net/brasil/por-uma-permacultura-morena-e-ecossocialista/>>.

entendimento sobre o lucro:

O objetivo do lucro... tem essa grande visão sobre o lucro, né? Principalmente nos âmbitos de projetos sociais e tal. É como se o lucro fosse um coisa ruim. Na verdade, não. A verdade é que o lucro é fundamental pro projeto conseguir sustentar. Uma árvore, quando ela tá crescendo, ela gera mais energia do que ela precisa para poder ficar daquele tamanho. Ela tá gerando energia pra poder crescer. Pra poder se tornar ainda maior. E a grande questão é o que é feito com esse lucro. Esse lucro é usado pra desenvolver e apoiar novos projetos, entendeu? Pra fortalecer tudo que a gente faz aqui.

A visão que os integrantes da Comunidade Inkiri têm do lucro envolve o seu uso consciente em prol de um “bem maior” que, no caso, é promover atividades de baixo impacto ambiental, cursos que fomentam o auto-conhecimento espiritual e educação ambiental. Sendo a permacultura um conhecimento que reúne diversas ideias e habilidades em diferentes perspectivas (ecológicas, econômicas, ambientais, arquitetônicas, entre outras), na visão de David Homlgren:

Quer atribuamos isso à natureza, às forças do mercado ou à ganância humana, os sistemas que mais eficientemente obtêm um rendimento e o utilizam de modo efetivo para suprir suas necessidades de sobrevivência, tendem a prevalecer em relação a outras alternativas. Uma produção, lucro ou renda funciona como recompensa que estimula, mantém e/ou replica o sistema que gerou o ganho. Desse modo, sistemas bem sucedidos se disseminam. Na linguagem dos sistemas, essas recompensas são chamadas de “mecanismos de feedback positivo” (positive feedback loops), as quais ampliam o processo ou sinal original. Se formos sérios em relação a soluções sustentáveis de design, então temos que mirar em recompensas que estimulem o sucesso, o crescimento e a replicação dessas soluções (HOLMGREN, 2013, p. 35)

Essa visão dialoga – também – com a economia ecológica. Segundo Sales e Cândido (2015, p. 127), “a economia ecológica é uma proposta diferenciada, que não ausenta ou negligencia o caráter econômico, mas incorpora outros elementos de igual valor no âmbito ambiental, no social e no político-institucional”. Na perspectiva da economia ecológica, há uma ressignificação dos conceitos de lucratividade e produtividade, conciliando-os com medidas que ajudam a manter e, até mesmo, recuperar áreas que foram degradadas por outros tipos de atividade (SALES & CÂNDIDO, 2015; JACKSON, 2013).

Segundo algumas pessoas que entrevistei, integrantes da Comunidade Inkiri, o dinheiro constitui uma “energia neutra”, na qual o seu uso – seja ele para qualquer fim – depende da intenção que é depositada nele. De acordo com Angelina Ataíde:

Assim, é muito simples. Pra mim o dinheiro é um veículo pra transportar energia. Então, é só um veículo. O dinheiro nem é mau e nem é bom. É um instrumento de trabalho. Isso é o que eu vejo. A energia que você põe no dinheiro é a energia que você vai poder movimentar pra direção que você levar. Então, é muito simples. O

dinheiro pra mim é muito neutro. Ele depende da energia que você põe lá, da intenção que você põe e o que você faz com ele é o que vai fazer que aquilo seja positivo ou negativo.

A Comunidade Inkiri e as pessoas que compartilham do “Sonho Inkiri” procuram impulsionar a economia local através do dinheiro originado pelos diversos projetos. Dawson (2006) discorre sobre a importância das ecovilas promoverem o crescimento de produtores locais como uma forma de resistência aos valores e mecanismos do sistema capitalista. As feiras semanais realizadas com agricultores locais, além do engajamento dos moradores do entorno em trabalhos assalariados dentro da Ecovila, podem ser consideradas ações de incentivo a economia local. Além dessas, a Comunidade Inkiri acaba por criar novos mecanismos que garantem um estímulo ainda maior à circulação de dinheiro dentro da Ecovila e no seu entorno.

#### 4.2.3.3 A “nova economia” da Inkiri Piracanga: a natureza como fonte inspiradora

Em setembro de 2016, a Comunidade Inkiri concluía os últimos detalhes dos componentes de uma nova economia, na qual entraria em vigor em outubro do mesmo ano. As mudanças fazem parte de um “alinhamento energético”, como caracterizou Maíra: um movimento de mudanças na estrutura, o que engloba a economia, o nome de tudo o que envolve a Comunidade Inkiri (Inkiri Piracanga) e a compra do terreno.

Uma maior autonomia e estimulação de circulação de dinheiro dentro e no entorno da Ecovila é o que busca a Comunidade, através da nova economia, de acordo com Diego<sup>83</sup>. Considerando a necessidade do ser humano de realizar atividades econômicas e estando ele integrado à natureza (considerando que somos natureza), a humanidade, independentemente de seu poder econômico, precisa arraigar seu sentimento de pertencimento e ser mais participativa (SALES & CÂNDIDO, 2015), como disse Diego:

O legal de descobrir que a economia tá próxima da gente é que a gente também pode transformar o nosso sistema econômico, né? Que são os acordos que regem todas essas trocas. A gente não precisa ficar recebendo alguma coisa como dado, como pronto. A gente também tem esse poder de criar novos acordos. A gente pode trazer mais clareza, a gente pode adaptar melhor o sistema econômico que a gente vive hoje pra nossa realidade. A gente pode se empoderar disso.

---

<sup>83</sup> Em uma reunião aberta, Diego explicou as novas diretrizes da economia que, no momento, ainda iria entrar em vigor. Compareceu à reunião integrantes da comunidade-núcleo e, em sua maioria, moradores da Ecovila que trabalhavam nos projetos da Inkiri Piracanga. A reunião foi gravada com autorização de Diego.

Nesse sentido, uma economia baseada na natureza foi criada. No novo acordo econômico, os projetos são vistos como árvores. As pessoas que trabalham em um determinado projeto são distribuídas conforme as partes da árvore: raiz, tronco, caule, folhas e flores. Cada um assume diferentes responsabilidades, de acordo com sua função na “árvore”. Ou seja, o “retorno energético”, ou salário, não é baseado em horas de trabalho, mas na responsabilidade assumida dentro do projeto.

Na perspectiva da “nova economia” da Inkiri Piracanga, o guardião ou líder corresponde a “raiz” – o que sustenta uma árvore (o projeto). O “tronco” corresponde às pessoas que assumem muitas responsabilidades e que, segundo Diego, “são responsáveis por sustentar grande parte daquele projeto, as pessoas chave”. “Os galhos” fazem parte da sustentação, embora sejam encarregados de trabalharem em uma parcela mais específica do projeto. “Se um galho cai, o projeto continua. Talvez ele tenha uma responsabilidade um pouco mais limitada”, diz Diego. As “folhas” correspondem às pessoas que assumem menos responsabilidades dentro de um determinado projeto. O “fruto” é visto como o objetivo final de um determinado projeto. Os ecovilenses que trabalham nos projetos recebem seus pagamentos de acordo com as faixas de “retorno energético” estabelecidas. A “raiz” tem um maior faixa salarial, enquanto a “folha” recebe menos.

A ideia é que, assim como uma árvore, um projeto também pode ser orgânico, também pode sofrer essas movimentações conforme os ciclos da natureza. É natural que até um galho, um tronco de vez em quando caia. Cada árvore, cada planta funciona de um jeito e cada projeto também [...] A natureza tá constantemente se renovando. Vem o outono e cai todas as folhas, cai o galho, muda a raiz... e tá tudo certo! A ideia é que as árvores, os projetos, também possam se renovar. Então, é incentivado que todas as partes estejam em constante renovação (Diego).

Outra mudança significativa é a implementação da moeda Inkiri, que tem o objetivo de fortalecer ainda mais a economia, aumentando o número de trocas que acontecem localmente. A Inkiri Piracanga passa a ter uma moeda local, assim como já ocorre nas Ecovilas Damanhur e Findhorn. A moeda Inkiri deve possuir a mesma paridade do real. Os ecovilenses que trabalham nos projetos receberão parte do seu “retorno energético” em Inkiri e a outra parte em real. Dessa forma, em outubro de 2016 a moeda começa a circular na região.

Dawson (2004) ressalta os benefícios que a criação de uma moeda gerou em Findhorn e Damanhur ao manter o dinheiro circulando localmente, fortalecendo as relações internas e

reduzindo a dependência por mercadorias de fora da Ecovila. A moeda local

incentiva os moradores de uma Ecovila a criarem e expandirem seus próprios negócios locais, já que a demanda por serviços internos aumenta, o que gera mais empregos e aumenta o poder de compra (DAWSON, 2004).

Outro elemento significativo da nova economia da Inkiri Piracanga é a criação da “Casa Inkiri”, que corresponde a um “banco”, que pode trazer diversos benefícios para uma Ecovila. Entre eles, a diminuição de financiamentos em bancos convencionais (que geralmente possuem altas taxas de juros) e os investidores tornam-se co-proprietários de seus negócios, criando um virtuoso ciclo onde todos são beneficiados (DAWSON, 2006).

A “Casa Inkiri” pode inverter o real pela moeda Inkiri, mas o contrário não pode ser feito. Os projetos podem possuir contas na Casa Inkiri, o que impulsiona as trocas financeiras dentro da Ecovila, entre os projetos. Um projeto pode solicitar o serviço de outro e realizar o pagamento através de uma simples transferência via Casa Inkiri. Além disso, novos projetos podem solicitar empréstimos para o “banco”, o que possibilita seu desenvolvimento.

Sendo baseada nos padrões da natureza, a economia da Inkiri Piracanga, assim como a permacultura, têm um caráter mutável, multifacetado, que vai de acordo com as demandas locais e com o que a comunidade vive naquele período. Sobre as semelhanças entre a permacultura e a economia, Diego disse;

Tanto a permacultura quanto a economia daqui, elas são totalmente baseadas na natureza. Essa é a grande conexão. No sentido de que um dos principais pilares da economia, do sistema econômico, é ser equilibrado, ser simples e ser claro, como a natureza e a permacultura. Então, eu vejo que a principal conexão é essa. A natureza como um grande modelo, uma grande orientação pra onde as coisas tem que ir, entendeu? Tipo, tudo que é criado, tanto na permacultura como na economia, é inspirado no funcionamento da natureza.

Os ecovilenses consideram que as soluções para uma economia próspera podem ser encontradas dentro da própria comunidade. Os princípios da permacultura são aplicados em todos os aspectos da vida dos ecovilenses, considerando que, de acordo com Holmgren (2013), esses princípios são aplicados em domínios que lidam com recursos físicos, energéticos e, também, organizações humanas (geralmente chamadas de estruturas invisíveis no ensino de permacultura).

Nesse sentido mais limitado, porém importante, a permacultura não é em si a paisagem, nem mesmo as habilidades de cultivo orgânico, a agricultura sustentável, as edificações energeticamente eficientes ou o desenvolvimento de ecovilas. Mas pode ser usada para planejar, estabelecer, manejar e aperfeiçoar esses e todos os demais esforços empreendidos por indivíduos, famílias e comunidades rumo a um futuro sustentável (HOLMGREN, 2013, p. 33).

Mollison (1994) valoriza o comércio dentro de comunidades que praticam a

permacultura. Para ele, quanto maior a valorização das “trocas”, ou seja quanto mais o dinheiro circular dentro do assentamento, melhor será o desenvolvimento do lugar.

Dinheiro existe em relação às estruturas sociais como água existe em relação à paisagem. É o agente de transporte que move e molda as trocas. Como a água não é quantidade total de dinheiro que entra em uma comunidade, o que conta é o número de usos ou tarefas para as quais o dinheiro pode ser transferido; assim como o número de ciclos dessa utilização é que traz a independência financeira a uma comunidade (MOLLISON, 1994, p. 197).

Quando questionada sobre como lida com o dinheiro, em determinado momento, Juliana Faber disse: “a natureza é próspera, é abundante. Não no sentido de que ela é infinita. Mas ela tem os recursos pra gente viver bem. Mas como você utiliza esses recursos é uma questão”. Tendo a natureza como uma “mestra”, o uso da permacultura na vida cotidiana, como diz Holmgren (2013, p.31), nos dá “o poder de passarmos de consumidores dependentes para cidadãos responsáveis e produtivos”.

#### ***4.2.4 Dimensão Espiritual/Cultural***

##### *4.2.4.1 O mergulho na natureza interna: a espiritualidade como o alicerce*

No presente estudo, assim como diz Roysen (2013, p. 68), o termo cultura é entendido como “uma maneira específica de se relacionar com a natureza, as pessoas e o universo que os rodeia, em suas vidas cotidianas”. É, portanto, uma cultura que está associada com as formas de relações que estabelecemos entre as pessoas e estas com o ambiente que os cerca, segundo a mesma autora.

Edward Tylor diz que cultura é um comportamento aprendido – que independe de uma transmissão genética – que inclui arte, conhecimentos, crenças, moral, leis, costumes ou qualquer outros hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade (LARAIA, 2003). A cultura, ou as culturas<sup>84</sup> dos ecovilenses são caracterizadas por uma diversidade de costumes, crenças e visões de mundo, fruto da multiplicidade de pessoas que moram no assentamento. Cada morador oferece seus conhecimentos, suas habilidades para o coletivo. Porém, há práticas, crenças, conhecimentos e formas de viver comuns a todos do grupo – ações cotidianas – que dão forma ao estilo de vida dos ecovilenses da Inkiri Piracanga.

---

<sup>84</sup> Chauí (2000, apud ROYSEN, 2013) diz que o mais adequado seria utilizar o termo no plural, como “culturas do povo”, considerando que cultura é uma criação múltipla, afinal de contas, não vivemos em uma sociedade reduzida à condições idênticas e homogêneas econômico, social e político. Vivemos numa pluralidade, abertas a uma criação que é sempre múltipla.

O homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquiridas pelas numerosas gerações que o antecederam. A manipulação adequada e criativa desse patrimônio cultural permite as inovações e as invenções. Estas não são, pois, o produto da ação isolada de um gênio, mas o resultado do esforço de toda uma comunidade (LARAIA, 2003, p. 24).

A cultura dos ecovilenses perpassa pela busca do crescimento espiritual nas atividades cotidianas. A manifestação da espiritualidade da Comunidade Inkiri e das pessoas que acreditam no “Sonho Inkiri” está por toda parte, em todos os lugares comuns da Comunidade, em todos os instantes, todas as atividades. Vale uma reflexão sobre o conceito de espiritualidade segundo Leonardo Boff. Segundo o autor, espiritualidade é um mergulho na profundidade do Ser, sendo entendida como uma dimensão profunda do indivíduo no sentido de sua capacidade de auto transcendência num espaço de paz em meio a conflitos sociais e existenciais (BOFF, 2006). O autor discorre, ainda, sobre as diferenças entre religião e espiritualidade:

Considero que a *espiritualidade* esteja relacionada com aquelas qualidades do espírito humano – tais como amor e compaixão, paciência e tolerância, capacidade de perdoar, contentamento, noção de responsabilidade, noção de harmonia – que trazem felicidade tanto para a própria pessoa quanto para os outros. Ritual e oração, com as questões de nirvana e salvação, estão diretamente ligados à fé religiosa, mas essas qualidades interiores não precisam ter a mesma ligação. [...] Essas reflexões são cristalinas, pois mostram a distinção necessária entre religião e espiritualidade. Uma vez distintas, podem se relacionar e conviver, mas sem que uma dependa necessariamente da outra (BOFF, 2006, p 15-16, grifo do autor).

A manifestação Inkiri no âmbito espiritual, ocorre através da conexão com o *Divino*, com a totalidade do ser, o que, para eles, não significa religião. Está intimamente ligada à uma teia de interconexões em relação a natureza e aos demais seres vivos (MATTOS, 2015). A reverência pela natureza é um ato espiritual na Comunidade. Se perceber como natureza e honrar sua existência é cuidar de si e dos outros. Esse olhar faz parte de uma visão ecológica profunda da vida, que é espiritual, segundo Capra (1997). Quando o indivíduo tem a consciência de sua conexão com o cosmos, com o todo, é evidente que a percepção ecológica é espiritual, na mais profunda essência (CAPRA, 1997). A noção de conexão entre o ser e a natureza é percebida na fala de Erbert Götsch:

Aprofunda-te na matéria! Abre os teus sentidos! Tenta perceber as formas dadas pela própria natureza! E tu chegarás a criar laços mais íntimos com ela. Isto acarretará mais sensibilidade nos tratos, nas relações com nossos irmãos (seres vivos) no campo e na floresta, bem como nas relações entre os seres humanos (GOTSCH, 1997, p. 5).

Segundo Boff (2006, p. 13), ao ser questionado sobre o conceito de

espiritualidade, Dalai Lama disse: “espiritualidade é aquilo que produz no ser humano uma mudança interior”. Partindo dessa simples e potente perspectiva, ressalto a riqueza da dimensão espiritual/cultural da Comunidade Inkiri. Sendo um dos pilares da Comunidade, a espiritualidade perpassa por todas as atividades e repercute na riqueza da expressão cultural da Inkiri Piracanga.

Os ecovilenses consideram que tudo o que é feito por eles seja a materialização dos seus sonhos, “do espírito”, como eles dizem. É possível compreender essa perspectiva na fala de Angelina:

E sim, a espiritualidade, eu vejo que a espiritualidade tá em todo lado, aqui em Piracanga. O nosso sonho... ou faz parte do nosso sonho, nós espiritualizarmos a matéria ou materializarmos o espírito, que é mesma coisa. Nós trazemos o espírito para a matéria. Nós podemos viver quem nós somos, que somos seres espirituais aqui na Terra. Então, juntamos a matéria e o espírito. Por isso nós somos muito práticos, por isso nós manifestamos muito. Por fazer isso que nós fazemos. Não é o espírito separado da matéria, é a matéria junta com o espírito. O espírito tem que guiar, mas na matéria, se materializa, né? É aqui que nós vemos o que tá acontecendo.

A materialização, que Angelina chamou de espírito, se dá através das atividades cotidianas dos ecovilenses, como a prática da permacultura, o que vem sendo desenvolvido no assentamento através dos projetos, num jantar entre amigos, na preparação de um alimento. A mudança interior é aspirada no fazer cotidiano e concretizada através de diferentes crenças e práticas espirituais.

Dentro do espaço da Ecovila, são diversas manifestações espirituais. Há pessoas que são discípulas de um mestre espiritual chamado Osho<sup>85</sup>. No âmbito espiritual, os ecovilenses recebem, também, influências das religiões afro-brasileiras, como o candomblé e umbanda. Há pessoas que são da tradição do Santo Daime<sup>86</sup>, apesar de não ser permitido o uso do chá da ayahuasca dentro da Ecovila.

A Inkiri Piracanga não segue uma única crença, sendo diversos os caminhos espirituais trilhados por eles. Porém, a maioria dos integrantes da Comunidade Inkiri de Piracanga são discípulos de um mestre espiritual chamado Sri Prem Baba<sup>87</sup>. Ao guru foi

---

<sup>85</sup> Mestre indiano, professor de filosofia da Universidade de Jabalpur, que, na década de 1960, desenvolveu técnicas de meditação que passaram a serem reconhecidas em toda a Índia e, logo depois, pelos ocidentais (OSHO BRASIL, s/d). A mesma fonte diz que o guru indiano desenvolveu uma comuna na Índia e nos EUA, onde havia práticas de meditação, entre a década de 1970 e metade da década de 1980. Osho faleceu em 1990.

<sup>86</sup> Trabalho de autoconhecimento espiritual que utiliza a bebida considerada sagrada denominada *ayahuasca*. A Doutrina do Santo Daime foi fundada por Mestre Irineu – nordestino, negro e neto de escravos que carregava consigo conhecimentos ancestrais e espirituais - em 1930, no Acre (FERREIRA, 2010).

<sup>87</sup> Sri Prem Baba é um mestre ou guru brasileiro, nascido em São Paulo, herdeiro de uma antiga linhagem

entregue a guiança espiritual da Comunidade Inkiri. Segundo Angelina:

[...] tem pessoas que não são discípulos do Prem Baba e que estão na Comunidade também. Isso não é uma religião. É só que o Baba nos traz uma verdade que nos toca o coração. Que é o caminho do coração. E é isso que nós estamos fazendo aqui e foi por isso que nós escolhemos o Baba. Porque os valores que ele tem e os valores que ele ensina, são os valores que nós acreditamos. Então assim, ‘ah, ótimo’, mas não temos uma religião. Na verdade têm diferentes pessoas com diferentes caminhos espirituais e tá tudo bem. Nós estamos muito abertos nesse nível. Mas também temos clareza pra onde nós queremos ir.

Sendo o guru Prem Baba herdeiro de uma linhagem espiritual oriental, especificamente hinduísta, tem como princípio, segundo Boff (2010), a busca da interioridade do ser. O autor diz que esse mergulho dentro de si, característica da espiritualidade oriental, é o “caminho para dentro, pelos meandros de nossos desejos, pela profundidade de nossas intenções, rumo ao caminho do coração” (BOFF, 2010, p 39).

Entre uma infinidade de ensinamentos que direcionam seus seguidores a um profundo autoconhecimento espiritual, Sri Prem Baba profere sobre a “autorresponsabilidade” e o “despertar do amor”<sup>88</sup>. As pessoas que têm o guru como referência espiritual procuram estudar e vivenciar todos os seus ensinamentos.

Aos domingos acontecem encontros, denominados *satsangs*, nos quais as pessoas se reúnem para entoar mantras e receber os ensinamentos do guru Sri Prem Baba através de vídeos. A palavra é um termo sânscrito que significa “encontro com a verdade”, com um mestre espiritual, com o intuito de repassar conhecimentos, meditar e cantar. São gravados vídeos com ensinamentos do mestre e os mesmos são exibidos em uma das ocas da Inkiri Piracanga.

Dentro da pluralidade das práticas espirituais da Inkiri Piracanga estão o reiki, a leitura de aura e o yoga como já explicitado anteriormente. Sendo a Comunidade Inkiri considerada uma referência nessa prática, a leitura de aura é habilidade comum ao grupo, praticada diariamente e que exige práticas meditativas diárias. Outra forma de manifestar a espiritualidade e a cultura da Comunidade é através da música. Todos os dias acontecem encontros nos quais as pessoas entoam mantras e cantam outras músicas que trazem em suas letras ideais de paz, igualdade entre os seres, união e cuidados com a natureza, numa prática

indiana denominada Sachcha (SRI..., 2016). “Recebeu de seu mestre Sri Hans Raj Sachcha Baba Maharajji o nome e o título indiano pelo qual é conhecido mundialmente: Pai do Amor” (SRI PREM BABA, 2016). Disponível em < <https://www.sriprembaba.org/pt-pt/biografia/> > Acesso em fevereiro de 2017.

<sup>88</sup> Para informações aprofundadas sobre os assuntos, indico o livro “Amar e Ser Livre” que tem como autor Sri Prem Baba (2015).

chamada pelos ecovilenses de “meditação sonora”.

A dança circular<sup>89</sup> tem um papel crucial como uma manifestação da espiritualidade e da efervescência cultural do assentamento. Os encontros acontecem mais de uma vez por semana e promovem a interação entre todos que estão no assentamento. A dança circular tem um papel importante na união das pessoas que vivem na Ecovila. Como disse Vanessa em entrevista, a dança tem o poder de “mover energia em união”.

As danças circulares sagradas trazem em suas raízes a tradição de diferentes povos. Relembram um tempo em que dançar era participação, encontro e reafirmação dos ciclos da vida. [...] Na roda, ficamos lado a lado, irmanados, ligados pelas mãos e, num crescendo, conforme a entrega de cada um e de todos, ligados pelo coração, o pulso e o impulso criador da unidade na diversidade. O foco está no centro da roda que, com o passar da dança, de várias danças, vai impelindo ao encontro com o centro de cada um — seu eixo, seu equilíbrio. Sou parte do todo, mas sou individualidade. Danço a dança coletiva, mas tenho o meu passo, marca do meu corpo, da minha história. Aprendo a entrar na roda sem perder minha singularidade e, mais que isso, reafirmo-a na medida em que percebo o outro. Pratico a alteridade na circularidade: vejo o outro e me vejo, dou espaço ao outro e ocupo meu espaço. Encontro o outro e caminhamos juntos, harmonizando a roda, dançando a vida (OSTETTO, 2009, p. 182).

Nos rituais, os moradores da ecovila (pessoas que não têm vínculo com as atividades da Comunidade Inkiri), os integrantes da “Tribo Inkiri”, participantes de cursos, ajudantes e voluntários nos projetos se encontram, dançam e honram a vida em ecovila. É um momento de encontro com o *Sagrado* e de sentir-se parte de um elo vivo, numa experiência de totalidade (BOFF, 2010).

FIGURA 25 – Dança circular nas margens do rio Piracanga.



<sup>89</sup> Segundo Ostetto (2009), a dança circular consiste em uma dança em que o grupo, geralmente de mãos dadas, é voltado para um centro comum e se projeta de diferentes formas no espaço (a mais comum é a formação em círculo). O grupo dança para si mesmo, pois é considerado um momento em que o dançante entra em contato com a sua essência e com a transcendência (OSTETTO, 2009). É um momento de extravasar emoções e desenvolver a espontaneidade do indivíduo.

Autoria própria - Registro fotográfico de setembro de 2016.

Sendo parte inerente da cultura da Comunidade Inkiri, as atividades circenses estimulam ecovilenses e visitantes a reconhecerem na alegria, leveza e espontaneidade como parte da essência humana (GRAN, 2017).

O Gran Circo Vagalume é um projeto da Comunidade Inkiri que realiza atividades de circo, como aulas de tecido, trapézio, expressão corporal, mímica, improvisação (GRAN, 2017), direcionadas para moradores e participantes de cursos com o objetivo de despertar o “palhaço interior”, com atividades que vão na contramão da rigidez, muitas vezes, adquirida nos grandes centros urbanos. “Trabalhar o palhaço interior é justamente brincar com nossas máscaras, colocar um holofote de luz nelas, rindo dos dramas, dos personagens que criamos, da auto-sabotagem que por vezes nos submetemos” (GRAN, 2017).

Uma atividade, considerada espiritual por eles, muito praticada pelos ecovilenses é a *seva* que significa “serviço desinteressado”. Sendo muito mencionada pelo guru Sri Prem Baba, constitui uma prática de voluntariado para qualquer serviço ou trabalho na qual o indivíduo não espera nada em troca, numa experiência de doação e entrega. Sobre a *seva*, Prem Baba diz:

O *seva* (serviço desinteressado) é uma poderosa prática espiritual. A questão não é O QUE você está fazendo, mas COMO, PORQUE E PARA QUEM. Acordar pela manhã consciente de que está acordando para servir ilumina a alegria de viver. Se existe consciência do serviço, você transforma o “fazer” em uma oração; em uma forma de manter e aumentar a chama da conexão (BABA, 2012, grifo do autor)<sup>90</sup>.

Se perceber como natureza, com toda a sua beleza e abundância, é uma visão de mundo que reflete na forma que o indivíduo lida com a terra e com as pessoas. Perceber que a natureza é a conexão com a espiritualidade, numa interação do que material (natureza) e imaterial (espiritualidade), é uma compreensão inerente da Inkiri Piracanga. O ato de “espiritualizar a matéria”, termo muito falado entre a Comunidade Inkiri, reverbera no modo de ver e praticar a permacultura.

#### 4.2.4.2. A prática da permacultura como um meio de “espiritualizar a matéria”

Os princípios da permacultura são “naturalmente” atraentes para grupos que visam a evolução espiritual, pois foram desenvolvidos numa perspectiva que tinha como

<sup>90</sup> Trecho retirado da “Flor do dia”: mensagens diárias que Sri Prem Baba repassa para seus seguidores e simpatizantes através de sua página em uma rede social (*face book*). Disponível em: < <https://pt-br.facebook.com/sachchaprembaba/posts/247729008662483>>. Acesso em fevereiro de 2017.

horizonte o colapso da “sociedade de alto consumo energético” (SILVA, 2013, p. 199). No entanto, no momento de sua criação, Bill Mollison fez questão de desvincular a permacultura com elementos religiosos e/ou espirituais, segundo o mesmo autor. Silva (2013) diz que o vínculo formado entre a permacultura e o que ele chamou de “irracionalidades” veio como reflexo do caráter místico e espiritual do pensamento contracultural dos anos 1960. Além disso, o pensamento ecológico profundo, que é contemporâneo, permitiu o diálogo entre o ambientalismo e as tradições espirituais.

O criador da permacultura reforça em seus escritos o caráter racional e prático, desvinculado de qualquer perspectiva espiritual/religiosa (SILVA, 2013). Holmgren (2013) fortalece a perspectiva racional e técnica da permacultura, porém admite que essa “união” não pode ser totalmente desprezada em virtude do caráter sistêmico de seu pensamento, apesar de demonstrar que é preciso cautela entre esse vínculo, que pode ser destrutivo e resultar numa descaracterização do movimento permacultural. David Holmgren (2013) demonstra respeito pelas pessoas que têm uma compreensão espiritual da permacultura, mesmo tendo como posição filosófica o ateísmo.

Marsha Hanzi - suíça-americana, uma das pioneiras da permacultura no Brasil e fundadora do Instituto de Permacultura da Bahia (IPB) – ressalta a importância do uso “dos grandes recursos que vêm da intuição” para quem trabalha com a terra. Sendo facilitadora de cursos de permacultura, Marsha faz questão de incluir elementos espirituais em seus cursos de PDC, sendo denominado por ela de “PDC –Plus”, fazendo alusão às “técnicas intuitivas” repassadas por ela. Segundo Marsha Hanzi:

Antigamente fui muito criticada pelos homens mais ortodoxos do movimento, que tinham medo da permacultura não ser reconhecida como movimento sério se incluir as técnicas intuitivas. Hoje acho que tem muito mais aceitação. Como Einstein falou, “qualquer ciência devidamente avançada parece magia.”<sup>91</sup>

Capra (2006) defende a ideia da união entre o pensamento científico e racional com a intuição natural dos seres humanos. Segundo o autor, somente com esse vínculo, a consciência ecológica surgirá. Nessa perspectiva da ecologia profunda, na qual a vida é percebida como uma teia de interconexões, o que inclui as percepções mais sutis, intuitivas e espirituais, os ecovilenses lidam com a permacultura praticada na Ecovila de Piracanga, considerando, também, a sua natureza prática e racional.

Em conversa com Bruno, “raiz” do projeto Escola da Natureza e ex aluno de Bill

---

<sup>91</sup> Em comunicação via *e-mail* em fevereiro de 2017.

Mollison, numa fala permeada de sensibilidade, o seu entendimento sobre permacultura se funde com a sua trajetória espiritual e sua visão de mundo. Bruno relatou que atualmente não tem como a permacultura ser desvinculada da espiritualidade. Para ele, praticar permacultura sem um “trabalho interno”, visando o crescimento espiritual, não é eficiente:

A permacultura fala em poupar energia e você ser eficiente energeticamente. Mas na verdade, a gente, como ser, a gente é totalmente ineficiente energeticamente. Tipo... eu não conheço nenhum permacultor que tá pelo menos tentando ser eficiente energeticamente. A maioria das pessoas, né? Porque quando você começa a olhar pra dentro, você vai ver que a sua cabeça não para de falar. Você vai ver que os seus pensamentos estão, a todo o momento, acontecendo. Isso é um desgaste de energia gigantesco! Se a gente conseguisse realmente trazer essa eficiência dessa energia interna nossa, eu acho que a nossa capacidade de criação, manifestação, seria incrível, sabe? [...] Não tem como a gente querer ser eficiente energeticamente fora se a gente não tá buscando essa eficiência energética dentro. Então, só através desse trabalho interno é que a coisa é possível.

Na compreensão de Bruno, para que as pessoas estejam *verdadeiramente* preparadas para uma vida em comunidade e para praticar a permacultura é necessário que haja uma procura pela ascensão espiritual, caso contrário, o sistema sustentável – seja uma ecovila, ou um *design* permacultural – se dissipará com o tempo.

Durante a pesquisa de campo na Ecovila, antes de todas as práticas permaculturais que foram realizadas durante os cursos que participei – Retiro de Permacultura e Bioconstrução e Formação Imersiva em Permacultura e Vida em Comunidade – de mãos dadas em uma roda, éramos orientados para nos silenciarmos por alguns instantes, num “estado meditativo” no qual ficávamos atentos aos nossos sentidos. Após essa vivência, éramos guiados para as práticas que, muitas vezes, exigiam esforço físico e concentração. As duas “dimensões” – o material, prático e linear e as “forças invisíveis”, ou o que é espiritual – (con)vivem entre si. É nessa pluralidade que se dá a permacultura realizada pela Inkiri de Piracanga.

Eu acho que o caminho é a espiritualidade. A permacultura é o efeito. Uma consequência. A permacultura ela não é um objetivo, ela é uma consequência do caminho espiritual. Se ela não for uma consequência do caminho espiritual, ela é o mesmo jogo de destruição, entende? Ela vai dar no mesmo lugar. Uma hora ela cai, ela quebra, como tudo aquilo que não é verdadeiro (Bruno).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de atender às necessidades das pessoas de maneiras mais sustentáveis requer uma revolução cultural (David Holmgren).

A realização da presente pesquisa teve importância crucial, tanto no ponto de vista acadêmico, quanto no desenvolvimento de valores mais subjetivos da vida, pois durante a pesquisa de campo e o ato da escrita, foi preciso apurar os sentidos para observar e perceber, na essência, o estilo de vida que os ecovilenses adotaram, o que eles pretendiam repassar com as práticas e nas falas. Essa sensibilidade, demandada em uma pesquisa qualitativa que propõe um mergulho na natureza humana, reverberou em minha própria vida, nas minhas escolhas, quando estimulou perceber o mundo, e as relações interpessoais, de outra forma. Os desafios foram muitos, mas eu os honro. Fizeram-me chegar até aqui.

A imersão no universo das ecovilas e das práticas e princípios da permacultura implicam vivenciar rotinas e hábitos não convencionais, o que sugere reconsiderações e desconstruções de antigos padrões (insustentáveis) de vida. Essas experiências de sustentabilidade têm a potencialidade de influenciar profundamente a vida de quem as vivencia. Incontáveis foram as vezes que conheci pessoas que, depois do término de alguma atividade em Piracanga, voltaram para os seus lares, em grandes cidades, com visões de mundo e hábitos diferenciados, procurando praticar o que vivenciou. Qualquer transmutação, por mínima que seja, no sentido de repensar os hábitos, torna essas experiências de sustentabilidade válidas.

A experiência nesses campos de sustentabilidade instiga o indivíduo a se descobrir enquanto um corpo espiritual muitas vezes inexplorado dentro de um contexto de vida da contemporaneidade. As atividades que visam o autoconhecimento, o crescimento espiritual, além do incentivo, a todo instante, do indivíduo ter tempo para si, no intuito de ficar em paz, em silêncio consigo mesmo, proporciona o surgimento de uma sensibilidade que dificilmente pode ser adquirida em grandes centros urbanos, onde muitas atividades são cronometradas pelo relógio. As ecovilas nos ensinam (ou melhor, nos fazem lembrar), que existem sim, em todos nós, emoções mais sutis, como a intuição e o sentimento de sentir-se como natureza. Desenvolver essas sensibilidades pode abrir caminhos que mudanças profundas, no ponto de vista social, cultural, ambiental e espiritual, de fato, aconteçam.

Como diz Capra (1997), a mudança de paradigma já começou e implica modificações radicais na forma de ver a vida: nas nossas percepções e valores. O novo

paradigma requer que apuremos nossos sentidos e nos percebemos como parte integrante da teia da vida, dos processos da Grande Mãe Natureza. A experiência em ecovilas, juntamente com as práticas e princípios da permacultura, pode ser entendida como parte de uma nova visão de mundo que surge com o intuito de ultrapassar as barreiras da visão uniforme e fragmentada da vida. Como ressalta Gilman (1991), as ecovilas não são um retorno às formas de viver dos nossos antepassados. Constituem um fenômeno pós-industrial que incrementa saberes ancestrais no estilo de vida contemporâneo, o que resulta em novas tecnologias e novos níveis de consciência e percepção (GILMAN, 1991), importantes para a mudança societária que precisamos.

Enquanto fenômenos contemporâneos, é preciso cautela para que não sejam incorporados aos mesmos processos dos quais esses movimentos se opõem, como a transformação de tudo em mercadoria. Mesmo com os poucos anos de surgimento, atenção especial deve ser dada para que as mudanças sociais, ecológicas, espirituais/culturais não se limitem apenas a pequenos núcleos, mas que influenciem toda a sociedade e incluam os que não têm condições financeiras de investir em cursos de práticas ecológicas ou condições de morar em ecovilas. Os conhecimentos nessas comunidades são valiosos demais para serem restritos a grupos isolados. Como diz Gabeira (1985), o movimento, para se proclamar verdadeiramente alternativo, precisa ser uma crítica ao cotidiano e uma proposta de nova sociedade.

Por tratarem-se de temas contemporâneos, ainda há pouca referência bibliográfica encontrada no Brasil. Estudos acadêmicos estão sendo realizados, baseados em livros, em sua maioria, estrangeiros. As ecovilas e a permacultura estão se desenvolvendo nesse país, sendo experiências consideradas incipientes, e tornar cognoscível estudos com e sobre a natureza são necessários à Academia. Nesse universo (ainda) departamentalizado, constituiu-se um desafio desenvolver temas interdisciplinares e transdisciplinares que requerem o pensamento holístico/sistêmico, como natureza, cultura, comportamento humano, hábitos, valores e princípios de uma vida sustentável. Por falta de conhecimento e/ou por considerarem um tipo de ameaça ao modelo de desenvolvimento hegemônico, a forma alternativa de se viver, muitas vezes, não é vista com “bons olhos” pela sociedade e pelas instituições mais conservadoras, o que, ao invés de enfraquecer o movimento das ecovilas e da permacultura, reforça ainda mais a firmeza desses movimentos.

Enquanto pesquisadora, repassar para o papel experiências profundas do ser, hábitos que transcendem a atual forma de viver, foi um desafio, pois cresci numa sociedade de cultura padronizadora, em que percepções mais sutis não são estimuladas. Como interpretar

experiências e falas que, na maioria das vezes, foge do nosso entendimento de mundo raso e superficial, enquanto sociedade que vive afastada da natureza? Sistematizar uma realidade plena, de pessoas satisfeitas com o seu lugar, consigo mesmas e com quem convivem, buscando manter vivo o Amor dentro e fora de si mesmos é desafiador e não deixa de ser uma forma, ainda que tímida, de resistir aos padrões de vida impostos na contemporaneidade.

O trabalho permitiu alcançar o objetivo principal de analisar as relações das atividades da Inkiri Piracanga, na Ecovila de Piracanga, com os princípios e as atividades permaculturais praticadas na comunidade ecológica. Assim como também possibilitou analisar a Inkiri Piracanga enquanto novo espaço sócio ecológico e como importante instrumento de transformação social, econômica, ambiental e cultural/espiritual. Permitiu identificar e descrever as técnicas permaculturais na Ecovila de Piracanga, assim como também servirá de subsídio para o fortalecimento, teórico e crítico, do movimento permacultural e das ecovilas. Porém, nesse campo fértil e de infinitas possibilidades que são as ecovilas e a permacultura, também mostra a necessidade de aprofundar o conhecimento e de mais estudos sobre essas experiências de sustentabilidade.

A pesquisa tratou sobre uma comunidade ecológica, porém, há diversas outras no Brasil e muitas experiências permaculturais sendo desenvolvidas em grandes centros urbanos, por exemplo, passíveis de serem conhecidas. No Estado do Ceará, por exemplo, inúmeras são as experiências permaculturais surgidas a partir de 2006, principalmente - como exposto no Apêndice B do presente estudo. Como se tratam de experiências contemporâneas, o desenvolvimento e adaptação dessa nova forma de viver estão em curso e precisam ser encorajadas.

Ecovilas e permacultura, sendo entendidas como alternativas que ultrapassam as barreiras do senso comum e da visão uniforme, são consideradas formas de resistência à cultura hegemônica. Resistência calcada em ações cotidianas que se expressam em “pequenas” ações potencializadoras do ser. Como diz Roysen (2013, p. 74), “a vida é complicada demais para criarmos fórmulas mágicas de mudança social. A verdadeira mudança é aquela que, mais do que discurso, seja prática cotidiana, seja humanização das relações sociais, seja reflexão e também corpo”.

A vivência na Inkiri Piracanga permitiu-me perceber a grandeza desse movimento, quando, com brilho nos olhos, conheci crianças que aos 5 anos de idade sabiam a importância de reutilizar resíduos, de cuidar das plantas, da vida em comunidade, da inclusão da arte na educação. A vida em ecovila, juntamente com a prática da permacultura, não constitui um projeto de vida efêmero, mas que finca raízes. Essas crianças que conheci estão

desenvolvendo uma visão de mundo profunda, enriquecedora e revolucionária. Que essas e as novas gerações tenham a firmeza de transpor as barreiras fincadas pela sociedade consumista e lutem com afinco por um mundo melhor, com mais afeto, com mais amor.

O desafio é transpor a visão rasa da vida e de si mesmo e começar a mudança, em qualquer lugar, a qualquer hora, aventurando-se em experiências que permitem a sustentabilidade em diversos níveis e nos mostram a beleza da vida.

## REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W. HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.
- ARAÚJO, Maria Paula Nascimento. **Utopias fragmentadas: as novas esquerdas no Brasil e no mundo na década de 1970**. Rio de Janeiro: Editora, ed. 1ª, FGV, 2000.
- ABP. Associação Brasileira de Psiquiatria. **Compulsão por compra é doença**. 2012. Disponível em < <http://www.abp.org.br/portal/compulsao-por-compra-e-doenca/>>. Acesso em 29.03.17.
- ATKISSON, Alan. A Cluster of Eco-Villages. **In Context**, vol. 29. Disponível em: < <http://www.context.org/iclib/ic29/cluster/>>. Acesso em 18/03/2007.
- AUGÉ, Marc. **Não lugares – Introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Tradução de Maria Lúcia Pereira. Campinas: Papirus, 1994.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BALDIN, Nelma; MUNHOZ, Elzira M. Bagatin. **Snowball (bola de neve): uma técnica metodológica para pesquisa em educação ambiental comunitária**. X Congresso Nacional de Educação. Curitiba, 2011.
- BARROSO, João. **Escola da Ponte: defender, debater e promover a escola pública**. In: CANÁRIO, R.; MATOS, F.; TRINDADE, R. (orgs.). **Escola da Ponte: defender a escola pública**. Portugal: Profedições, 2004.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- BAUMAN, Zigmunt. **Globalização: as consequências humanas**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed. 2003.
- BÔLA, Kelly D. S. **Perspectivas da visão transdisciplinar e holística e suas contribuições para a construção de uma sociedade ecológica: o caso da Ecovila Terra Uma, Liberdade – MG**. Dissertação (mestrado). Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais. Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC). Criciúma, Santa Catarina, 2012, 201 p.
- BRANDÃO, C. R. (org). In: . **Repensando a pesquisa participante**. São Paulo: Editora e Livraria Brasiliense, 1987, 3ª ed. 1999.
- BOFF, Leonardo. **Espiritualidade: um caminho de transformação**. Rio de Janeiro: Sextante, 2006.
- BOFF, Leonardo. **Ecologia, Mundialização, Espiritualidade**. São Paulo: Editora Ática, 1996, 180 p.
- BOSCATO, Luiz A. de Lima. **Vivendo a sociedade alternativa: Raul Seixas no panorama da contracultura jovem**. Tese (Doutorado em História Social) – USP, São Paulo, 2006, 260 p.

BUBER, Martin. **Sobre comunidade**. Seleção e introdução de Marcelo Dascal e Oscar Zimmermann. São Paulo: Perspectiva, 2008.

BUENO, E. Introdução: A longa e tortuosa estrada profética. In: KEROUAK, Jack. **On the road; Os subterrâneos; Os vagabundos iluminados**. Tradução: Eduardo Bueno, Paulo Henriques Britto, Ana Ban. 1ª ed. Porto Alegre/RS: L&PM Editores, 2013. p. 9-17.

CAPELLARI, Marcos Alexandre. **O discurso da contracultura no Brasil**: o underground através de Luiz Carlos Maciel (c.1970). Tese de doutorado em História. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

CAMPANI, Michele M. **Organizações Sustentáveis**: Uma reflexão sobre sustentabilidade em ecovilas. Revista Geográfica de América Central; Número Especial EGAL, 2011- Costa Rica II Semestre 2011. 11 p.

CAPELLO, Giulliana. **Meio Ambiente & Ecovilas**. São Paulo, SENAC, 2013. 200 p.

CARAVITA, Rodrigo I. **“Somos todos um”**: Vida e imanência do movimento comunitário alternativo. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012, 250 p.

CARNEIRO, Tamara I. V. **Tijolos de adobe confeccionados no Agreste Pernambucano com adição de resíduo de espuma rígida de poliuretano**. 61 p. Trabalho de conclusão de curso. Disponível em: <[https://www.ufpe.br/eccaa/images/documentos/TCC/2013.1/tcc2\\_-versaofinal201301%20-%20tamara%20isis%20ventura%20carneiro.pdf](https://www.ufpe.br/eccaa/images/documentos/TCC/2013.1/tcc2_-versaofinal201301%20-%20tamara%20isis%20ventura%20carneiro.pdf)> Acesso em: 08/07//16.

CAPRA, Fritjof. **O ponto de mutação**. 26. ed. São Paulo: Cultrix, 2006. 447p.

\_\_\_\_\_. **A Teia da Vida**. São Paulo: Cultrix. 1997. 256p.

**DAMANHUR em Piracanga**. 2015. Disponível em: <<http://piracanga.com/damanhur-em-piracanga/>> Acesso em 10/05/2016.

DAWSON, Jonathan. **How Ecovillages Can Grow Sustainable Local Economies**. Communities Magazine. Nº 133, 2006.

\_\_\_\_\_. **Ecovillages: New Frontiers for Sustainability**. Dartington: Green Books, 2006a.

\_\_\_\_\_. **The ecovillages drem take a shape**. S/d. Disponível em: <<http://gaia.org/ressources/>>. Acesso em 09/03/2017.

\_\_\_\_\_. **A Tale of Two Ecovillages**. Resurgence No. 227 November/December 2004.

DORST, Jean. **Antes que a natureza morra**: por uma ecologia política. Trad. de Rita Buongermino. São Paulo: Edgard Blücher, 1973.

**ECONOMY and work.** S/d. Disponível em: <<http://www.damanhur.org/en/live-community/economy-and-work>>. Acesso em 14/12/2016.

ERICE, Adriana S. **Cultivo e comercialização de plantas alimentícias não-convencionais (PANC's) em Porto Alegre, RS.** Trabalho de conclusão de curso. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Biociências, Curso de Ciências Biológicas. Porto Alegre, 2011, 32 p. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/35330/000794732.pdf?sequence=1>> Acesso em 2/07/2016.

**ESCOLA de Serviço Inkiri.** 2017. Disponível em: <<http://piracanga.com/projetos/escola-de-servico/>>. Acesso em 13/02/2017.

FERREIRA, Juca. Apresentação: Mestre Irineu, um homem de muitas dimensões. In: **Eu venho de longe: Mestre Irineu e seus companheiros.** Salvador/BA: Editora da Universidade Federal da Bahia – EDUFBA, Associação Brasileira de Estudos Sociais do Uso de Psicoativos, 2011, 592 p.

FIGUEIREDO, Geórgia P. **Tecnologias Sociais para a Convivência com o Semi-Árido: Caso do Assentamento Juazeiro, Independência, Ceará.** Dissertação (Mestrado). Curso de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente – PRODEMA, Universidade Federal do Ceará, Ceará, Fortaleza, 2014, 118 p. No prelo.

FIGUEIREDO, João. **A perspectiva eco-relacional e a educação intercultural no entrelaçar de afetos: a descolonialidade do saber com foco na sustentabilidade ambiental.** In: XII Congresso da ARIC (Association Internationale pour la Reserche Interculturelle), 2009, Santa Catarina – RS, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

FLECHA DA MATA. **A permacultura: em vivência comunitária.** 2016. Disponível em: <<http://flechadamata.com/>> Acesso em: 10/04/2017.

FLEURI, Reinaldo M. Apresentação. IN: Gauthier, J.; FLEURI, R. M.; GRANDO, B. S. (Org.). 2001. **Uma Pesquisa Sociopoética.** Florianópolis: UFSC/NUP/CED.

FRANKE-GRICKSCH, Marianne. **Você é Um de Nós – Percepções e soluções sistêmicas para professores, pais e alunos.** Tradução de Décio Fábio de Oliveira Júnior e Tsuyuko Jinno-Spelter. Patos de Minas: Atman, 2009; 199 p, 2ª ed.

FREIRE, Paulo. Criando métodos de pesquisa alternativa: aprendendo a fazê-la melhor através da ação. In: BRANDÃO, C. R. (Org.). **Pesquisa participante.** São Paulo: Editora Brasiliense, 2006, 8ª ed. p. 34 – 41.

GABEIRA, Fernando. **Vida alternativa: Uma Revolução do dia a dia.** São Paulo: L&PM Editores, 1985.

GAIA TRUST. **What's is na ecovillage?** S/d. Disponível em: < <http://gaia.org/global-ecovillage-network/ecovillage/>>. Acesso em 12/03/2017.

GAIA EDUCATION. **Educação para o design de ecovilas:** um curso completo de quatro

semanas sobre os fundamentos do Design para a Sustentabilidade. Versão 5, 2012. Disponível em:

<<https://gaiaeducation.org/docs/publications/EDE%20Curriculum%20v5%20Portugues.pdf>>  
Acesso em: 21/03/2017.

GALBIATI, Adriana F. **Tratamento Domiciliar de Águas Negras Através de Tanque de Evapotranspiração**. Dissertação (Mestrado). Curso de Pós-Graduação em Tecnologias Ambientais, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Campo Grande, Mato grosso do Sul, 2009, 52 p.

GALEANO, E. **As palavras Andantes**. Porto Alegre: L&PM, 1994.

GUEDES, Olinda. **O que traz quem levamos para a escola?** Pedagogia Sistêmica. 1ª ed. Curitiba: Appris, 2012.

GEN. Global Ecovillage Network. **What's is na ecovillage?**. 2014. Disponível em: <http://gen.ecovillage.org/en/article/what-ecovillage>. Acesso em 10/03/2017.

GEN. Global Ecovillage Network. **The dimensions of an ecovillage**. 2014. Disponível em: <<http://gen.ecovillage.org/>> Acesso em: 28 abril de 2016.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002

GILMAN, Robert. The ecovillage challenge: The challenge of developing a community living in balanced harmony - with itself as well as nature - is tough, but attainable, **In Context**, vol. 29, pp. 10-14, 1991.

GILMAN, Robert; GILMAN, Diane. Ecovillages and Sustainable Communities. A Report for Gaia Trust. **In Context**; Bainbridge Island, WA, 1991a

GILMANN, R. Guidelines For Eco-Village Development: eight steps to creating your own sustainable community. **In Context**, v. 29. 1991b Disponível em: <<http://www.context.org/iclib/ic29/gilman2/>>. Acesso em: 28/01/2017

GOLDENBERG, M. **Pesquisa Qualitativa em Ciências Sociais**. In: . A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. 11. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009. p.16-24.

GOLDSTEIN, Susy. **Um fazer diferente: vida em ecovila**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2010.

GOTSCH, Ernest. **Homem e Natureza: Cultura na Agricultura**. Centro de Desenvolvimento Agroecológico Sabiá, 2ª Ed, 2007, 12 p.

**GRAN Circo Vagalume**. 2017. Disponível em: < <http://piracanga.com/projetos/circo/>>. Acesso em 13 fev. 2017.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 2007.

\_\_\_\_\_. **O pós-modernismo na cidade**: arquitetura e projeto urbano, em *Condição pós-moderna*, São Paulo: Loyola, 1992.

\_\_\_\_\_. **Espaços de Esperança**. Ed. 2<sup>a</sup>. São Paulo: Loyola, 2006.

HEEKS, Alan. Cohousing: Alan Heeks explores why cohousing can radically reduce your carbon footprint – and make you happy. **Permaculture Magazine**, nº 52, 2007. p. 23-26.

HENRIQUE, Michele C. **“Ser voluntário”**: algo mais que ocupar o tempo. (Dissertação) Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), 1995, 147f. Disponível em <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/76185/103944.pdf?sequence=1>> Acesso em 27/01/2017.

HOLMGREN, David. **Os Fundamentos da Permacultura**. Versão resumida em português. Santo Antônio do Pinhal, SP: Ecosistemas, 2007. Disponível em: <<http://www.fca.unesp.br/Home/Extensao/GrupoTimbo/permaculturaFundamentos.pdf>> Acesso em 26/06/16

HOLMGREN, David. **Permacultura**: Princípios e caminhos além da sustentabilidade. Tradução: Luzia Araújo. Porto Alegre: Via Sapiens, 2013. [Versão Reduzida].

HOWARD, Ebenezer. **Cidades-jardim do amanhã**. São Paulo: HUCITEC, 1996. IPEC – Instituto de Permacultura e Ecovilas do Cerrado. Disponível em: <<http://www.ecocentro.org/inicio.do>> Acesso em: 23/06/2016.

IPC – Instituto de Permacultura e Ecovilas do Ceará. 2016. Disponível em <http://permaculturaceara.org.br/>. Acesso em 11/04/2017.

PREM Baba: Um encontro de um buscador com o ser. 2016. Disponível em <<https://www.sriprembaba.org/pt-pt/biografia/>>. Acesso em 13 fev. 2017.

JACKSON, J. T. Ross. The Ecovillage Movement. **Permaculture Magazine**, nº 40, 25-30, 2004.

JACKSON, Hildur. **What’s is an ecovillage?**: Based on a working paper presented at the Gaia Trust Education Seminar. 1998. Disponível em: <http://gaia.org/ressources/>. Acesso em 09/03/2017.

JACKSON, Tim. **Prosperidade sem crescimento**: Vida boa em um Planeta Finito. Tradução de José Eduardo Mendonça. São Paulo: Planeta Sustentável Editora Abril, 2013.

KINUPP, Valdely F. **Plantas alimentícias não-convencionais da região metropolitana de Porto Alegre, RS**. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Fitotecnia, Faculdade de Agronomia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil, 2007, 562 p.

LARAIA, R. de B. **Cultura**: um conceito antropológico. 11 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.  
LEFF, Enrique. **Saber Ambiental**: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. Petrópolis: Vozes, 2004.

MARTINIANO, Roberta. **Caronas que inspiram**: Angelina Piracanga. Folga na Direção. s/d. Disponível em <<http://folganadirecao.com.br/caronas-que-inspiram/caronas-que-inspiram-angelina-piracanga/>> Acesso em: jun 2016.

MATTOS, Taisa P. **Ecovilas: A construção de uma cultura regenerativa a partir da práxis de Findhorn, Escócia**. Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2015, 250 p.

MEUROIS-GIVAUDAN, Anne. **Leitura de auras**: Tratamentos essênios. Tradução: CASELLATO, Maria. A. 11 Ed. Editora Pensamento, 2006, 235 p.

METCALF, William James. **“Utopian Struggle: Preconceptions and Realities of Intentional Communities.”** In: “Realizing Utopia: Ecovillage Endeavors and Academic Approaches,” Ed. Marcus Andreas and Felix Wagner, RCC Perspectives, 2012, nº. 8, 21–29.

MINISTÉRIO DE TRABALHO E EMPREGO (MTE). SIES. Disponível em: [http://portal.mte.gov.br/data/files/FF8080812B35FA90012B49A1F9B63B16/sies\\_guia\\_2009\\_01.pdf](http://portal.mte.gov.br/data/files/FF8080812B35FA90012B49A1F9B63B16/sies_guia_2009_01.pdf) Acesso em 29.01.2017.

MOLLISON, Bill; SLAY, Reny M. **Introdução à Permacultura**. Tradução: SOARES, André Luis Jaeger. 2. Ed. Tagari Publication, 1994. 204 p.

MOLLISON, Bill. **Permaculture: A Designers’ Manual**. Tasmânica: Tagari Books, 2002.

MOLLISON, Bill; HOLMGREN, David. **Permacultura um**: uma agricultura permanente nas comunidades em geral. São Paulo: Ground, 1983. 149p.

MONTEIRO, Mônica de Carvalho P. **Crowdfunding no Brasil**: uma análise das motivações de quem participa. Dissertação (Mestrado). Mestrado Executivo em Gestão Empresarial; Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas. Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2014, 209 p.

NERY, D. **Por uma permacultura morena e ecossocialista**. Outras palavras, 2016. Disponível em <http://outraspalavras.net/brasil/por-uma-permacultura-morena-e-ecossocialista/>. Acesso em 28/01/2017.

ODUM, Eugene P; BARRET, Gary W. **Fundamentos de Ecologia**. 5. ed., Editora Thomson Pioneira, 2007. 616p.

OLIVEIRA, Rosiska Darcy de; OLIVEIRA, Miguel Darcy de. **Pesquisa social e ação educativa**: conhecer a realidade para poder transformá-la. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). Pesquisa participante. São Paulo: Brasiliense, 1984. p. 17-33.

OSHO BRASIL. **Quem é Osho?** S/d. Disponível em: <<http://www.oshobrasil.com.br/Osho.htm>>. Acesso em: 13/01/2017.

OSTETTO, Luciana E. **Na dança e na educação: o círculo como princípio**. Universidade Federal de Santa Catarina. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.35, n.1, p. 177-193, jan./abr. 2009.

OTTONI, Dácio A. B. Cidade-jardim: formação e percurso de uma idéia. In:

HOWARD, Ebenezer. **Cidades-jardim do amanhã**. São Paulo: HUCITEC, 1996.

PALLASMAA, Juhani. **Os olhos da pele: a arquitetura e os sentidos**. Porto Alegre: Bookman, 2011.

ROSZAK, Theodore. **A contracultura: reflexões sobre a sociedade tecnocrática e a oposição juvenil**. Trad. Donaldson M. Garschagen. 2.ed. Petropolis, RJ: Vozes, 1972.

ROYSEN, Rebeca. **Ecovilas e a construção de uma cultura alternativa**. Dissertação (Mestrado); Programa de Pós-graduação em Psicologia. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013, 245 p.

SÁ, Maira Cristina de. **Avaliação da qualidade do composto e dos aspectos construtivos e operacionais de banheiros compostáveis**. Limeira, SP : [s.n.], 2011.

SALES, R. M.; CÂNDIDO, G. A. **Economia ecológica, desenvolvimento alternativo e decrescimento: proposição de uma matriz de convergência**. Revibec, Vol. 24, p. 123-138, mai. 2015.

SANTOS JÚNIOR, Severiano José dos. **Ecovilas e Comunidades Intencionais: Ética e Sustentabilidade no Viver Contemporâneo**. In: Encontro da ANPPAS, III, 2006, Brasília – DF. Anais... Brasília: Associação Nacional Pós-graduação e P

SANTOS, Maria E. B. A escola do futuro. In: CANÁRIO, R.; MATOS, F.; TRINDADE, R. (orgs.). **Escola da Ponte: defender a escola pública**. Portugal: Profedições, 2004.

SCOTTHANSON, Chris; SCOTTHANSON, Kelly. **The cohousing hanbook: building a place for community**. Canadá: New Society Publishers, 2005.

SILVA, Vilmar ; GRANDO, Beleni Saléti ; ALVES, Suzy de Castro . A Linguagem não Verbal na Construção do Conhecimento: Uma Vivência Sociopoética. IN: Gauthier, J.; Fleuri, R. M.; Grando, B. S. (Org.). 2001. **Uma Pesquisa Sociopoética**. Florianópolis: UFSC/NUP/CED.

SILVA, D. N. A. C.; CARVALHO, R. **Construções Ecológicas e Sustentáveis: Análise Comparativa de Custos entre Painéis em Bambu e Barro com Alvenaria de Bloco**. TecBahia: Revista Baiana de Tecnologia. Salvador, vol. 22, n. 1-3, jan./dez. 2007.

SILVA, Luís Fernando de Matheus e. **Ilusão concreta, utopia possível: contraculturas espaciais e permacultura (uma mirada desde o cone-sul)**. 2013; 336 f. Tese (Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 2013.

SILVEIRA, Denise T; CÓRDOVA, Fernanda P. **Métodos de Pesquisa**. IN: GERHARDT,

Tatiana E.; SILVEIRA, Denise T. (Org). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009. Disponível em: < <http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>> Acesso em: 21/12/2016.

SINGER, P. **Introdução à economia solidária**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002. 127 p.

SOUSA, Mônica. **A Psicossomática e o Reiki**. São Paulo: O Portal dos Psicólogos, 2012. Disponível em: < <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0651.pdf>> Acesso em 19/07/2016

STEENBOCK, Walter; VEZZANI, Fabiana Machado. **Agrofloresta: aprendendo a produzir com a natureza**. Curitiba : Fabiane Machado Vezzani, 1ª ed., 2013, 148 p.  
TAVARES, Carlos A. P. **O que são comunidades alternativas**. São Paulo: Nova cultural; Brasiliense, 1985. Coleção primeiros passos.

**TEMPLES of Humankind**. S/d. Disponível em: <<http://www.damanhur.org/en/art-and-creativity/temples-of-humankind>>. Acesso em 14/12/2016.

**UNIVERSIDADE Viva Inkiri**. [2016?]. Disponível em: <http://piracanga.com/projetos/universidade-viva-inkiri/> Acesso em 01/01/2017.

VASCONCELOS, Ana C.S.B. **Casas cearenses** – estudo de caso: um lugar para Identidade e Sustentabilidade. Dissertação (Mestrado). Curso de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente, Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, Ceará, 2008, 152 p.

VÍDEO de abertura da I Jornada de Permacultura do Ceará: Um Panorama da permacultura no Estado. Direção: Júnior Animal, João Paulo, Tibico Brasil. Edição final: Júnior Animal. Fortaleza/CE, 2010. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DyDjy3bPk2s>. Acesso em: 09/05/2017.

VITAL, Marcos. H. F. **Impacto ambiental de florestas de eucalipto**. Revista do BNDES, Rio de Janeiro, Vol. 14, Nº. 28, p. 235-276, dez. 2007

VOLTOLINI, Renata V; MORALES, Angélica G. M. **As danças circulares como instrumento de sensibilização ambiental**. Revista Com Scientia, Curitiba, PR, v. 3, n. 3, jan./jun. 2007. Disponível em: <http://www.comscientia-nimad.ufpr.br/artigos/dancascirculares.voltolini.pdf>. Acesso em 27/01/2017

YIN, Robert K. **Estudo de Caso: Planejamento e Métodos**. 2a. Edição, Porto Alegre: Bookman, 2002.

WHAT'S is an ecovillage? S/d. Disponível em: <http://gaia.org/global-ecovillage-network/ecovillage/>. Acesso em 10/03/2017.

WILD, Rebeca. **El centro experimental Pestalozzi**. Cuadernos de pedagogía, nº 341, 18-21, 2004. Disponível em: <<http://dialnet.unirioja.es/ejemplar/100993>>. Acesso em 25/01/1

## APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)**

Você está sendo convidado pela pesquisadora **CAMILLA BARROSO SALES**, Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente da Universidade Federal do Ceará – UFC, a participar da pesquisa intitulada “**ECOVILA E PERMACULTURA: UMA NOVA FORMA DE VIVER**”. Você não deve participar contra a sua vontade. Leia atentamente as informações abaixo e faça qualquer pergunta que desejar, para que todos os procedimentos desta pesquisa sejam esclarecidos.

Esta pesquisa pretende analisar as relações da Ecovila Inkiri Piracanga, situada no município de Itacaré, estado da Bahia, com os princípios e as atividades permaculturais praticadas na comunidade ecológica.

Acreditamos que ela seja importante porque sugere um novo modelo comportamental a ser seguido para uma sociedade que precisa de transformações socioambientais com urgência. Para a realização da pesquisa serão realizadas entrevistas e depoimentos com os moradores da comunidade, filmagens, fotografias dos espaços e das atividades, gravações de voz (que será realizada apenas com o consentimento do entrevistado), levantamento documental e bibliográfico.

É possível que aconteça alguns desconfortos ou riscos, como: alguma pergunta feita na entrevista poderá causar mal-estar, a entrevista poderá durar mais de 1 hora, sua imagem poderá ser utilizada, através de fotografias, na dissertação (imagem divulgada caso haja a permissão do uso dela).

O questionário deverá ter entre 13 e 16 perguntas. Serão aplicados dois diferentes questionários. O primeiro é objetivando analisar as dimensões social e ambiental da Ecovila (16 perguntas). O segundo é visando a análise das dimensões econômica e cultural/espiritual (13 perguntas). Você deverá responder apenas um dos dois questionários. A entrevista pode durar, em média, 40 minutos, o que depende da

disponibilidade de tempo do entrevistado.

Eu, CAMILLA BARROSO SALES, me comprometo em utilizar os dados e material coletado (imagens, entrevista gravada) somente para esta pesquisa e com o consentimento do entrevistado. Asseguro o compromisso de enviar a transcrição da gravação (se houver) para o entrevistado.

Os benefícios que esperamos com a pesquisa são: demonstrar que comunidades sustentáveis baseadas na permacultura têm um poder transformador de mover nossa sociedade para uma condição de sustentabilidade social, cultural, espiritual e ambiental e comprovar que as ecovilas representam um novo espaço – um campo experimental – de um espaço ecológico realmente sustentável. A história da Ecovila e as atividades realizadas pela Comunidade, em Piracanga, tornarão cognoscíveis, após a pesquisa.

Você não receberá nenhum pagamento por participar desta pesquisa.

A qualquer momento você poderá recusar a continuar participando da pesquisa e, também, poderá retirar o seu consentimento, sem que isso lhe traga qualquer prejuízo. As informações conseguidas através da sua participação não permitirão a identificação da sua pessoa, exceto a nós, responsáveis pela pesquisa. A divulgação das mencionadas informações só será feita entre os profissionais estudiosos do assunto.

Endereço da responsável pela pesquisa:

**Nome: Camilla Barroso Sales**

**Instituição: Universidade Federal do Ceará (UFC)**

**Endereço:**

**Telefones para contato:**

**ATENÇÃO:** Se você tiver alguma consideração ou dúvida, sobre a sua participação na pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFC/PROPESQ – Rua Coronel Nunes de Melo, 1000 - Rodolfo Teófilo, fone: 3366-8344. (Horário: 08:00-12:00 horas de segunda a sexta-feira).

O CEP/UFC/PROPESQ é a instância da Universidade Federal do Ceará responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos.

O abaixo assinado: \_\_\_\_\_,  
 anos, RG: \_\_\_\_\_, declara que é de livre e espontânea vontade que está  
 como participante de uma pesquisa. Eu declaro que li cuidadosamente este Termo de  
 Consentimento Livre e Esclarecido e que, após sua leitura, tive a oportunidade de fazer  
 perguntas sobre o seu conteúdo, como também sobre a pesquisa, e recebi explicações que  
 responderam por completo minhas dúvidas. E declaro, ainda, estar recebendo uma via  
 assinada deste termo.

Fortaleza, \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Participante da pesquisa	Data	Assinatura
Nome do pesquisador	Data	Assinatura
Nome da testemunha	Data	Assinatura
Nome do profissional que aplicou o TCLE	Data	Assinatura

## APÊNDICE B – UM BREVE PANORAMA DA PERMACULTURA NO CEARÁ

O vídeo documentário produzido na I Jornada de Permacultura do Ceará, em 2010, aborda como se deu o surgimento da Permacultura no Estado, além de alguns projetos com essa natureza desenvolvidos no semi-árido. Em regiões de estiagem extrema, como em alguns lugares do Ceará, a prática da permacultura pode amenizar os efeitos dramáticos causados pela escassez de chuva, como a erosão e a improdutividade do solo, falta de alimentos, entre outros. Dessa forma, em regiões como o sertão nordestino, práticas permaculturais como, por exemplo, tratamento e reuso de águas em tanques de evapotranspiração e círculo de bananeiras, são ações potencializadoras que poderiam ser incluídas no dia-a-dia dos moradores de regiões com falta de água.

O professor de Arquitetura da Universidade Federal do Ceará (UFC), precursor da Permacultura no nosso Estado, conta que, durante o seu doutorado na Universidade de *Queensland*, Austrália, em 1994, avistou um cartaz com a palavra, “*permaculture*”, até então desconhecida. O conteúdo do cartaz imediatamente o despertou interesse. Com o convite de David Holmgreen, o professor Marcondes Araujo Lima iniciou o PDC, facilitado pelo próprio Bill Mollison, o “pai da Permacultura”. Segundo o professor:

A cada instante, a cada palavra, a cada informação, eu ia identificando e reconhecendo que meu avô era permacultor, que meu pai era permacultor, entende? Eram pessoas que tinham o sentimento, o princípio, a prática. Então, eu me criei com os alimentos no quintal da minha casa: frutas, verduras e processos de diversificação e cuidado com a terra, com os animais, com o excedente. De dividir, de partilhar, sabe? Então eu ia lendo aqui e, ao mesmo tempo em que era novidade, batia na minha vida, na minha memória, na minha história, nos meus afetos, nas pessoas muito queridas da minha vida. Então, a partir desse momento, eu não só assumi, como reconheci no meu DNA os princípios e os valores da Permacultura.

De acordo com Marcondes Araújo, a Permacultura no Ceará, felizmente desenvolveu-se de forma difusa. São muitos focos de atividades e não há um nome ou instituição principal responsável pela difusão do conhecimento e das práticas ecológicas. Somente a partir de 2006, algumas pessoas, no Ceará, passaram a conhecer a Permacultura, principalmente após o Encontro Nacional de Comunidades Alternativas (ENCA) do mesmo ano – encontro onde as práticas e princípios da permacultura são fomentados a todo instante.

Em 2007, após um PDC organizado pelo professor Marcondes, na Universidade Estadual do Ceará (UECE), foi fundado o NEEPSA (Núcleo de estudos e práticas permaculturais do semi-árido). Logo depois, surge a Rede de Permacultura do

Ceará (Rede Permanece), que, em seguida, deu origem ao Instituto de Permacultura e Ecovilas do Ceará (IPC) fundado em 2010. O IPC oferece cursos e vivências, como o *Permaculture Design Course* (PDC), reaproveitamento de recursos (reciclagem, compostagem), curso de agrofloresta, bioconstrução, entre outros (IPC, 2015).

Segundo o vídeo, projetos com a intenção de introduzir os conhecimentos da Permacultura no semi-árido cearense – conhecimento esse que soma com os saberes dos agricultores locais – começam a surgir, como o Instituto Carnaúbas que trabalha com agricultores familiares da região norte do Ceará e atividades permaculturais realizadas em Sussuí, sertão central do Estado. Técnicas de bioconstrução e aproveitamento de água da chuva são incrementadas aos conhecimentos ancestrais dos agricultores locais. A partir daí, a Permacultura passa ser inserida nas universidades do Ceará, através de cursos de pós-graduação, pesquisas acadêmicas e grupos de estudo, como, por exemplo, o Grupo de Estudos e Práticas de Permacultura da UFC (GEPPE), formado em 2012.

Atualmente, a Eco Aldeia Flecha da Mata, uma “estação permacultural” localizada em Aracati – CE, próximo à Canoa Quebrada (FLECHA DA MATA, 2016), é um dos espaços mais conhecidos e visitados por quem procura atividades permaculturais no Ceará. Segundo a mesma fonte, a Eco Aldeia propõe a experimentação de vivências comunitárias, tendo como base práticas permaculturais e de autoconhecimento espiritual. O assentamento gera toda a sua energia elétrica através de placas solares, trata seus resíduos líquidos através de tecnologias permaculturais como tanques de evapotranspiração, círculos de bananeiras e banheiro seco, além de oferecer vivências para alunos de ensino fundamental, médio, superior e visitantes que se propõem a aprender técnicas ecológicas e vivenciar novos hábitos sustentáveis.

O estilo de vida comunitário e integrado à natureza têm se tornado conhecido em todo o país, o que fortalece e evidencia as práticas da Permacultura no Estado.